



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

MARCOS AURÉLIO FERNANDES

**A RELAÇÃO CIDADE - CAMPO NO ROMANCE O MOLEQUE
RICARDO DE JOSÉ LINS DO REGO**

João Pessoa, 2012

MARCOS AURÉLIO FERNANDES

**A RELAÇÃO CIDADE - CAMPO NO ROMANCE O MOLEQUE
RICARDO DE JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente.

Linha de Pesquisa: Cidade e Campo: espaço e trabalho.

JOÃO PESSOA
2012

MARCOS AURÉLIO FERNANDES

**A RELAÇÃO CIDADE - CAMPO NO ROMANCE O MOLEQUE
RICARDO DE JOSÉ LINS DO REGO**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, _____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues - Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior – Examinador 1
Unicamp – campus Limeira

Prof^a. Dr^a. Doralice Sátyro Maia – Examinadora 2
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho a Maria
Gomes da Silva, Marcos Túlio
Fernandes e Marcos Vinícius
Fernandes.

Agradecimentos

Quero pedir licença e me desculpar por essa parte não seguir o rigor acadêmico, o formalismo em que se pauta uma dissertação de mestrado, e agradecer de forma alegre e espontânea aos familiares, professores-orientadores, amigos e colegas de turma que me ajudaram, direta ou indiretamente, na finalização desse trabalho. Escolhi um sábado à noite para expressar minha gratidão às pessoas responsáveis por ajudar a construir essa dissertação. E na alegria de ver meu time de coração, o Vasco da Gama (time que nasceu das bases populares, incluindo todos os sujeitos das camadas sociais) sair com um resultado positivo da partida, (e triste por não ver meu Auto Esporte Clube da Paraíba jogando...) têm ao meu lado uma garrafa de cerveja e escuto uma música do Guns n' Roses; esses fatores potencializam a capacidade mais afetiva em agradecer a essas pessoas que aqui serão lembradas.

Quando aos seis anos de idade perdi meu pai, **Maria Gomes da Silva**, minha mãe, anulou sua vida em prol do cuidado para com seus quatro filhos. Viúva aos 37 anos, bonita, mas com saúde um pouco frágil, traçou uma vida em cuidar, ensinar, mostrar os melhores caminhos para todos os seus 4 filhos. Quero muito agradecer a essa senhora sexagenária por ter me ensinado as melhores coisas da vida. Já me sinto agradecido por ela tão jovem, viúva, nunca ter me dado o desgosto por um padrasto (risos). Obrigado mãe! Por isso Mãe, este trabalho é resultado do seu esforço em sempre ter dado o melhor para mim e meus três irmãos. Ofereço esse singelo trabalho em forma gratidão e respeito que tenho por ti, e que a senhora goze de muita saúde, viva mais 40 anos e me dê o privilégio de aprender mais da sua vida. Te amo camponesa!

O pouco tempo de convivência com meu pai **José Fernandes** (in memoriam) pude desfrutar da sua inteligência, seu caráter e seu pensamento firme. Se hoje o senhor me falta, deixaste um pouco teu em cada filho, e hoje posso compreender o quanto você foi um homem de honestidade ímpar.

Ao meu segundo pai, e irmão mais velho, **Marcos Túlio Fernandes**. Agradeço de coração todos esses anos de convívio e ternura com seu irmãozinho caçula. Não me esqueço de suas “ruindades” em nunca ter me levado de bicicleta à praia, ou ter me levado apenas uma vez ao campinho de futebol (risos). No entanto, os investimentos feitos em meus estudos, me ensinando, dialogando, os cuidados, os afetos, esses ficam mesmo. E esses nunca me faltaram. Mas deixo registrado aqui a bondade, o respeito ao próximo, a ser um homem de palavra, abominar o egoísmo. Também vale ressaltar a

quantidade de vezes que me emprestou seu possante carro para saídas as noites, nos namoros, ou as roupas elegantes para chegar mais apresentável (hehehe). Agradeço pelos sobrinhos, e uma cunhada exemplar, como manda os costumes do Alcorão. O único defeito é a capacidade de se tornar “político” e a natureza “Fábio Júnior”. Contudo é um irmão que muitos outros almejam ter, e tenho essa exclusividade. Obrigado pela leitura do trabalho, os diálogos e as correções. Fizeram com toda certeza a diferença. Quando leio O moleque Ricardo escolho a cena de Ricardo brincando no rio Paraíba com seu irmão caçula, Rafael, como uma das mais próximas entre nós. Obrigado por tudo!

Ao irmão e melhor amigo **Marcos Vinícius**. Agradeço os anos de convivência, me perturbando, azucrinando, mas me dando incentivo, investindo e apostando na minha capacidade. Tenho em você o exemplo de uma pessoa inteligente, dedicada e sonhadora. De natureza cômica, calmo e pensativo. Mulherengo e machista, porém humilde e delicado. Você é uma mistura de tudo isso, e quem lêem essas minhas descrições sobre você obviamente não acreditam. Porém sei que essas características são inerentes a sua pessoa (hehehe). Obrigado pelas explicações literárias, as indicações de livros e nossas discussões entre um quarto e outro, olhando e discutindo os nossos trabalhos. Essa é uma imagem que guardarei mesmo desse mestrado. Sou irritante, mas peço paciência, tenho consciência da minha natureza sinistra. Tenho muito orgulhoso de você, de coração!

Agradeço a minha irmã **Ana Cláudia**, por ter me dado uma sobrinha linda, danada e inteligente, e muito parecida comigo, hehehe! E também ter dado um tempo da casa de nossa mãe para que eu e o Mago tivesse um pouco de paz. Acho você de uma inteligência ímpar, porém deixe de se acomodar e vá estudar mais.

A **Renan, Rebeca, Letícia, Cláudia e Camila**. Sobrinhos e cunhadas. Agradeço pelos momentos “extra-mestrado”. Pagarei em breve um almoço que prometi.

Ao amigo e primo **Ely André**. Agradeço por nosso companheirismo de longo tempo, nossas conversas, nossas angustias. Hoje nos vemos numa situação mais favorável, e hoje me sinto feliz pelo seu crescimento profissional, assim como creio que a recíproca é verdadeira.

A minha amiga e companheira de saídas “**Manu**” **Toscanno**. Menina de muito caráter, estudiosa e dedicada. Amiga de todas as horas, minutos e segundos. Agradeço o incentivo e os elogios. As nossas risadas e nossos gostos musicais em comum.

À minha orientadora **Maria de Fátima Ferreira Rodrigues**.

Os meus sinceros agradecimento à você prof^a Fátima por ter suportado os meus deslizes. Os livros, as orientações, os grupos de estudos, os livros dados de presente, os lanches da tarde com tapioca e café, os aprendizados cotidianos. Talvez você não acredite na admiração que tenho por sua pessoa, mas as suas decisões, inclinações políticas, sua capacidade ideológica e capacidade para ir ao combate fazem de mim um ser que admira uma profissional de tamanha capacidade de atuação. Muitas vezes incomodado com seus “de repente” (risos), mas sabedor dos seus compromissos e suas preocupações e angústias. Essas questões permitem eu ter a dimensão do sujeito social que você representa para a sociedade. Na Universidade aprendi que nossos ídolos são aqueles que nos ensinam o que é bom, e hoje entendo que pessoas da sua natureza representam muito para mim. Agradeço pela orientação e o desafio de ser trabalhar com um tema que foge um pouco de sua área de atuação, porém, nunca tenha faltado um só questionamento que tenha me deixado passar. Assim, a capacidade de admiração por você começa aí, e por isso deixo os meus votos de agradecimento e lealdade por esse nosso trabalho.

Ao amigo **Thiago Santos**. Este sem dúvida é uma das minhas grandes referências como estudante, pesquisador e pessoa. Amigo de longas datas. O privilégio de estudar desde os primórdios de nossa iniciação como estudante de Geografia foi um fator de nossas amarras de grande amizade. Pensando e concordando em algumas coisas, outras nem tanto, porém, o respeito e amizade continuam. Agradeço por sentar comigo e pensar na elaboração do projeto, no qual ingressei no programa da pós. As nossas conversas informais, na sua casa ou na minha, na praça da Geografia ou mesmo em São Paulo onde se encontra fazendo doutorado. Os amigos são para essas horas, inclusive quando ronca ou mesmo quando se é acordado por uma mensagem de celular da namorada do amigo. Só ele entende o que estou dizendo. Hehehe!

Mariana Borba, agradeço por sua beleza e charme que me fizeram nesses dois anos de mestrado um homem mais apresentável quando você estava ao meu lado. Por nossas conversas, por nossos cafés, por nossas angústias e nossos medos. Pela esperança e pela amizade sincera e leal. Pelo incentivo e pelos risos. E mais do que tudo, por sentar ao meu lado e poder agradecer esse belo par de pernas que você tem. Hehehe!

Ao meu Grande AMIGO **Thiago Lima**, (TDMAB) pela amizade, pelo companheirismo, pela ajuda nos momentos mais cruciais. Por nossos momentos na disciplina de Eduardo Viana, construindo nossa “Ximforinpola”, pois nossa amizade

nasceu de um desenho cujo sentido lembra nosso grande seriado latino-americano: Chavo Del Ocho. Por isso, grande seguidor de Castoriadis, Marcelo Lopes e Marco Mitidiero agradeço o apoio e a revisão no meu trabalho. Como também nossas aventuras em Goiás, ou nos bares da capital paraibana. Admiração pelo profissional que você já era, e a certeza do pesquisador que você se tornou.

Ao AMIGÃO **Diego Silvestre**. Não tenho palavras suficientes para agradecer por sua dedicação com meu trabalho. Seja viajando ao Recife na coleta de dados, bibliografias, tirando fotos de “paisagens verdejantes, pastos, colinas suaves”, ou mesmo andando pelo Recife debaixo de sol quente, atrás dos “mocambos de Zé Lins”. Deixo aqui, dileto amigo, meu respeito e gratidão por me ajudar a construir esse trabalho. Seja nas coletas como já mencionei ou mesmo formatando e ajudando nas normas chatíssimas da ABNT.

Ao amigo **Ibrahim**, grande babão de Bartolomeu Israel. Agradeço por nossa amizade, e a viagem inesquecível ao sertão paraibano, conhecendo outros mundos, outras terras, novas pessoas. Essa viagem será marcada pelo aparecimento do “Performático”, o qual quando lembramos damos boas gargalhadas. Agradeço pelo incentivo e as várias vezes que nos encontrávamos virtualmente (facebook e MSN) me dando muita força para a conclusão desse trabalho.

Ao **Cleiton**, amigo de turma pelas excelentes informações sobre o Recife. Por nossas andanças por essa tão bela capital pernambucana, por sua bondade em me ajudar, em buscar informações, em dirigir meus passos por terras ainda não desvendadas.

Ao **Hélio** por nossas conversas tomando o café “delicioso” da cantina do seu Lunga, nas “tiradas de onda” com Thiago Lima e sua mania de querer justificar os seus relacionamentos com base em Castoriadis.

Ao **Gestar**: Salomé “Gato” **Maracajá**, **Manoel Junior**, **Camila**, **Sandra**, **Chico** e o amigo sumido **Wellington**. Boas risadas foram construídas durante esses dois anos, principalmente a desbocada da Salomé por suas palhaçadas, e o amigo Wellington Fужão de Fátima, hehehe. Havia esquecido, porém lembrei e faço questão de exaltar o nome de **José Benedito**, grande amigo e amante da literatura. Vamos retomar nossas discussões nas leituras poéticas, grande Bene!

Aos Professores **Bartolomeu Israel**, **Raimundo Barroso**, **Sérgio Alonso**, **Josias Galvão** agradeço as disciplinas ministradas e capacidade em desenvolver os temas de tamanha complexidade para um aluno de mestrado.

A potência da Geografia Urbana brasileira, baluarte maior das discussões “lebvreveanas”, **Doralice Sátyro Maia**. Obrigado pelos apontamentos em meu seminário de dissertação, e de qualificação, como também na disciplina de Epistemologia, além de outros momentos de construção do pensamento sobre o urbano.

A professora e grande potência da Geografia Cultural brasileira **Maria Geralda**, por suas valiosas contribuições não apenas na qualificação, como também na disciplina Imaginário e representação no Nordeste, quando tive a honra de conhecê-la. Profissional de tamanha capacidade de pesquisa, e nos mostrar que a cultura também faz parte das nossas explicações espaciais.

A funcionária **Sônia**, pelas informações e paciência que tem com os estudantes da pós. Sempre muito gentil no trato comigo, agradeço por sua generosidade de trabalho.

A todos os companheiros da turma de 2010. O aprendizado foi grande ao lado de um universo de pensamentos.

Aos amigos da escola QI: **Aldenir Lins** (Geografia), **Isaías** (coordenador), **Eliana** (português) e **Ataídes** (História). Agradeço pelo sorriso quando soube do meu ingresso no programa da pós, e o incentivo logo em seguida para começar a pesquisa.

Aos amigos de outra hora: **Mara Edilara**,(e) **Yure Silva**, **Victor Júnior**, **Áurea Régia**, **Luana Louise**, **Henrique Guttierres**, **Jorginho**, **Marco Mitidiero**, **Helen Nunes**, **Lairton Lunguinho**, **Igor Maia**, **Nirvana**, **Rebeca**, **Rafaela**, **Everton Lima**, entre outros ... a memória me falha no momento. Por nossas conversas, nossas cervejas, nossas farras.

Aos ex-alunos e ex-alunas que tornaram-se grandes amigos: **Jonathan**, **Rafael Testa**, **Bruno Jorge**, **Argentino** (amigos de futebol), **Marcos**, **Maga Raissa**, **Daylhane**, **Luana Alzira e Helinho** (amigos e companheiros de farra), **Rafael Xavier e Eduardo (Dudu)**, **Nyedja** (amigos de cerveja e churrasco). Toda a turminha do Evolução (9º ano), em especial **Lívia Pontes**, **Ana Clara**, **Alícia Nogueira e Maricol**, pela força e o carinho durante meu curto espaço de tempo na escola.

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...*

*Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!*

Navio Negreiro, Castro Alves

RESUMO

As narrativas romanescas incorporam-se como uma forma a mais de interpretação da realidade espacial. Geografia e literatura construíram laços de afinidades que nortearam o diálogo entre esses campos do saber. Assim, a literatura romanesca consiste como meio estimulante de análise e conhecimento geográfico, possibilitando compreender os aspectos materiais e imateriais inerentes ao espaço. Assim, escolhemos a narrativa romanesca de José Lins do Rego, “O moleque Ricardo”, como importante fonte de memória, documento e representação de determinada realidade. A trajetória do personagem principal, Ricardo, possibilita compreendermos as instâncias que fizeram o moleque da bagaceira migrar do engenho Santa Rosa em direção a cidade do Recife. A saga de Ricardo, criança negra trabalhando como semi-alugado do coronel José Paulino, nos instiga a interpretar e analisar o campo e a cidade. O contexto histórico vivido pelo autor serve como pano de fundo para mostrar o cotidiano de uma sociedade recém-liberta, vivendo em regime de semi-escravidão no engenho e posteriormente como operário no espaço urbano. As agruras vividas pelos negros, no campo ou na cidade, podem ser observadas no romance. José Lins do Rego, romancista do movimento regionalista de 1930 traduz o painel dos problemas sociais do Nordeste do Brasil, em especial a região da zona da mata paraibana e pernambucana.

Palavras-chave: Geografia e Literatura, José Lins do Rego, campo, cidade.

ABSTRACT

The fictitious narratives incorporate themselves as an additional way of interpretation of spatial reality. Geography and Literature built affinities that guided the dialogue between these fields. Thus, fictitious literature consists of a stimulating means of analysis and geographical knowledge, enabling to understand the material and immaterial aspects inherent in space. Thus, we chose the fictitious novel by José Lins do Rego, "The boy Richard (O moleque Ricardo)," as an important source of memory, document and representation of a certain reality. The trajectory of the main character, Ricardo, enables us to understand the institutions that made him migrate from Santa Rosa mill to Recife city. The saga of Richard, black child working as a semi-rented by Colonel José Paulino, urges us to interpret and analyze the countryside and the city. The historical context experienced by the author serves as a backdrop to show the everyday life of a newly liberated society, living in semi-slavery on the plantation and later as a laborer in urban space. The hardships experienced by blacks in the country or city can be observed in the novel. José Lins do Rego, novelist of the regionalist movement of 1930 reflected the panel of social problems in the Northeast of Brazil, especially the region of Zona da Mata of Pernambuco and Paraíba.

Keywords: Geography and Literature, José Lins do Rego, country, city.

RÉSUMÉ

Les récits romanesques s'incorporent comme un moyen de plus d'interpréter la réalité spatiale. Géographie et Littérature ont tissés des liens d'affinités qui ont guidé le dialogue entre ces deux domaines. La littérature romanesque comme un moyen d'analyse stimulante et de la connaissance géographique, permettant de comprendre les aspects matériels et immatériels inhérents à l'espace. Ainsi, nous avons choisi le récit romanesque par José Lins do Rego, "Le gamin Ricardo", comme une source importante de la mémoire, des documents et la représentation d'une certaine réalité. La trajectoire du personnage principal, Ricardo, nous permet de comprendre les institutions qui ont fait le gamin de *bagaceira* migrer de la plantation Santa-Rosa vers la ville de Recife. La saga de Ricardo, enfant noir à travailler comme un esclave loué par le colonel José Paulino, nous incite à interpréter et analyser la campagne et la ville. Le contexte historique vécu par l'auteur sert de toile de fond pour montrer la vie quotidienne d'une société nouvellement libérée, vivant en semi-esclavage sur la plantation et plus tard comme un ouvrier dans l'espace urbain. Les difficultés éprouvées par les Noirs dans le pays ou la ville peuvent être observées dans le roman. José Lins do Rego, romancier du mouvement régionaliste de 1930, reflète le panneau des problèmes sociaux dans le Nord-Est au Brésil, en particulier la région de la Zona da Mata de Pernambuco et de Paraíba.

Mots-clés: géographie et la Littérature, José Lins do Rego, campagne, ville.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – José Lins do Rego	42
FIGURA 02 – A Casa-Grande	43
FIGURA 03 – O rio Paraíba	44
FIGURA 04 – A Estrada de Ferro de Pilar	52
FIGURA 05 – A antiga Estação Férrea de Pilar	52
FIGURA 06 – Mobília da Casa-Grande	53
FIGURA 07 – Avenida Encruzilhada	55
FIGURA 08 – O rio Capibaribe e os mocambos	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - Diálogo entre Geografia e Literatura	20
1.1. Geografia e Literatura: Interlocuções possíveis	20
1.2. A obra ficcional de José Lins do Rego: Fonte memorial, documental e de representação do real	29
CAPÍTULO 2 - José Lins do Rego: vida, obra, pensamento e influências	42
2.1. Ensaio sobre o literato José Lins do Rego	42
2.2. José Lins do Rego entre Pilar e Recife: o sujeito social e a compreensão da dupla espacialidade	48
2.3. O contexto e a inserção de José Lins do Rego no movimento regionalista de 1930	58
2.4. O Nordeste: a zona da mata como recorte espacial na obra linsdoregueana	68
CAPÍTULO 3 - A trajetória do moleque Ricardo: deixando paisagens, vivendo lugares.	79
3.1. Paisagem rural sob o olhar do moleque Ricardo: o campo, a casa-grande, a ferrovia	79
3.2. A vida de Ricardo em Recife: a cidade apreendida a partir da experiência pessoal do personagem	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o quarto romance do ciclo da cana-de-açúcar, *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, destacando o campo da arte como forma de interpretação e análise geográfica.

A escolha pelo romance caracteriza-se por seu enredo apresentar a fuga de Ricardo do engenho Santa Rosa em direção a cidade do Recife, principal centro econômico, político e cultural do Nordeste dos anos de 1930. Ricardo, criança negra, vive como trabalhador alugado recebendo ordens do coronel José Paulino. O moleque da bagaceira percebe que enquanto estiver no engenho não passaria da servidão patriarcal, conforme ocorrera com os seus familiares e outros negros que dependem do favor do coronel. Tentando mudar esse destino exalta a cidade do Recife como possibilidade de liberdade e de uma vida mais feliz. O mundo rural é visto pelo personagem como espaço da escravidão e a cidade o da libertação. No entanto, com o decorrer de sua vivência na cidade, essa visão idílica irá ruir e ele concluirá que no engenho do coronel José Paulino desfrutava de uma condição mais favorável.

Com esse romance, José Lins do Rego carrega o talento instintivo de conduzir a trama romanesca fugindo das antigas narrativas cuja ambiência se dava, exclusivamente, no mundo rural. Cumpre ressaltar que o referido transita entre a memória rural e urbana. Os tempos de engenho irá se valer para a construção da supracitada narrativa. Porém, a partir dos estudos na Faculdade de Direito do Recife e a convivência com outros letrados, como exemplo José Américo de Almeida, Raul Bopp, Olívio Montenegro, Gilberto Freyre, entre tantos, possibilitaram uma “fuga” do espaço telúrico do engenho e uma percepção da cidade recifense como uma nova janela a ser analisada. Dessa forma, foram incorporados elementos citadinos no enredo romanesco, expressando uma obra cuja narrativa transcorre, também, no mundo urbano, fato que configura uma exceção dentro do universo literário edificado por Lins do Rego. No entanto, essa ruptura não será introduzida abruptamente, pois o personagem Ricardo, mesmo estando na cidade, rememora constantemente os tempos de moleque da bagaceira. Essas reminiscências serão decisivas para um dia voltar ao engenho Santa Rosa.

O romancista paraibano, José Lins do Rego, destaca-se por seu perfil literário comparado aos cantadores de feiras, os violeiros e seus repentes, de linguagem comum, simples, solta e sem imprevistos. Conforme aponta Almeida (1984, p.72) “não é,

contudo, a gíria: é o linguajar do homem comum, a fala da sala e da cozinha, do engenho e da cidade”.

Criada por seu avô materno e suas tias, “Zélins” toma a sua infância no engenho Corredor como painel para criação de sua literatura. Observando a altivez de seu avô com os criados da casa-grande, visualizando o trabalho braçal dos negros da bagaceira, esse “menino de engenho” torna-se-á um desbravador na arte de contar histórias. A caracterização da vida social vivida no campo e na cidade será posta em seus romances, possibilitando por nós geógrafos a investigação das relações sociais no espaço. O cenário posto na obra, com espaço e tempo definido, configura-se como importante contribuição aos estudos da Geografia.

A literatura como forma de representação simbólica nos ajuda a perceber determinada realidade espacial. Este estudo tem por objetivo a análise das representações das relações espaciais do campo e da cidade, propostos no enredo ficcional linsdoregueano, cuja trajetória do moleque Ricardo possibilita a visualização material e simbólica dos elementos inseridos espacialmente. Assim, esse estudo prioriza o caráter interdisciplinar e estabelece um diálogo profícuo entre Geografia e Literatura.

Para chegarmos a um resultado satisfatório delimitamos uma metodologia que conjugasse o campo da arte e da ciência. Assim, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental com caráter interdisciplinar nas áreas das ciências humanas e sociais sobre temas correlatos. A pesquisa teve caráter de revisão, no intuito de estabelecer algumas leituras teóricas mais de acordo com nossa pesquisa. Na forma digital fizemos um levantamento em sites especializados (Portal da Capes, Scielo, Domínio Público, etc.) apontando alguns livros, ensaios, artigos, periódicos, dissertações e teses disponíveis, relacionados direta ou indiretamente ao nosso tema de estudo, como também de críticos literários que debatessem a respeito da obra de José Lins do Rego.

Na Universidade Federal da Paraíba apontamos três bibliotecas específicas em busca de bibliografias necessárias: Biblioteca Central, Setorial do CCEN (Centro de Ciências Exatas e da Natureza) e Setorial do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes). Outras bibliotecas foram importantes, como a da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Pernambuco. O Museu José Lins do Rego, localizado no Espaço Cultural (João Pessoa), possibilitou algumas impressões interessantes, com acervo bibliográfico e iconográfico. Nesse espaço da memória do autor também existe parte da mobília do antigo Engenho Corredor e utensílios que eram

utilizados nos tempos da fabricação de açúcar na propriedade do seu avô materno, o coronel José Lins Cavalcanti.

Outra importante fonte bibliográfica e documental encontra-se na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), localizada em Apipucos, Recife. Uma das maiores contribuições do sociólogo Gilberto Freyre como pesquisador e escritor não se resumem somente a extensa produção bibliográfica. A Fundaj é uma das mais importantes bibliotecas do Brasil, e idealizada por Gilberto Freyre reúne grande quantidades de trabalhos de pesquisa entre teses, dissertações, ensaios, periódicos, acervo iconográfico e de filmagens, conservados e restaurados. A Fundaj reúne grande quantidade de material em seu acervo. Grande parte das fontes bibliográficas a respeito de José Lins está disponível em seu acervo.

Destaco também como suporte de nossa pesquisa as referências encontradas na biblioteca do GESTAR (Grupo de pesquisa credenciado ao CNPq e sob coordenação da Prof^a Dr^a Maria de Fátima Ferreira Rodrigues. Algumas fontes de apoio estão disponibilizadas em seu acervo, como dissertações e teses, e a coletânea Geografia Cultural organizado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl.

A opção pelo o romance “O moleque Ricardo” justifica-se pelas potencialidades geográficas inerentes em seu enredo, como também o fato dessa narrativa ficcional ser construída mediante as experiências pessoais do escritor com o espaço vivido. Natural do município de Pilar-PB, os primeiros dois capítulos da obra ocorrem no engenho, e os demais capítulos passam-se na cidade do Recife. A vida de José Lins do Rego nos primeiros tempos de infância é vivida no engenho Corredor. Na adolescência e idade adulta vive no Recife, estudando Direito na Faculdade do Recife. Os lugares por onde passou e viveu intensamente.

Assim, perceber o lugar vivido por José Lins do Rego foi o nosso trabalho de campo, tendo em vista a importância de materializar as impressões de paisagens que ocorrem no romance. A captação dessa paisagem do mundo do engenho e da cidade potencializa nossas impressões. Um acervo de fotos de Pilar e Recife foi por nós compilado. As águas do rio Paraíba, a casa-grande do engenho Corredor, a via-férrea são impressões contidas no romance e que tivemos a oportunidade de fotografar. No Recife, a apreensão também foi compreendida em virtude dos pontos reais da cidade transposto para a narrativa ficcional. A Avenida Encruzilhada, a João de Barros, o rio Capibaribe, os mocambos que margeiam o respectivo rio, a rua da Aurora, o pátio do Carmo, entre outros são alguns pontos da cidade aos quais José Lins faz alusão.

Deixemos claro que, se tratando de uma narrativa ficcional, alguns nomes de espaços citados na obra não são reais. Alguns nomes de bairros, avenidas, praças ou ruas que aparecem na obra são da natureza criadora do romancista. Por isso que nos capítulos de nossa dissertação reafirmamos a literatura ficcional como representação do real.

No primeiro capítulo apresentaremos algumas interlocuções entre Geografia e literatura. Consideramos as orientações de autores que trabalham diretamente com a temática em tela, objetivando a construção desse campo de análise. Assim, entendemos que o diálogo entre ciência e arte é fundamental para a compreensão espacial, alicerçando a literatura romanesca como fonte da memória, documental e representação do real.

No segundo capítulo apresentamos a vida, a obra, o pensamento do autor José Lins do Rego. Pelas experiências pessoais podemos entender a maneira como o autor construiu sua literatura ficcional, pois, a memória de Lins do Rego trabalhou no sentido de criar narrativas vividas pelo próprio autor. Sem confundir romance com autobiografia, a genialidade em coletar na paisagem vivida, no campo ou na cidade, confere a obra “O moleque Ricardo” a espontaneidade criadora do autor.

O terceiro capítulo mostra a saga de Ricardo, moleque da bagaceira do engenho Santa Rosa, em direção a cidade do Recife. Introduzimos a discussão do conceito de paisagem associado ao campo, pois, as reminiscências do mundo rural estarão presentes na memória do personagem, e estas serão reavivadas sempre que o moleque do Santa Rosa perceber um mundo mais injusto e individualista quando se encontra no Recife. Assim, quando o mesmo migrar do engenho para a cidade, por meio da locomotiva, ele irá experimentar uma nova realidade. Sugerimos, dessa maneira, associar o conceito de lugar as novas experiências no espaço da urbe. O lugar vivido está mais no sentido da topofobia do que a topofilia (TUAN, 1980). Essas experiências com a nova realidade local nortearão a narrativa. Considerando a relação campo e cidade existente na obra, o personagem sempre compara o engenho com o Recife, num movimento saudosista daquele. Sente repúdio do seu Alexandre, dono de padaria no Recife, e exalta a figura do coronel José Paulino. Esse será os motivos de sua fuga para o Recife.

Enfim, o contato da Geografia com a literatura possibilita muitas interpretações, reais e simbólicas. Assim, tentamos explicitar essa geografia latente que existe na obra de Nordeste de Lins do Rego, de um espaço-tempo específico da narrativa, a fim de compreender as representações espaciais do romance.

Capítulo 1 – Diálogo entre Geografia e Literatura

O intuito desse primeiro capítulo consiste na compreensão de interlocução entre Geografia e Literatura por alguns autores desta ciência. Respal damos a literatura como importante narrativa da memória do autor José Lins do Rego, assim como reverberar o romance como meio de documento social e representação do real. Entendemos que os conceitos de memória, documento e representação são balizadores no processo de construção do diálogo entre Geografia e Literatura, criando amarras importantes entre campos distintos do saber. Nesse sentido, o papel do intelectual-escritor como fonte de criação ficcional revela-se importante quando o mesmo capta as imagens do lugar vivido e transfere suas impressões para a narrativa romanesca.

1.1. Geografia e Literatura: Interlocuções possíveis

Os geógrafos do primeiro decênio do século XX demonstraram interesse em utilizar as narrativas romanescas como fonte de investigação científica. Em virtude do rico arsenal cultural existente nos gêneros literários, esses geógrafos se esforçaram em reconhecer a plenitude dessas fontes, considerando, entre outras razões, como meio interpretativo do espaço geográfico. Brosseau (2007, p.17) comenta:

O inglês H. R. Mill, em seu manual de livros de geografia, recomendou a leitura de “romances geográficos”[...] mas alguns anos antes Herbertson (1902) e Keating (1902) já sugeriam que os geógrafos, na análise dos lugares, se voltassem para a poesia e para a literatura de ficção. Com algum esforço, podemos também observar um convite nesse mesmo sentido no artigo de Vidal de la Blache sobre a geografia de *A Odisséia*, em 1904, ou, ainda antes, nos dois capítulos de *Cosmos*, de Humboldt, dedicado à literatura e à pintura.

No entanto, considerando o tempo histórico, final do século XIX e início do século XX, momento da Geografia recém institucionalizada como ciência, e a inserção de outras fontes filosóficas e metodológicas nesse período inicial dos estudos geográficos, a utilização da literatura esteve, em princípio, direcionada como fonte de testemunho ou complemento das análises regionais. Assim, por essa e outras

motivações a utilização das fontes ficcionais por geógrafos não estiveram como proposta desenvolver um novo campo de estudo, com base teórica e metodológica própria (BROSSEAU, 2007).

No Brasil o campo disciplinar Geografia e literatura cresce em virtude do desenvolvimento, a partir dos anos de 1990, da Geografia Cultural. Assim, conforme aponta Corrêa e Rosendahl (2005, p.97) os “aspectos da cultura, no entanto, eram tratados nos estudos regionais, mas não eram priorizados nem se tinha a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas”.

Entretanto, em face do avanço da utilização de textos ficcionais na atualidade, pesquisadores brasileiros já mencionavam a necessidade de extrair dos romances a riqueza geográfica que neles estão presentes. Alguns geógrafos alertavam para o caráter de testemunho e documento que os romances podiam incorporar nas discussões científicas.

Pierre Monbeig (1957), em *Literatura e Geografia*, confirma essa posição quando evidencia que o viajante e explorador colonial era o antepassado do geógrafo: “Suas obras eram essencialmente descritivas. Contava suas viagens e, com algumas agradáveis impressões da paisagem, anotava reflexões do bom senso sobre os hábitos e costumes indígenas”. (MONBEIG, 1957, p.223)

Fernando Segismundo (1949, p.327) propõe, a respeito da utilização da literatura por geógrafos, que:

No entender do leigo, será contrassenso incluir-se um livro de literatura, um romance, por exemplo, entre os tratados de geografia, como um documento duma região, ou dum acidente. Certo, a obra de ficção – conto ou poesia – não é estritamente uma composição geográfica, mas, do mesmo modo que um tomo de geografia é obra literária, um romance ou volume de versos podem constituir excelente repositório de dados geográficos. Daí a inclusão freqüente de muitos deles, nas estantes dos especialistas.

Aroldo de Azevedo (1950), importante geógrafo e autor de vários livros didáticos de Geografia do Brasil, produziu um artigo sobre Euclides da Cunha comentado a cultura geográfica do autor em *Os Sertões*. Visto que a obra de Euclides da Cunha não teve a preocupação em ser estritamente geográfica, o então jornalista que cobriu a guerra de canudos no interior baiano demonstra ter conhecimento sobre autores de geografia. Assim, argumenta Azevedo com relação a autores de vários campos do conhecimento que inspirou os escritos de Euclides:

A influência de Teodoro Sampaio a respeito do que existe de geográfico em “Os Sertões” parece ter sido realmente notável. Forneceu-lhe mapas inéditos do nordeste da Bahia, transmitiu-lhes numerosos apontamentos de caráter histórico, deu-lhe tudo quanto pudera recolher em sua famosa viagem à Chapada Diamantina e ao vale do São Francisco, como um dos componentes da missão chefiada por Milnor Roberts. (AZEVEDO, 1950, p.24)

O mais importante ao apontarmos o livro *Os Sertões* está na bagagem cultural e a sensibilidade das impressões do lugar referidas por Euclides da Cunha. A sua experiência vivida durante um período de tempo num espaço nunca antes conhecido permitiu angariar características, descrições pormenorizadas da região de Canudos. Impressões principalmente dos tipos humanos; dos “Hércules Quasímodos”¹.

Partimos da premissa de que há um diálogo evidente entre o campo da ciência e da arte, visto que as manifestações artístico-culturais não são desconectadas do todo social que enseja sua produção, estando, quase sempre, relacionadas ao contexto sócio-histórico-espacial dado. Dessa forma, trazemos à baila a mesma questão posta por Almeida e Olanda (2008, p.9) com relação a essa temática, objetivando que seus leitores pensem a respeito, e desde já compartilhamos da mesma opinião:

É possível desvelar a relação do homem com o meio de sua vivência por intermédio da literatura? Apreender eventos pela subjetividade artística materializada na obra literária, possibilita conhecer aspectos sócioespaciais de determinada sociedade? As possibilidades de respostas para tais questões se efetivam por meio da abordagem cultural na Geografia que se fundamenta na Geografia Humanística.

Outra arguição a respeito de alguns questionamentos externos à Geografia – ou mesmo dentro dela – sobre a interlocução dessa ciência com a literatura tem sido posta por Marandola (2006, p.63) quando a mesma aponta:

Quando se levanta a possibilidade do estudo da Literatura pelo geógrafo, alguns podem perguntar se isso está na sua alçada. Ou ainda, poderão questionar: que relação tem o geógrafo, cientista em busca da verdade, com o romance, obra que está comprometida com a ficção? Porém, é seu aparente descompromisso com a verdade com a facticidade empírica que faz com que a Literatura possa alcançar

¹ Essa expressão é uma referência ao sertanejo de Canudos, um oxímoro que descreve o homem da caatinga. O “Hércules” representa a força, e o “Quasímodo” a feiúra. Aspecto bem característico do homem sertanejo, envelhecido pelo sofrimento, calor do sol e miséria.

níveis de conhecimento que podem estar muitas vezes inacessíveis ao método científico.

Concordamos quando Oliveira e Marandola Jr (2009) atestam a relação entre Geografia e literatura, afirmando que as mesmas possuem intrínseca relação. No entanto, os supracitados autores comentam que foi na modernidade que se deu a separação dessas duas dimensões do conhecimento social, e, que desta forma criou-se um espaço lacunar empobrecendo uma discussão totalizante. Os referidos pesquisadores justificam o espaço e a geografia não apenas como elementos inerentes na trama romanesca, mas essenciais de toda a narrativa. Sendo assim Marandola Jr e Oliveira, (2009, p.488) afirmam:

Geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar. Por esta via, muito tem se discutido a partir das noções de território, lugar, paisagem e região, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

O valor que assume o romance para o conhecimento geográfico é de fundamental importância, de modo que os escritores ao relatarem paisagens, lugares e regiões extraem delas ricas e detalhadas descrições.

A respeito da importância da literatura para a história brasileira, pensemos o quão nossa história ficaria comprometida se não houvesse o cronista Pero Vaz de Caminha quando documentou as primeiras impressões de nossa natureza e dos povos que viviam nesse espaço ainda não tomado por completo pelos portugueses. Ou mesmo o *Diário de Navegação* de Pero Lopes de Souza, escrivão do desbravador Martim Afonso de Sousa. Além das citadas, existem outras narrativas que proporcionam o estudo histórico e geográfico do Brasil colonial. Quanto a esses textos de informação Bosi (1994, p.13) destaca:

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são *informações* que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro [...] é graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar o fenômeno da palavra-arte.

O resgate das narrativas literárias é estimulado pela ciência de modo geral em função da concretude descritiva dos lugares, das paisagens, dos homens, dos hábitos, costumes etc.; pelo valor que dela emana, de realidade e conhecimento sobre o mundo. Conforme aponta Marandola Jr e Oliveira (2009, p.490) “é impossível investigar Paris sem ler Zola, as tormentas do Índico e do Pacífico sem ler Conrad, ou mesmo investigar o sertão sem ler Euclides da Cunha ou Guimarães Rosa”. Cada autor com sua especificidade ao relatar o seu espaço experienciado, de maneira própria e singular.

Geografia e literatura ganha notoriedade, força e profundidade no mundo acadêmico quando da renovação, repaginação dos fundamentos teórico-metodológicos e da crise paradigmática dos anos de 1970. O legado do Humanismo foi fundamental para que esse campo Interdisciplinar eclodisse no mundo acadêmico, em especial Anglo-Saxão, como uma nova forma de observar o mundo, de interpretar e analisar a realidade dos homens.

Se antes os geógrafos observavam nos testemunhos literários uma fonte documental, essa nova etapa da ciência abre espaço para a literatura ser inserida em outras abordagens, além do seu caráter documental e descritivo. É preciso considerar que o humanismo revelou à interpretação científica a sua subjetividade. A subjetividade esteve sempre presente na investigação científica, embora a esta fosse negada por alguns paradigmas que afirmavam a objetividade e neutralidade da ciência. Assim, amarrando o campo da ciência com a arte, algumas influências filosóficas diversas (Fenomenologia, Existencialismo, Idealismo, Hermenêutica, Historicismo, etc.), metodologias e conceitos tornam-se essenciais na intermediação do homem e seu lugar.

Importante obra a ser estudada como base filosófica para os interesses entre Geografia e Literatura, Dardel (2011) e sua abordagem fenomenológica expressa a relação visceral Homem-Terra. No prefácio à edição brasileira Marandola Jr. (2011, p.3) confirma que “*O Homem e a Terra*² é um típico caso de obra que estava muito à frente de seu tempo, o que resultou numa longa espera para que seus frutos pudessem aparecer”.

Para Dardel (2011) a relação do homem com a Terra deve ser vista a partir da compreensão do seu “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes”, a experiência com o seu lugar, a *geograficidade*. Ele entende que tanto o geógrafo quanto o romancista interpretam o espaço geográfico de maneira particular. Em relação ao texto

² Eric Dardel (2011)

literário ele comenta que “a escrita, tornando-se mais literária, perde clareza, mas ganha em intensidade e expressividade, devido ao estremecimento da existência que é dada pela dimensão temporal restaurada”. (DARDEL, 2011, p.4).

A experiência com o espaço geográfico leva o romancista a criar o seu espaço imaginário representado na narrativa romanesca pincelada de elementos colhidos na paisagem vivida. O espaço geográfico é também espaço telúrico, da experiência concreta do homem com o solo, das “imagens que chegam primeiro com sensações táteis ou como manifestações visuais de uma identidade substancial, antes de se decantar em idéias ou em noções”. (Ibidem, 2011, p.15).

O telúrico toma o sentido metafórico da liberdade, em que os homens a experienciam. O contato do romancista com o seu espaço vivido, o seu lugar demonstra essa experiência. A Terra é experienciada. Base da existência, onde o homem pode se assentar e se estabelecer.

Visto que a Geografia e a literatura encontram-se no campo da fronteira Eric Dardel (2011, p.4) já questiona a ciência moderna: “Alcançamos uma fronteira que a ciência do laboratório nos proibirá de atravessar, mas que ultrapassaremos, em direção ao mundo irreal onde uma geografia permanece subjacente”.

Considerar unicamente a dimensão material nos estudos geográfico reduz a capacidade de interpretação dos fenômenos espaciais. Conforme apontamos anteriormente o legado do humanismo fortalece a linha de investigação da Geografia com a literatura. Precursora dos estudos sobre o humanismo na Geografia Livia de Oliveira acrescenta na sua investigação os livros ficcionais como possibilidade de outro olhar na análise geográfica³.

Incorporando os debates do Humanismo na Geografia, sob forte influência de Tuan⁴ (1980; 1983) e a contribuição da leitura cognitiva e afetiva de Piaget, Livia de Oliveira contribuiu no sentido da possibilidade de se trabalhar diante das mais vastas esferas do conhecimento, inclusive as artes.

A referida autora afirma que Geografia e literatura estão na perspectiva da ousadia, em virtude desse estudo encontrar-se na fronteira. É preciso ousar. A

³Marandola Jr e Gratão (2003, p.9) destaca alguns trabalhos orientados por Livia de Oliveira: “A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no Grande Sertão – Veredas”, dissertação de mestrado, e “Paisagem & Ciganos”, tese de doutorado, ambas de Solange Terezinha de Lima (LIMA, 1990;1996); “A Pedra do Reino – sertão vivido de Ariano Suassuna”, doutorado de Vernaide Medeiros Wanderley.

⁴ Livia de Oliveira é responsável pela tradução de ambos os livros de Yi-Fu Tuan: *Topofilia: Estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) e *Espaço e Lugar* (1983).

interdisciplinaridade, a amálgama entre Geografia e literatura, revela a tendência de estudos pautados na visão integrada que buscam “na imaterialidade, nos sentimentos e na afetividade a significação geográfica dos fenômenos e a essência da relação homem-meio”. (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2003, p.15).

Ainda pensando como amarrar esse campo interdisciplinar de interlocução Marandola Jr e Oliveira (2009, p.487) “colocam o espaço e a geografia como elementos inalienáveis e fundamentais de toda narrativa e não apenas como palcos da trama literária”. Atentam para o fato da literatura no Brasil ter penetrado na vida social e cultural muito antes que a ciência geográfica, e que a relação Literatura-Geografia⁵ tem importância fundamental no sentido de explorar *Uma Nova Cartografia do Mundo*, em que se preze também o conhecimento do espaço imaterial.

Em conformidade com esta questão Marandola (2006, p.62) comenta que “esta abertura para outras formas de saber e para o diálogo interdisciplinar é um esforço relativamente recente nos estudos geográficos”. Buscando centralizar mais as discussões a respeito dos homens, uma Geografia mais antropocêntrica, e as peculiaridades inerentes – afetividade, emoção, desejo – tem sido a tônica da relação existente da Geografia e Literatura.

Os estudos relacionados ao diálogo Geografia-Literatura estiveram, até os anos 1990, situados em um plano secundário no âmbito da Geografia Cultural brasileira, sobretudo no que tange ao enfoque cultural do urbano. Nesse sentido Marandola (2006, p.63) comenta:

Estes estudos têm aumentado bastante nos últimos anos, mas, no Brasil, a maioria deles tem focado os romances regionalistas brasileiros, que dão ênfase a situações (cenários) rurais, sendo muitas vezes anteriores à modernidade urbana. Embora existam trabalhos que enfoquem a cidade, eles são poucos entre geógrafos brasileiros. Acreditamos que um estudo que utilize uma obra literária que represente o viver urbano pode enriquecer tanto os estudos sobre a cidade, como também contribuir para o desenvolvimento da própria linha de investigação sobre Geografia e Literatura, aumentando o leque de possibilidades na compreensão do nosso mundo e de estudos interdisciplinares.

⁵ Marandola Jr. e Oliveira (2009) em artigo intitulado **Geografia e espacialidade na literatura** (2009) ilustram em quadro analítico algumas abordagens desenvolvidas por outros geógrafos no intuito de justificar a utilização de textos ficcionais. Entre as abordagens que envolvem Geografia e literatura podemos destacar o enfoque que cada pesquisador atribui a esses campos do saber. Assim, constata-se o Conteúdo geográfico; Espaço telúrico e imaginação da matéria; Percepção e experiência ambiental; Paisagens culturais e representações; Sentido do lugar, etc., como algumas das abordagens dos pesquisadores. (Ibidem, p.496).

Ainda, comenta a importância de urdir Geografia, literatura e cidade⁶. Os romancistas tratam a cidade moderna enquanto palco dos seus enredos. Interessam-se por sua forma poética, quanto sombria e desumana, ou mesmo saudosista e bucólica. “Os estudos sobre percepção do ambiente urbano podem encontrar na Literatura uma fonte que pode ser muito enriquecedora para as pesquisas que envolvam os lugares, as paisagens e as percepções citadinas”. (MARANDOLA, 2006, p.71). As imagens da cidade, o imaginário urbano, as experiências de vida são constatações encontradas em obras literárias. Estas consistem como forma de representação do real, conforme aponta Bastos (1993).

Nas leituras culturais destaca-se o que foi enfatizado por Côrrea (2006, p.143) quando da investigação a respeito dos estudos sobre o urbano⁷, em que “particularmente sobre a cidade, também estão impregnadas de metáforas, metonímias e sinédoques, revelando que a cidade está sendo interpretada como um texto”. Tal perspectiva enriquece os estudos urbanos quando se utiliza obras de cunho ficcional.

Em torno dessa geograficidade presente na obra romanesca Marandola Jr e Oliveira (2009) comentam a necessidade de se apropriar da leitura literária enquanto discurso que entrelaça o real e o fictício. Tuan (1983, p.180) já confirma que “a função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”. Ainda assim é preciso esclarecer essa correlação entre ciência e arte. Marandola Jr. e Oliveira (2009, p.498) afirmam:

O interesse geográfico pela Literatura se inicia justamente pela espacialidade explícita e implícita das narrativas. É o que os romances trazem de realidade, de veracidade que interessa e salta aos olhos. Esta situação é muito expressiva da própria condição da Literatura no período de formação da ciência geográfica (século XVIII e XIX), momento em que assume as feições do romance moderno. É a época do surgimento dos Estados-nacionais, da sistematização e institucionalização de várias ciências e do triunfo do positivismo e do racionalismo enquanto formas privilegiadas de pensamento.

Com relação a essa interlocução, há quem comente nos tempos atuais da morte da Geografia e da literatura, seu distanciamento e sua não utilidade, outros defendem o

⁶ Cf. SUZUKI, Júlio Cezar. **O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade**: uma leitura de “A rosa do povo”. / GRATÃO, Lúcia Helena Batista Grato. **Por entre becos e versos** – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina.

⁷ Cf. FERNÁNDEZ, Gabriela Rodríguez. **A cidade como foco da imaginação distópica**: literatura, espaço e controle.

fortalecimento de ambas, “as duas se reinventando para dar novas respostas a velhas perguntas, já que a experiência do homem sobre a terra, seus sentimentos, dores, identidades, angústias e afetividades continuam sendo a maior *terrae incognitae* a ser explorada por escritores e geógrafos”. (Ibidem, p.503)

Olanda e Almeida (2008) defendem uma reflexão profunda entre Geografia e literatura como forma de entender a relação homem e meio de existência. As obras literárias são vistas como importante objeto de investigação das relações humanas e compreensão de suas experiências nos lugares. Atestam para o fato dessa abordagem cultural está estreitamente ligada ao viés humanista, incorporado nos anos de 1970, como já foi dito.

A literatura converge como importante meio de apreensão da realidade. “Desse modo, credita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte de cultura, a possibilidade de ela intermediar a relação do homem com o meio por ele produzido e valorado”. (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p.11)

No enfoque das *Convergências entre Geografia cultural e a Literatura* (OLANDA; ALMEIDA, 2008) é preciso resgatar a idéia do homem visto segundo dimensões as mais variadas, compreendido em sua totalidade. Esse homem reduzido às análises da estatística não foi devidamente analisado em questões mais subjetivas, não o valorizando de fato.

A perspectiva cultural da Geografia considera o homem enquanto produtor de cultura e valoriza o seu papel transformador no espaço geográfico. Observa que para investigar o mundo vivido dos homens e sua relação com o meio é importante considerar os atributos socioespaciais (afetividade, sentimento de pertencimento, símbolos espaciais, etc) como elementos de apreensão espacial. (OLANDA; ALMEIDA, 2008).

A abordagem cultural da Geografia considera a representação como importante conceito a ser inserido na investigação da imaterialidade no espaço romanesco. “A linguagem literária assim considerada é, portanto, uma representação, dado que utiliza a linguagem escrita para expressar e comunicar a experiência humana”. (Ibidem, p.22)

Conforme foram se estruturando novas formas de interpretação da realidade espacial, o diálogo entre Geografia e Literatura torna-se significativo para entender as relações existentes entre os homens com o seu lugar. Como aponta Monteiro (2002, p.15):

O sustentáculo dessa concepção aparentemente estranha (ou anticientífica), advinda daquilo que se atribui à “revelação literária”, é a natureza holística identificável quando da literatura atinge foros de “universalidade”, ou seja, quando ela transcende a um caso particular de uma dada região – fisicamente vária – para falar da “condição humana” – basicamente uma.

Abordando o conteúdo geográfico existente em obras romanescas, Monteiro (2002) destaca a necessidade corpórea para se realizar e sentir a concretude do lugar. Assim, o romance muitas vezes é resultado das experiências do escritor com o seu lugar vivido. Destaca também a tradição da cultura como suporte para uma visão de um espaço e tempo definido.

Assim, Monteiro (2002) reverbera a necessidade de entrelaçar campo da ciência com o da arte, em especial o romance, pois, dele se retira novos aspectos de “interpretação”, reconhecendo no mesmo uma nova essência.

O romance surge como meio rico de interpretação geográfica, pois, quando se analisa a narrativa ficcional “a noção de “lugar”, embora sendo uma obra da imaginação e criação literária, contém uma “verdade” que pode estar “além” daquela advinda da observação acurada, do registro sistemático de fatos” (MONTEIRO, 2002, p.14).

Assim, com base nos autores destacados podemos considerar o papel balizador das narrativas ficcionais como meio de aprendizagem, interpretação e análise da Geografia. Esta, incorporando novos paradigmas, teorias e conceitos filosóficos, abre-se para novas discussões acadêmicas quando da utilização dos romances. As narrativas ficcionais são importantes quando consideradas como meio de memória, documento e representação do real. Iremos dialogar nesse sentido no próximo sub-capítulo.

1.2. A obra ficcional de José Lins do Rego: Fonte memorial, documental e de representação do real

“Quero me recordar, estar sempre me lembrando. É outra palavra que gosto de ver pegada à minha obra. Dizem que sou um homem que sirvo da memória. De fato, a saudade me tem dado o que há de belo nos meus romances”.

José Lins do Rego

Através da memória literária podemos vislumbrar as manifestações culturais de um grupo social, os retratos dos lugares, os tempos e os espaços geográficos. Não há como negar que o conjunto de romances produzidos por Lins do Rego⁸ tem por característica divulgar a cultura do seu lugar, fruto das reminiscências de infância, dos tempos de menino, revestindo-se de grande valor para interpretar as relações sociais estabelecidas, as paisagens e os lugares por onde os pés desse homem das letras percorreram.

A literatura ficcional reveste-se de grande importância para transmissão dessas memórias, produzindo um legado de interpretações acerca da cultura e imaginário social realizadas pelo romancista. Lins do Rego soube com maestria divulgar traços de sua experiência em narrativas romanescas.

Nas narrativas linsdoregueanas Figueiredo Jr (2000) considera sobremaneira o valor dos elementos constitutivos da paisagem nordestina. Esses elementos variam da espontaneidade virtuosa em descrever a paisagem à diversidade de sujeitos e formas espaciais constantes nas obras. Moleques, beiras de rios, trabalhadores do eito, dias de sol e chuva, migrantes, camponeses, operários, cidades, rameiras, eram constantemente presentes nas obras do autor. Consiste no depoimento do sujeito que vai além de sua experiência pessoal, transpondo-a para dar vida, por meio de sua inventividade, ao romance. Por isso, adverte Castello (1990, p.183), que a obra de Lins do Rego “é o produto da experiência vivida no ambiente do engenho, consciente ou inconscientemente acumulada pela memória”.

Um ano antes de sua morte, Lins do Rego presenteia seu público leitor com um livro de memórias. “Meus verdes anos” (1956) retrata suas reminiscências de infância no Engenho Corredor, em Pilar-PB, quando o romancista aos quatro anos de idade passa a conviver com seu avô materno e suas tias na casa-grande. Esse livro, além de ser um depoimento de sua vida, constitui-se enquanto contribuição para se estudar a vida do autor.

Outra razão para a leitura de “Meus verdes anos” está em esclarecer até que ponto essa fonte de memória utilizada por Lins do Rego se fez presente e tornou-se fundamental em sua obra de ficção. Esta compreensão ancora-se em Cavalcanti (2002, p.15) quando este autor problematiza: “Quais os limites, nos seus romances, entre o

⁸ A partir desse momento adotaremos a expressão Lins do Rego, pois o mesmo quando assinava os artigos e publicações em jornais da época (Diário de Pernambuco e Dom Casmurro) utilizava do seu sobrenome. Os seus companheiros de literatura e boêmia também o chamavam por Lins do Rego ou mesmo Zé do Rego.

real, entre o vivido e acontecido, e o que lhe veio, para a escrita, ao sabor de sua prodigiosa torrente de imaginação?”. Na interlocução com os leitores e críticos de Lins do Rego compreendemos que suas memórias, imortalizadas na obra em questão, são fundamentais para quem estabelece um diálogo comparativo sobre a fortuna ficcional contida nos escritos memorialista do escritor.

Dessa forma, registre-se, então, que apesar de a crítica literária considerar “Menino de Engenho” um romance autobiográfico, o autor o redigiu como obra ficcional. Isso demonstra o hibridismo entre experiência pessoal e construção ficcional presente em toda obra de Lins do Rego (PROENÇA, 1990).

O traço épico do conjunto de sua obra, em especial aqueles verificados no ciclo da cana-de-açúcar, cuja paisagem remete aos tempos da riqueza e decadência dos senhores de engenho, o livro de “Meus verdes anos” confirma outras lembranças e memórias já narradas pelo autor no engenho, mergulhado na infância junto aos moleques de bagaceira e das negras da cozinha da casa-grande; extensão dos quartos da senzala.

Devido o conteúdo autobiográfico de “Menino de Engenho” Broca (1990, p.467) considera o livro de memórias de Lins do Rego como escrito desnecessário. “As memórias hoje publicadas constituem, portanto, uma ampliação do quadro já delineado nos seus principais detalhes no primeiro livro do escritor”. “E, diante deste caráter memorialístico presente nos dois livros, sendo “Menino de Engenho” ficção, e, “Meus verdes anos” depoimento de sua infância, Broca (1990, p.467) esclarece a semelhança entre os mesmos:

Apesar disso, sente-se que José Lins do Rego, ao começar a escrever *Menino de Engenho* pensou em fazer um romance. Pelo *Meus verdes anos* sabemos que a sua mãe morreu de parto, isto é, “de menino nascido morto”, como diziam as negras, e que pedira ela para que o filho não fosse criado com o pai. Daí ter ficado José Lins no engenho do avô. *Menino de Engenho*, porém, começa com uma cena melodramática. A mãe do herói é assassinada pelo marido, num acesso de loucura. Percebe-se o intento do escritor de explorar o romanesco. A morte de parto não teria o cunho de tragédia que ele procurava, como ponto de partida para o livro. Mas logo depois já desiste da ficção, preferindo a realidade. Três dias após o assassinato, o garoto é levado para o engenho do avô onde permanece sob a guarda da tia Maria, tal como em *Meus verdes anos*.

Assim também ocorre com outros personagens que estão inseridos no romance e se espelham em criaturas reais de sua convivência no engenho. Com o advento do

casório de tia Maria Menina, tia Naninha assume o posto de segunda mãe de Lins do Rego. A antipatia com o marido de tia Naninha aparece em tia Sinhazinha, em “Menino de Engenho”. Carlinhos de Melo (o espelho de José Lins) foge da velha negra, de cara enrugada e voz áspera. “Em *Menino de Engenho*, nem a tia Naninha nem o marido aparecem. Mas surge uma personagem odiosa para a qual o escritor transfere o caráter do marido de tia Naninha: a tia Sinhazinha” (BROCA, 1990, p.467).

A autobiografia é uma consignação dos fatos, já o romance o é a libertação do mesmo. O romance é a transfiguração dos fatos. Tanto um quanto o outro são memórias, fundamentais para reanimar o tempo de sua existência. O espaço se transforma, transfigura-se, a paisagem muda, novas formas sobressaem, mas a memória permite consolidar o tempo e o espaço vivido pelo escritor. Lins do Rego traz o drama humano, as injustiças sociais e angústia das pessoas. Ao mesmo tempo fala a respeito da felicidade, do companheirismo, do amor das negras aos brancos e deles em relação a elas.

Os lugares íntimos estimulam nossa memória. A criança confia seu corpo às experiências em seu espaço íntimo. A casa é o lugar do convívio e da percepção da criança. Quando menino, Lins do Rego corria pelo velho casarão do avô e pelos arredores da casa-grande. À sombra do avô passou a experienciar o seu lugar. Tuan (1983) comenta a respeito dessas experiências íntimas, que apesar de ter difícil expressão não é impossível revelá-las.

Os elementos simbólicos que fazem parte do mundo rural do sujeito Lins do Rego possuem uma intimidade com a vida do literato. Seja a mobília da casa-grande, as colunas da varanda, a senzala, os cavalos de raça do seu avô, referenciais que abundam romances do ciclo da cana-de-açúcar, constituem-se em símbolos do seu espaço vivido. Estes símbolos não gozam de significado único somente para os que têm a posse, no caso o seu avô. Esses mesmos símbolos não são obscuros para outros. Ganham outro significado.

As imagens de lugares vislumbrados nos romances de Lins de Rego evocam a imaginação sensível do autor em representar suas experiências. Sua arte tem valor de permanência, valor de documento e de memória social. Tuan (1983, p.156) comenta:

Os lugares íntimos são tantos quanto as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação,

mas não são guardados como instantâneos no álbum de família nem percebidos como símbolos comuns.

O acúmulo de experiências de Lins do Rego no período da infância e da juventude, e, conseqüentemente, na fase adulta resulta em narrativas espontâneas e emotivas. O romance enaltece a manifestação mais profunda do eu artístico. O teor memorialista em Lins do Rego figura como peça fundamental na construção da narrativa romanesca.

A construção e personalidade dos romances de Lins do Rego é resultado do auxílio à memória, fonte essencial na compilação de suas narrativas literárias. Conforme aponta Le Goff (2003, p.419) a memória é “o conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

O romance tecido na amálgama de razão e sentimento, entre o real e o imaginário, amadurece conforme a utilização dessa memória, em que as lembranças vividas e narradas pelo romancista reafirmam sua importância na construção do enredo ficcional. É por meio dela que se buscam as raízes mais profundas da organização social vivenciada pelo autor.

Percorrendo os espaços experienciados da infância e juventude no Engenho Corredor, em Pilar-PB, e já na vida boêmia em Recife-PE, Lins do Rego embebido pela memória se vale dela para construir romances do Nordeste agrário, úmido, de cana e engenho cujo valor estético e literário extrapola as fronteiras geográficas a cada releitura.

A narrativa romanesca de Lins do Rego expressa o olhar que o mesmo codificou em suas observações do lugar vivido. O ver e o olhar considerados sinônimos guardam em si discordâncias semânticas. Entendendo ambas as palavras no jogo do visível, o “olhar” é mais profundo que o “ver”. Este carrega em si o significado da objetividade, do imediatismo, da não internalização dos fatos. O olhar é mais profundo, subjetivo, em que está estruturado segundo o processo de construção da percepção e da apreensão⁹. A respeito do olhar como importante processo de construção da imaterialidade Chauí (1995, p.40) comenta:

⁹ TIBURI, Márcia. Aprender a pensar é descobrir o olhar. Em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=26>. Acesso em: 16 julho 2012.

O olhar apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria. “resume” e ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material.

A natureza da observação inerente ao romancista está exposta em suas narrativas, resultado de suas experiências e labor construtivo. O olhar é responsável por trazer o mundo para dentro do romancista. O resultado desse olhar são as manifestações literárias. Em conformidade a este pensamento Chauí (1995, p.48) diz que:

O desenvolvimento da inteligência se faz pela memória e pela experiência e ambas articulam-se à palavra porque esta pode ser transmitida e conservada, enquanto a visão é intransferível e efêmera, ainda que privilegiada para o momento da aquisição do conhecimento.

Essa constante visita as próprias memórias¹⁰ é bem comum na obra de José Lins e de outros romancistas. Muito deles, quando voltam tempos depois a casa onde experimentaram a infância e adolescência, sentem reverberar um silêncio incômodo, os cheiros voltam, o perfume do lugar libera fragrâncias do passado, enaltece-se aquela velha memória. Lins do Rego diz: “um mundo inteiro se moveu para mim. O menino do engenho renasceu dentro de mim. E verifiquei que tudo que eu havia realizado era insignificante, sem grandeza de espécie alguma” (GUSMÃO, 1990, p.53).

A memória¹¹ revive o passado dá sentido às subjetividades dos fatos. A casa é importante no sentido de reviver as mais importantes recordações da infância. Lins do Rego observando a casa-grande de seu tempo de menino, não parece ser tão grande como ele imaginou. Realmente a casa-grande do engenho Corredor reduziu, pois, o que houve foi a fixação das antigas dimensões na memória de infância. Com os olhos de adulto causa espanto. Gonçalves Filho (1995, p.95) comenta a aproximação entre a memória e o olhar:

O olhar que se desperta em direção ao passado, divertindo-se e compenetrando-se nas imagens de um outro tempo, suscitadas nos materiais e nas obras que a memória impregnou, longe de constituir-se num impedimento nostálgico à história, instaura um desequilíbrio na relação com o presente, presente vivido e representado como *progresso* [...] a memória expõe, no contraponto, a amabilidade e a

¹⁰ Cf. BOSI (1987).

¹¹ Cf. Halbwachs (2004).

brandura ante os sabores, os aromas, as cores, as sonoridades, as formas essenciais de uma cultura.

Reforçando o valor da memória na construção literária Minuzzi (2007, p.17) salienta o fato da “memória individual está entrelaçada à memória coletiva, expressa cultura, modos de ser, sentir e fazer”.

O valor das narrativas romanescas como fonte de memória espaço-temporal são cada vez mais privilegiadas nos estudos científicos. “Na obra literária, a memória ganha forma, é recontada e reconstituída [...] a memória de uma época, a representação da sociedade encontra-se na obra literária.” (Ibidem, p.17).

Através da memória de idosos e da memória literária Minuzzi (2007) analisa as manifestações culturais presentes nos vínculos entre avós e netos, dentre outras narrativas consideradas em conformidade com o romance “Menino de Engenho” de Lins do Rego. O ato de mostrar no romance a relação entre diferentes gerações não induz pensar os personagens como figuras reais, porém refletem o comportamento psíquico e físico de uma pessoa real.

No personagem do romance aludido Carlinhos de Melo repousa a admiração e o respeito pela figura do Coronel José Paulino. A figura imperativa do avô leva Carlinhos a enaltecê-lo, e, como testemunha de vivência faz referência ao espírito combativo do homem que foi a referência do imaginário social da várzea do rio Paraíba e Engenho Santa Rosa.

Diante do exposto, fica evidente que a obra de Lins do Rego contém uma toponímia resultante das significações imaginárias do lugar em que viveu. Dessa forma, torna-se imperativa a tarefa de esclarecermos nossa noção acerca do conceito de toponímia para, posteriormente, identificá-la na obra de José Lins.

Tuan (1980) afirma que o indivíduo, em que pesem os processos de construção da personalidade e do comportamento derivados dos processos sociais mais abrangentes, percebe a realidade através dos sentidos. Dessa forma, pode-se dizer que o processo de construção das significações imaginárias sociais e, dentre elas, as ligações com os lugares nos quais a vida cotidiana se reproduz, deriva, de um lado, das formações sociais nas quais um determinado indivíduo se insere e, de outro, dos aspectos singulares existentes nos processos mentais inerentes às construções interpretativas de cada ser humano. A toponímia pode ser definida como “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p.107).

O romance de José Lins está associado a esse espaço, regado de sentimento e saudosismo. Assim, entendemos o laço de afetividade e sentimento pelo lugar considerando a apreciação estética do mesmo, conforme aponta Tuan (1980) com relação ao desejo do cenário.

Marandola (2007) analisando a poesia de João Cabral de Melo Neto – a materialidade e racionalidade de seus poemas – confirma a utilização da memória para sua construção poética e das experiências vividas. Assim como Lins do Rego produziu o seu romance distante do seu lugar de origem, seu espaço telúrico, a poesia cabralina foi resultado de seu esforço distante das terras de Recife. Tanto o primeiro quanto o segundo se afastaram de seus espaços telúricos, fruto da experiência vivida, e, consideram esta distância fundamental para a construção de suas narrativas.

João Cabral quando se distancia de sua terra natal toma os elementos geográficos de Pernambuco como fonte de seu material literário. Esse registro é tomado de significado para nossas incursões ao pensamento de Lins do Rego. As experiências vividas tornam-se memórias e são trabalhadas no intuito de fazer literatura ficcional. Assim, Lins do Rego, com suas experiências de vida, resgata memórias e constrói suas narrativas ficcionais.

Lins do Rego serviu-se dessa memória para relacioná-la ao seu espaço telúrico. Faz uso desse recurso como algo indispensável à sua construção romanesca. Como aponta Dardel (2011) a geograficidade é a base para se entender o espaço telúrico, pois, conforme o homem se relaciona com o seu meio, com sua natureza, estabelece uma ligação íntima, de cumplicidade. A geograficidade é entendida por essa ligação, essa cumplicidade entre o homem e a terra. Isso pode ser observado nas palavras do próprio Lins do Rego, quando o mesmo disse em entrevista que: “gosto que me chamem de telúrico [...] e me alegra que descubram nas minhas atividades literárias forças que dizem do puro instinto” (VILLAÇA, 1999, p.19).

Além do telúrico, nos romances de Lins do Rego o testemunho é um valor recorrentemente acionado. A descrição das paisagens e dos lugares, o conteúdo geográfico intrínseco, permitiu que pesquisadores incluíssem em seus estudos fontes literárias como formas de documentos providenciais para interpretar a realidade. Conforme aponta Maia (2011, p.166):

Atualmente, tornou-se bastante usual o uso de textos literários para expressar não só a realidade vivenciada pelo autor/personagem, mas também para revelar os sentimentos, as idéias e mesmo as relações

dadas no momento a que se refere a narrativa. Nas obras de Marshall Berman – tudo o que é sólido desmancha no ar -, assim como nas de Walter Benjamim, os poemas de Baudelaire muito traduzem a cidade de Paris no final do século XIX. Assim a literatura já algum tempo vem sendo objeto de análise ou recurso metodológico de escritos de acadêmicos diversos, inclusive geógrafos.

Independente da temática central de cada um desses pesquisadores, geógrafos ou não, a literatura ficcional configurou-se enquanto importante suporte na interpretação dos seus trabalhos.

Bastos (1993) escolheu alguns romances regionalistas como forma de ilustrar determinados contextos socioespaciais, promovendo uma aplicação didática dos mesmos. A linguagem científica, muitas vezes fastidiosa nos livros de ensino médio, encontra nos gêneros literários uma forma de combater o caráter enfadonho dos textos científicos, permitindo o diálogo interdisciplinar e, assim, auxiliando na construção de uma formação intelectual mais holística.

A literatura, ao manifestar essa transcrição da experiência dos lugares, estabelece a valorização do literato enquanto sujeito pertencente ao seu espaço vivido. Essas experiências transcritas contribuíram para que novas noções como valores, identidade, representações, etc., pudessem exaltar o homem nos estudos geográficos, e conhecer melhor a sua cultura. A escrita regionalista de Lins do Rego é o exemplo da força cultural nordestina.

A concepção da literatura na visão cultural da Geografia reveste-se de importância balizadora aos estudos geográficos. Segundo Cândido (2006) a arte se notabiliza como produto da sociedade, em que espaço e tempo são elementos inerentes das manifestações literárias. Na apreensão do real o romancista tem a capacidade de focalizar os aspectos sociais em seus diferentes momentos da sua vida, e, transporta para o plano ficcional as experiências adquiridas.

No plano do verossímil a trama romanesca tal como a mesma se apresenta é puramente real. A utilização do romance em nossa pesquisa não parte da verdade que existe na narrativa delineada pelo escritor em suas evocações enquanto romancista. O que nos interessa é destacar a literatura como possibilidade de representação do real, além de fonte documental e da memória, conforme será exposto em parágrafos posteriores.

No âmbito dessas constatações reiteramos a pertinência no que se refere a literatura como importante fonte documental. Esse entendimento da literatura como

documento é capaz de fundamentar os estudos no campo das ciências humanas, e encontra respaldo em autores como Le Goff (2003), uma vez que o mesmo reconhece no documento o apoio necessário como fonte de pesquisa.

O referido autor analisa dois objetos: monumento e documento. O primeiro vocábulo vem da raiz indo-européia *men* que significa “fazer recordar”, “iluminar”. Já a segunda palavra, documento, refere-se a *docere* que significa “ensinar” e que evoluiu para o significado de “prova”. O documento se constitui como prova histórica. Se o romance passa a ser visto como recordação do passado, como monumento, ele também é interpretado como documento dessa recordação. Existiu ao longo da história o questionamento a respeito de qual palavra utilizar, monumento ou documento, para designar os testemunhos históricos.

Le Goff (2003) destaca o papel de Fustel de Coulanges e da escola Positivista na redefinição do conceito de documento, como também a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, além de ser a palavra documento utilizada com mais intensidade nos estudos históricos do século XIX triunfando sobre a palavra monumento. O legado da escola dos Annales e de seus fundadores, Lucien Febvre e Marc Bloch, é o de ampliar o conceito de documento, pois dessa forma houve uma revolução quantitativa e qualitativa nos estudos acadêmicos, com grande interesse na memória coletiva e histórica dos povos. Segundo Febvre (1949 p.428 *apud* LE GOFF, 2003, p.530):

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Le Goff (2003) afirma o documento como obra da memória, sinal do passado, recordação de sociedades históricas, ao mesmo tempo mostrando esse documento enquanto instrumento de um poder. O romance é esse documento que conduz na observação de um momento espaço-temporal, cabendo ao romancista representar as imagens mentais do seu espaço vivido.

Claval (1999) fomenta a perspectiva de reconhecer o lugar enquanto espaço rico de sentido para aqueles que o vivenciam, e assim introduz o romance enquanto documento social. Assim, a partir da percepção do autor em relação ao espaço vivido “o romancista nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções”. (CLAVAL, 1999, p.55)

A literatura abre janelas, caminhos e paisagens para o mundo. Concordamos quando Todorov (2007, p.77) afirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cerca, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir [...] o leitor comum, que continua a procurar nas obras de que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo.

A amálgama entre Geografia e literatura não se apresenta enquanto movimento diletante ou exercício puramente ilustrativo. Incorpora-se como algo a mais no desvelar da realidade. Com estímulo na correlação de investigação espaço-temporal Brosseau (2007) tece à tona essa temática estimulando o uso do romance enquanto recurso de análise geográfica, diante da especificidade que o mesmo revela, nos ensinando algo de novo, (específico) ou de forma diferente sobre os lugares. No romance refletimos sobre o seu caráter subjetivo destoando da ideia primária de texto meramente descritivo, esvaziando-o dessa maneira de um reducionismo vulgar.

Parece-me legítimo supor que as relações do homem com o espaço e com o lugar podem juntar-se à lista das “descobertas” do romance. Então, aposto no seguinte: em sua exploração dos diferentes aspectos da existência, o romance, como “forma que busca”, recorre ao espaço e aos lugares – o espaço romanesco (humanizado e natural) é decididamente antropológico -, e nessa busca também conhecemos algo de novo sobre o espaço e os lugares dos homens. (BROSSEAU, 2007, p.94)

Contudo entendemos que a utilização da literatura pela Geografia passa no sentido de manifestá-la também como forma de representação do real. O papel do romancista como veiculador dos elementos históricos e geográficos presente na

narrativa romanesca parte da premissa de que o texto literário “é resultado de um ato de produção e consumo”. O leitor consome o texto, produto do escritor. Este consome experiências, emoções, linguagem, memória e produz o texto. (BASTOS, 1993, p.12)

Reproduzir algo que se tem na mente e compartilhar o universo das ideias faz parte do jogo entre o percebido e o apreendido pelo romancista. O dado momento cultural vivido por Lins do Rego expressa representações de grande relevância, cuja obra romanesca encontra-se indissolúvel com o tempo social do escritor. Nesse caso a natureza dos seus romances está ligada a uma visão de mundo de Nordeste agrário-exportador, em que as relações sociais estão permeadas de expressões as mais cruéis, quanto as mais românticas. Os romances de 1930, em especial os de Lins do Rego tomam essa conotação.

Coutinho (1990, p.430) ao posicionar-se sobre o tema comenta que “a vertente a que nos referimos da narrativa de 1930 consistia fundamentalmente em uma literatura de protesto, que buscava documentar o mais objetivamente possível a região”. O romancista quando faz referência a esse contexto histórico de época na narrativa, promove-o enquanto mural de denúncia.

Nas ciências sociais a noção de representação vem tomando corpo, com discussões instigantes que fortalecem a sua utilização. Isso permite que diferentes domínios do conhecimento estabeleçam laços, destruam barreiras e provoquem o processo de complementaridade entre os mesmos.

No mundo atual cada vez mais pleno de informações existem diversas representações. Portanto diversos pesquisadores, em especial da psicologia, referendam a necessidade de solidificar essa noção. Para Jodelet (2001) a noção de representação encontra-se em plena expansão. Observa que a pesquisa sobre representações sociais recorre a metodologias as mais variadas, entre elas, análise documental e de discurso, assim como está associado ao domínio da ciência e da cultura e dentre outros temas.

Assim, como fenômeno cognitivo a representação se afirma “como forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (JODELET, 2001, p.22)

O campo e a cidade enquanto espaços transformados de acordo com as necessidades da sociedade expressam significados múltiplos. O romance de Lins do

Rego cuja narrativa se atém as vivências do moleque da bagaceira são passíveis de numerosas representações.

Conforme aponta Bastos (1993, p.10) “a representação pode ser considerada a imagem do mundo em que cada aspecto do real passa a ser expresso simbolicamente”. Quando o indivíduo se apropria de um determinado objeto o mesmo constrói a sua imagem, e passa a representá-lo a partir daquilo que vê. Desse modo a representação de um objeto é visto como algo parcial, pois a representação é plural.

O texto literário não pode ser compreendido enquanto linguagem de significado próprio de cada autor, pois sendo o texto literário uma representação da realidade expressa vários significados sociais. A relação entre leitor e escritor está pautada no ato de produção e consumo. O escritor expõe suas experiências e emoções no texto, e o leitor consome e produz significações. Assim, “o ser humano pode ter contato com o real através dos discursos que constroem concepções deste real, segundo vivências e experiências, que nada mais são do que representações do real”. (BASTOS, 1993, p.12)

Portanto, reunir os conceitos de memória, documento e representação do real fortalece a perspectiva de entendimento da geografia presente no discurso literário de Lins do Rego. Como havíamos observado, a narrativa ficcional não pode ser consolidada como discurso científico, como busca constante de respostas verdadeiras. Porém, a literatura ficcional instiga a pensar as geografias experienciadas pelo autor, quando o mesmo vivencia o seu lugar e representa em sua narrativa.

Capítulo 2 – José Lins do Rego: vida, obra, pensamento e influências

Os romances do ciclo da cana-de-açúcar são criações do lugar vivido pelo autor José Lins do Rego. O nosso interesse neste capítulo consiste em conhecer a trajetória de vida do autor paraibano em terras de engenhos e na cidade do Recife. A percepção e apreensão do lugar vivido tornam-se imprescindíveis para a construção literária do autor. As origens, a família, os amigos, as atividades literárias, os movimentos políticos irão nortear essa segunda parte do nosso trabalho. Destacamos as influências políticas e literárias, assim como sua inserção no Movimento regionalista de 1930 e o recorte espaço-temporal histórico que resplandece no ciclo de romances.

2.1. Ensaio sobre o literato José Lins do Rego

Do massapé da várzea paraibana brota o homem cuja vida dedicou-se às letras, ao memorialismo que fomentaram o desejo de narrar a história do Nordeste brasileiro. Graduado em Direito, por necessidade, e literato por desejo, fez dos romances sua profissão de fé, reconstituindo o que viu, sentiu e viveu dos primeiros tempos de infância na propriedade do coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque, seu avô materno.

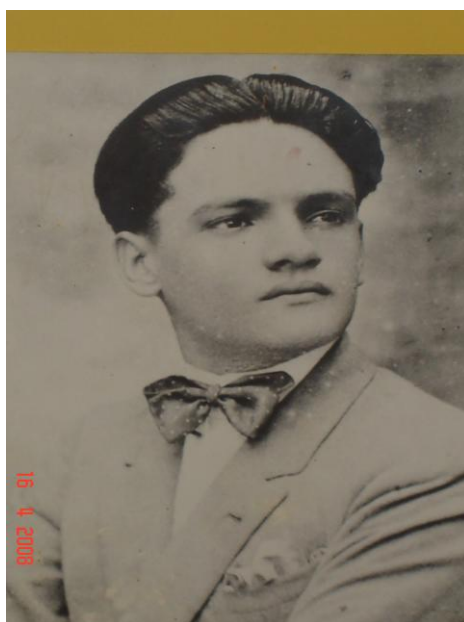


Figura 01: José Lins do Rego, retirada do museu que leva seu nome situado no Espaço Cultural, João Pessoa-PB. Autoria: Marcos Aurélio

A vivência no Engenho Corredor ao lado dos moleques sujos e descalços, nos mergulhos no rio Paraíba, majestosamente posicionado atrás da casa-grande de seu avô, o livrou da angústia que por vezes a infância perdida de qualquer outra criança podia denunciar. Sua tia e mãe de criação, Tia Maria Menina, o acolheu e encheu de mimos e carícias esse juvenzinho neto de um patriarca da várzea.



Figura 02: A fachada principal da Casa-Grande do Engenho Corredor, em Pilar-PB/abril de 2008.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.

Muito nos alegra escrever sobre a vida e obra de um artista cuja terra foi seu laboratório de exímio escritor. Esse sentimento do telúrico permeou toda a sua trajetória de romancista. As terras do engenho acolheram suas brincadeiras ao lado dos negros filhos das negras alforriadas da propriedade do coronel Zé Lins. Dos “Ricardos” que se juntavam a andar com ele de pés descalços espetando-os nos matos, matando passarinhos e soltando pilhérias com a gente de sua área de convívio.

Apesar de viver esse ‘universo’ mágico tivera decepções ao longo de sua idade pueril que por vezes o fizeram uma criança triste. Da morte de sua mãe no momento de sua chegada ao mundo, da saída do engenho de sua segunda mãe, tia Maria Menina, por ocasião do casamento, da morte de sua prima Lili, do problema de asma que o atormentava, e, por fim, a morte de seu carneirinho Jasmim. São momentos que marcaram profundamente a infância de Lins do Rego. Essa melancolia foi explorada como um dos temas preferidos nos seus romances. De acordo com Soares (2000):

[...] as perdas, a solidão, a curiosidade que habitaram sua infância vinculadas ao mundo dos engenhos, serviram-lhe de inspiração para

os romances que escreveu, mais tarde, principalmente, os pertencentes ao chamado “ciclo da cana-de-açúcar (SOARES, 2000, p.11).

O casarão que nas tardes, quentes ou chuvosas, sentado no alpendre ficava seu avô, o seu mito, observando o pôr do sol em cujas terras os olhos perdiam de vista, figurava enquanto reino mágico de seu convívio, nas brincadeiras com as crianças, de jogos e folguedos. Do rio mágico que nas cheias provocava medo e ao mesmo tempo coragem. É o que confirma Coutinho (1982, p.151):

A várzea do Paraíba, o reino do rio indomável – cavaleiro andante que, de tempos em tempos, se transforma em líquido látego de vingança dos humildes e dos deserdados – foi o reino encantado do menino de engenho José Lins do Rego. E a capital do país da infância do romancista foi o engenho “Corredor”, em cujo paço ele nasceu no começo do século: a velha casa-grande cercada de alpendres de colunata, e provida de muitos quartos, que, com as suas camarinhas destinadas ao uso das filhas solteiras do coronel José Lins e o pátio interno recatado como um claustro, parece respirar uma repousante atmosfera de convento.

O mundo da várzea realmente o seduziu. Nele encontrou a força para criar seus personagens, sua ambiência. “A terra é quem manda nos meus romances”, “o engenho Corredor foi minha grande fonte literária”, assim dizia (GUSMÃO, 1990). O massapé foi seu berçário. “Massapé que é um leito macio em que a cana pode se acamar à vontade” (COUTINHO, 1982).

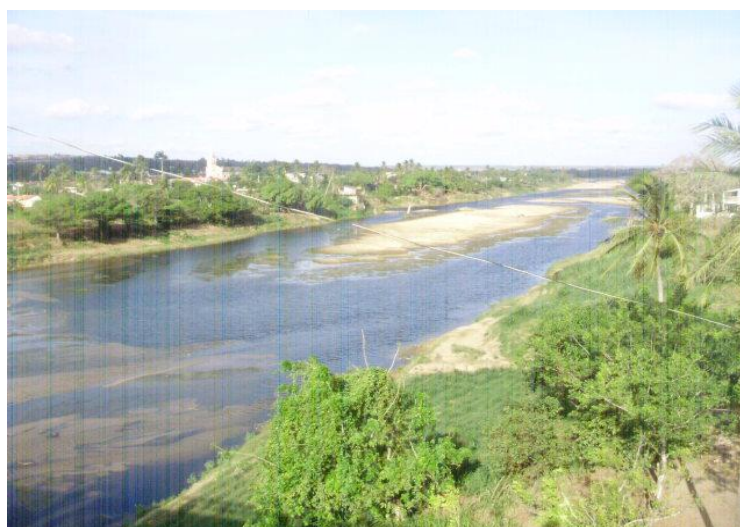


Figura 03: O rio Paraíba na propriedade do avô de Lins do Rego. Pilar-PB/Agosto de 2011.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.

Foi entre os partidos de cana-de-açúcar que fugia e se escondia dos “puxões de orelha” de suas tias, quando sempre fazia algo além de suas possibilidades. E se escondia também das negras, mas com outro sentido: observar o coito com os negros trabalhadores do eito. Esse forte apelo sexual tornou-se um dos temas preferidos nos seus romances. Como podemos observar no seu primeiro romance, “Menino de Engenho”:

O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim. Levava-me e trazia-me da escola todos os dias. E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros. – ali mora Zefa Cajá. E lá vinha com os detalhes, com as coisas erradas da vida desta mulher. Às vezes parava na porta, e era uma conversa comprida, cheia de ditos e de sem-vergonhices. – olha o menino, Zé Guedes! Ô homem desbocado! (REGO, 1999, p.24).

E não foge a regra em O moleque Ricardo:

Isaura não queria saber de negro assustado. Queria negro, pau para toda obra. E com pouco mais Ricardo sabia de tudo. Mas foi se pegando, se grudando a ela, que quando abriu os olhos, não podia mais. Criou paixão, ficou besta pela cabrocha. Andavam os dois pela linha do trem até chegarem os esquisitos, em travessas sem casas, com mangueiras velhucas pelos sítios (REGO, 1999, p.63).

Rica infância a sua compartilhada pelas horas de conversa com a sua professora de contar histórias. Como ele mesmo dizia: “Foi a velha Totônia quem me ensinou a contar histórias.”¹².

Na casa de meu avô, onde nasci, existia um único livro, a Bíblia. Eu cresci ouvindo as histórias de Trancoso da Velha Totônia. Foi ela quem fez a minha imaginação literária. Chamava-se Antônia e era sogra do mestre Agda, marceneiro do Engenho Corredor. Muito magrinha e sem dentes, essa cabocla tinha um talento especial para contar histórias. Ela sabia de cor todo o cancionário português (BARBOSA, 1990, p.58).

Verdade seja dita a velha Totônia¹³ foi o divisor de águas na vida do menino de engenho. Da pouca comunicação que mantinha com seus familiares desde a morte de sua mãe, aos quatro anos de idade, foi a velhinha simpática que o fez mudar daquela

¹² Cf. Barbosa (1990).

¹³ Em vários momentos de sua obra ou artigos de críticos literários sobre sua obra, encontra-se a expressão “velha Totônia” ou “Velha Totonha”.

solidão que o aprisionava. A velha Totônia “foi para ele o primeiro grande modelo de narrador popular e fonte de sugestões para a linguagem que usou em suas obras de ficção” (CASTELLO, 1961, p.75).

Ainda sobre sua infância o seu primeiro professor na cidade de Itabaiana. Com o nome de Eugênio Lauro Maciel Monteiro, o “Seu” Maciel, talvez seja aquele que o menos incentivou a lograr a carreira de romancista desde cedo. Certa vez ao compor um poema inspirado em Edmundo d’Amicia, o velho docente diz em tom solene: “Cuidado, menino. Literatura é coisa perigosa. Não vá se meter em camisa de onze varas¹⁴” (BARBOSA, 1990). Não demorou muito a chegar o Padre Leão Fernandes recomendando ao jovem escritor as primeiras letras.

É sedutora a tentação de postarmos quaisquer linhas a respeito da vida de Lins do Rego, sobretudo, porque suas narrativas, muitas vezes confundidas como autobiográficas, são fruto da memória ficcional. Para não cair nessa armadilha, como fizeram alguns críticos confundindo, por exemplo, Carlos de Melo com o próprio José Lins, devemos considerar que o ficcional é a estilização do real, mas não é de fato a realidade, como diz Brito Broca:

Há inúmeros romances de substrato autobiográfico, sem que, porém, reproduzam a vida dos autores. O que caracteriza o romance desse gênero é a transposição de um fato real para o plano da arte. Nessa transposição o fato é sempre deformado, já que não pode haver arte sem deformação. De onde a diferença essencial entre autobiografia e romance. O objetivo da primeira é a verdade; o objetivo do segundo é a arte (BROCA, 1990, p.464).

As últimas vivências de Lins do Rego na Paraíba foram quando estudou no colégio Diocesano Pio X. Nessa época tomou contato com as obras de Machado de Assis e Raul Pompéia e inclinou-se de vez a vida literária. A imposição familiar na determinação de uma profissão requereu do jovem estudante fixar residência na cidade do Recife onde bacharelou-se em Direito¹⁵. Os primeiros tempos na capital pernambucana foram de grande importância, escolha do ofício de também escritor. Os

¹⁴ A expressão “camisa de onze varas” significa “não meter-se em encrenca” ou em “situação embaraçosa”.

¹⁵ A Faculdade de Direito do Recife é junto com a instituição paulista a mais antiga do Brasil. Sua sede estabelecida primeiramente em Olinda, no ano de 1854 é transferida para a capital Pernambucana. Dessa Faculdade saíram pessoas de grande envergadura: Castro Alves, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Tobias Barreto, etc. Para mais informações: <http://mfi.sites.uol.com.br/histfdr.htm>, acessado em 21 de julho de 2012.

primeiros artigos publicados no jornal *Diário do Estado* e as amizades que conquistou foram fundamentais. Barbosa (1990, p.60) confirma:

A princípio, levei a sério o curso jurídico. Frequentava a Biblioteca da Faculdade e já admirava Machado de Assis e João do Rio. No segundo ano, porém, conheci Raul Bopp. José Ferreira de Souza e eu fomos morar com ele nos fundos de uma venda, em Olinda. Bopp foi uma bomba para mim. Ensinou-me a beber uísque. Ele foi a minha grande amizade literária.” E José Lins do Rego continua a falar do seu tempo de estudante: “outros grandes amigos, como José de Queiroz Lima e Mário Guimarães, eu tive na Faculdade de Direito. Queiroz Lima vivia falando de Oscar Wilde. E eu, metido a jornalista, escrevia de graça uma seção permanente no Jornal do Recife. Citei Nietzsche num artigo Albino Forjaz de Sampaio.

A cidade do Recife, como veremos mais a frente, foi considerada na época um dos principais centros intelectuais do Brasil. José Lins não podia estar alheio a qualquer acontecimento de cunho artístico que ali veio a se desenvolver. Mesmo porque as principais amizades também comungam desse mesmo sentimento de pertencimento cultural. Os primeiros escritos nos jornais criaram um alicerce para que mais tarde ele tomasse por impulso e também pelas influências dos intelectuais da época para escrever seu primeiro romance.

Quando afirmo que o curso de Direito foi apenas um trampolim para outras concepções de sua intelectualidade, não o faz à toa. A boemia, o jornalismo e a vida política agitaram-lhe mais o sangue. “É mergulhado no jornalismo e na boêmia que conclui seu curso de direito, em 1923. Deu pouca importância à Faculdade de Direito onde estudou” (CASTELLO, 1961, p.86). O panfletário *Dom Casmurro*¹⁶, com colaboração de Osório Borba, foi um desses escritos que manteve um pouco de sua identidade crítica.

O nosso panfleto durou vinte e seis semanas. Atacávamos de rijo o Governo do Estado. Um dia, o governador mandou a polícia fechar os jornais. Era demais. O número vinte e sete de *Dom Casmurro* empastelado quando estava sendo impresso nas oficinas de um outro jornal, *A Noite*, dirigido por Nelson Firmo.” José Lins do Rego ainda fala do *Dom Casmurro*. “No número vinte e sete ia ser publicado um artigo meu sobre a morte de Lima Barreto. Um artigo em que eu dizia o seguinte: “os grandes escritores têm sua língua; os medíocres, a sua gramática” (BARBOSA, 1990, p.61).

¹⁶ Jornal que José Lins funda com Osório Borba de cunho panfletário, sendo financiado por grupos políticos de forte oposição aos irmãos João e José Pessoa de Queiroz, donos do *Jornal do Comércio*.

O círculo de amigos que construiu foi responsável por sua maturidade intelectual. José Américo de Almeida, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre. Essa tríade fortaleceu sua gestação como romancista. Cabe a esse último amigo, “esta terceira amizade, mais forte e mais fecunda que outras duas referidas, e reconhecida pelo próprio romancista como orientadora e impulsionadora de suas preferências e realizações literárias” (CASTELLO, 1961, 87).

O instintivo pelo telúrico repousa nos romances de Lins do Rego e isto se deve as muitas conversas com Gilberto Freyre, quando o mesmo o incita à leitura dos clássicos ingleses. Das muitas andanças pela cidade de Recife e Olinda, das viagens de trem chegando a Várzea paraibana em visitas aos engenhos de gente conhecida. Depositou em José Lins toda a experiência de Gilberto Freyre pelos cantos onde passou. Dos livros que leu e das conferências que assistiu; dos cursos que realizou e dos mestres da intelectualidade das Universidades que freqüentou. Foram lições de grande importância para o romancista.

A sua existência literária deve-se ao escritor pernambucano. Lins do Rego mesmo frisa: “Caí na imitação, no quase pastiche”; “Ele era tudo o que eu não tinha”. Influência tão estreita que desencadeou durante sua passagem por Maceió um estudo crítico e biográfico sobre o amigo pernambucano, porém não publicado, conhecido apenas por citações de Diogo de Melo Menezes (CASTELLO, 1961). Em Maceió se dá a vazão exponencial dos primeiros romances, da vida de casado com Naná Massa, e pai de três filhas, suas “Marias”, como ele mesmo costumava dizer.

Em virtude do seu processo de aprendizagem ter sido amadurecido na cidade do Recife, junto a outros letrados, intelectuais da época, a discussão a seguir tem por objetivo delinear um pouco de sua vivência na capital pernambucana.

2.2. José Lins do Rego entre Pilar e Recife: o sujeito social e a compreensão da dupla espacialidade

Conforme já dito na presente pesquisa, as obras literárias, por mais ficcionais que sejam, contêm representações simbólicas do real e, muitas vezes, significações imaginárias específicas do universo mental do próprio autor. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de nos debruçarmos mais minuciosamente sobre as espacialidades vivenciadas por Lins do Rego, a fim de se compreender suas construções simbólicas,

visto que o romance em tela se confunde, em vários momentos, com a biografia do referido romancista.

Nesse sentido, um paralelo importante pode ser traçado com o escritor inglês Raymond Williams (1989). Em “O campo e a cidade na História e na Literatura”, Williams descreve as metamorfoses socioespaciais sofridas pelas antigas comunidades camponesas inglesas, decorrentes da industrialização. O referido autor destaca a paulatina desestruturação da atividade camponesa e o surgimento do operariado urbano, decorrente da consolidação do modo capitalista de produção em sua fase industrial. O autor recorre à literatura e à história para perceber e representar o campo e a cidade da Inglaterra industrial, e, observar na leitura das poesias dos literatos ingleses certo repúdio aos centros urbanos desde o século XVI.

A leitura de Williams torna-se fundamental na perspectiva de alertar para especificidades inerentes a cada espacialidade aqui comentada. Como ele mesmo salienta “‘campo’ e ‘cidade’ são palavras muito poderosas, e isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas” (WILLIAMS, 1989, p.11).

Nesse sentido, fica evidente que a percepção que cada habitante tem de determinado espaço, principalmente quando há o confronto entre espacialidades distintas, é fundamental para entendê-las dentro do universo semântico de uma obra literária.

Entre Williams (1989) e Rego (1999) existem associações interessantes. A mais notória é a percepção que os mesmos possuem em relação ao campo. Os referidos autores sustentam a imagem bucólica do lugar. A ligação com a natureza mais pura, mais sentimental. A ligação com a terra. Relatam a vida do campo para retratar um período de suas vidas vivido no campo. E construíram uma narrativa do lugar, com sentimento, com paixão. Outro ponto em comum entre esses dois autores é o fato de ambos, em dado momento de suas vidas, abandonarem a vida campestre e se transferiram para as urbes.

Porém, existe um diferencial significativo entre o autor inglês e o romancista nordestino: a estrutura narrativa de suas obras. Enquanto Williams (1989) constrói sua literatura em tom ensaístico, sem a necessidade de um personagem, utilizando-se da própria história como balizadora da construção dos relatos do seu livro José Lins do Rego, em “O moleque Ricardo” (1999), delinea a narrativa com personagens, espaço e tempo específico na obra, situando-a entre Pilar-PB e Recife-PE.

A adolescência vivida em Pilar e os anos de estudo na faculdade de Direito em Recife deram-lhe experiência suficiente para criar uma literatura ficcional, na observação dos tipos sociais que encontrou nessas espacialidades. Esse processo em Lins do Rego amadureceu como escritor, possibilitando a criação de um romance cujo enredo tem por base as interlocuções reais e imaginárias entre o campo e a cidade. No entanto, apesar do Recife ser importante laboratório, em virtude das amizades literárias que ali encontrou o divisor de água e o tema central para criar o ciclo de romances ocorreu quando o autor volta ao engenho do avô no ano de 1924. Essa passagem será retratada mais a frente.

Da mesma forma, a cidade de Londres foi responsável pelo amadurecimento e percepção do campo por Williams. Este mesmo responde: “foi apenas depois de chegar na faculdade que conheci, através da gente citadina, dos acadêmicos, uma versão influente do que realmente representava a vida campestre” (WILLIAMS, 1989, p.17).

Duas passagens confirmam essa afinidade:

Assim, logo de saída, antes mesmo de iniciar a argumentação, devo dizer que para mim a vida rural tem diversos significados. São os olmos, os pilriteiros, o cavalo branco no campo que vejo pela janela enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, parada às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar (WILLIAMS, 1989, p. 14)

E Lins do Rego afirma,

O Engenho Corredor foi minha grande fonte literária. Lembrando-me dele fui escritor, contando a sua história escrevi os meus romances, fiz viver criaturas. Foi a terra que me deu força para trabalhar em 10 livros e realizar em 10 romances o que nunca imaginei ser possível. Dizem que sou um instintivo, um narrador como são todos os cantadores nordestinos. Agrada-me o instintivo, e gosto de ouvir esta palavra pregada aos meus livros. Vim da terra, sou da terra e quero continuar da terra (GUSMÃO, 1990, p. 53).

O exposto até o presente momento neste subcapítulo intentou demonstrar, através da análise comparativa entre as obras de Williams e Rego, que as representações simbólicas acerca das espacialidades tipicamente citadinas e campestres compõem o universo semântico-descritivo de diversos autores, se confundido, muitas vezes, com

seus próprios referenciais simbólico-identitários. Lins do Rego não foi o primeiro nem último autor a se valer de tais instrumentais para a confecção de seus romances. O que torna sua obra singular é o olhar de seus personagens sobre as espacialidades onde se desenrolam suas vivências, levando o leitor a experiências diversas sobre o viver no campo e na cidade.

Em “O moleque Ricardo” há, na verdade, uma confluência de sentimentos de saudosismo e libertação. Ricardo, personagem principal da obra de José Lins, nota a paisagem já diferente do seu lugar de origem:

Para Ricardo a rua era diferente daquela onde nascera e se criara. A velha senzala do engenho era muda. Só aquele bater de boca, de noitinha. A mãe Avelina, Joana, Luísa e os moleques pelo terreiro, brincando. Também ali só faziam dormir e esperar os homens na cama dura. Agora a cousa era outra. A rua do Arame agachada, com as biqueiras encostando no chão, mulheres brigando com os maridos, falava outra língua mais áspera, mais forte. Ricardo gostava mais dela. É verdade que de quando em vez uma saudade lhe assaltava a alma. Era sempre a noite que esta saudade procurava o moleque (REGO, 1999, p.11).

Da literatura regionalista nordestina a predileção de Lins do Rego é o campo, sempre muito marcado pela alegria, o saudosismo, o emotivo. Porém o tristonho, a angústia e o depressivo comungam na narrativa do autor. O campo que sempre está na memória do personagem Ricardo, toda vez que chega a noite e na rede balançava e suspirava em saudades do pasto que deixou para trás.

As experiências de Lins do Rego são postas nos seus romances. A via-férrea é citada nos primeiros capítulos do romance “O moleque Ricardo”. Podemos observar logo abaixo o leito da linha do trem, assim como a antiga estação que compuseram o imaginário do escritor.



Figura 04: Estrada de ferro que corta o município de Pilar-PB/Agosto de 2011. Essa linha foi inaugurada em 28.12.1883 pela companhia inglesa Great Western que tinha a posse e a concessão Estrada de Ferro ligando Recife-PE até Pilar-PB formando o que vem a ser a Linha Norte.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.



Figura 05: Antiga Estação Férrea de Pilar¹⁷ Conde D'Eu inaugurada em 1883, desativada nos anos de 1990. Atualmente mora uma família e raramente passa trem pela linha férrea. Agosto de 2011.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.

Essa memória ficcional de Lins do Rego é aludida mesmo num romance cujo enredo está direcionado mais na observação do espaço citadino. Como afirma Gusmão (1990) realidade e romance caminham juntos na tradição romanesca do autor.

¹⁷ Cf. http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/pureza.htm, acessado em 14-08-2012.

O campo para Lins do Rego é a casa-grande, de muitas portas, muitas janelas e quartos. Sala grande e varanda de muitas colunas. Tempos do Brasil agrário, comandando a economia e vida da nação. Do Brasil mais rural que urbano. E assim comenta Lins do Rego em relação a seu avô: “Aí está a banca de madeira onde o velho se sentava, tarde, para receber os seus auxiliares: o feitor, o mestre-do-açúcar, os carapinas, os pastoreadores. Velha casa, que eu agora revi com os olhos cheios d’água”. (GUSMÃO, 1990, p.53). Parte da mobília da antiga residência do Engenho Corredor está em exposição permanente no museu de José Lins do Rego no Espaço Cultural em João Pessoa-PB.



Figura 06: Mobília da sala principal da Casa-Grande do Engenho Corredor exposta no museu José Lins do Rego no Espaço Cultura/Abril de 2008.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.

É o campo dos velhos coronéis, dos cavalos a bater pelo chão duro e levantar poeira num galope. São lamentações dos homens e mulheres andando nas veredas. São constatações daquele que com um sopro nasceu do barro patriarcal e deu vida aos personagens. São muitos os tipos sociais criados por ele. O coronel, o negro, a senhora de engenho, etc. Como ele mesmo diz:

“os meus personagens”, prosseguiu José Lins do Rego, “têm sempre, pelo menos, um quarto de realidade. Aquele “seu” Lula do Santa Fé possui uma porcentagem de real muito grande. O primeiro contato que eu tive com “seu” Lula está ligado a seu cabriolé. Quantas vezes, criança, da porteira do engenho, vi passar o cabriolé do “seu” Lula! O sino chocalhava na estrada como o daqueles carros russos dos

romances de Tolstoi. Aquela família, aquele piano, existiram, na realidade! E o “seu” Lula também. Chamava-se, fora do romance, Lula de Holanda Cavalcanti Chacon (GUSMÃO, 1990, p.55).

Ao contrário de outros autores que retratam o campo nordestino pela seca, a fome e a miséria total, Athayde (1990, p.78) reforça a simbologia do campo na obra de Lins do Rego dizendo que:

Não sois um romancista das angústias da terra e da gente, quando batidas pela avarezas das nuvens. As vossas histórias têm outras preferências. Falam dos canaviais, engenhos, usinas trabalhando, para alegria dos seus donos, as famílias ricas ou decadentes de um mundo social que se formou nas casas-grandes e na bagaceira, com toda a raça de tipos que encontrastes na vossa meninice tão atribulada pelas experiências precoces que se acumularam em vossa mente e das quais tendes extraído a seiva fecunda de tão notável obra literária.

O campo que relata não é amargo. É doce. Pois na maioridade, na fase adulta, retirou-lhe as impressões da infância, libertando-se da amargura. “Em cada romance, a matéria inerte das recordações converte-se em formas vivas de realidade e poesia”. (ATHAYDE, 1990, p.79) Mesmo que alguém já possa aqui ir direto à ferida e dizer, E Ricardo? Não seria ele um personagem amargurado? Respondo “sim” e “não”. Na cidade essa amargura lhe vem à tona com maior precisão, quando do campo lhe suscita a saudade. Com certa razão afirma Athayde (1990, p.79) sobre a capacidade de criação do autor quando esse assinala: “E ainda dos episódios mais crus, nos quais a natureza humana parece rebaixar-se às últimas malignidades do instinto, sabeis extrair um certo quê de purificação e ingenuidade”.

Na lembrança paisagens e momento imorredouro uma vez vivido e sentido. Do cenário de esplendor de natureza fervilhante o qual acudia à memória. Fez pulsar a pena escrita de mais nua crueza. Assim comenta Athayde (1990, p.89):

Panorama de cheias e secas, manhãs e crepúsculo, ambientes da vida rural, serões de famílias, velórios e enterros pobres, a marcha do gado nas estradas, os aspectos das roças, a beleza dos canaviais no esplendor da safra, a fisionomia humana nas fainas dos engenhos, tudo isso sai literalmente pintado em vossas páginas e com tal força e genuína profundidade que se pode dizer de vós o que um crítico disse de Thomas Hardy: possuíis a redolência do solo.

A cidade e toda sua mundanidade saem dela todos aqueles que projetam no meio rural a paz duradoura, o refrigério. Escamoteia uma realidade das relações mais

hostis entre os homens, refletindo um contraste balizador entre a ganância e a inocência. “Assim, refugiar-se desse inferno no campo ou na costa já é uma visão diferente do simples contraste entre a vida rural e a urbana”. (WILLIAMS, 1989, p.70) Tanto Williams quanto Rego enaltece a virtuosa vida rural.

O Recife para Lins do Rego foi material puro, um laboratório de grandes medidas, necessário para aquinhoar os principais elementos que nortearam sua narrativa. A cidade do Recife configura-se enquanto materialização histórica das relações humanas vividas por Lins do Rego em comunhão de outros letrados. “A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir” (CARLOS, 2005, p.26).

A cidade tornou-se o símbolo das possibilidades literárias, cenário e sujeito da narrativa romanesca. A relevância de sua descrição é rica, envolvente, instintiva, de uma ironia violenta e crua. “A autenticidade do tema do “O moleque Ricardo”, entretanto, com sua vivência vivida no Recife e do seu mural político, faz com que José Lins do Rego produza, realmente, uma obra original” (MELO, 1990, p.279).

A cidade do Recife na representação literária linsdoregueana, a princípio, toma como espaço da libertação moral do sujeito negro da obra saído da “prisão” da várzea. Tomar a narrativa romanesca de forma oportuna no que tange as peculiaridades, as subjetividades presentes da cidade, aprofunda a discussão. Como elementos que nortearam o imaginário do romancista podem vislumbrar em seguida duas imagens do Recife: o rio Capibaribe e os mocambos margeando o mesmo, assim como a famosa rua da Encruzilhada, que fazem parte do espaço narrativo romanesco.



Figura 07: Avenida Encruzilhada/Recife-PE/Março de 2012.
Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.



Figura 08: O rio Capibaribe e na sua margem a localização dos mocambos (palafitas), em Recife-PB/Março de 2012.

Autoria: Marcos Aurélio Fernandes.

Lins do Rego é a testemunha ocular das transformações espaço-temporal de uma cidade moderna, em meio a problemas diversos o que leva seu amigo Gilberto Freyre a afirmar: “Que me perdoe a Paraíba o que vou dizer: José Lins do Rego pertence tanto ao Recife, pela sua formação urbana e urbanizante, como à Paraíba rural e ruralizante” (FREYRE, 1982, p.175)

Ao morar no Recife e senti-lo no cotidiano, Lins do Rego pôde “*transprovincianizar*” segundo Freyre (1982). Lins do Rego agregou à sua vida o telúrico do campo, sem esquecê-lo, porém urbanizou-se como premissa para enriquecer sua visão de romancista. É o que atesta Freyre (1982, p.175) quando diz que “sem o Recife, porém, ele não teria se realizado nem como escritor nem como personalidade”.

O conjunto de valores que agrega do lugar, Recife, intensamente receptivo das atualidades européias, dá “novo ânimo a estudos teluricamente folclóricos e perspectiva mais nacional a estudos literários e sociais no Brasil” (Ibid, p.176)

Recebe então essa cidade traços da modernidade inquietante dos primeiros anos do século XX, impactos de europeísmo cujo espaço brasileiro não pode deixar de escapar, diante dos ávidos habitantes aburguesados famintos pelo luxo dos pacotes que chegavam aos portos brasileiros. E recebeu Lins do Rego, já na sua mocidade através dos Transatlânticos:

Jornais, perfumes e vinhos de Paris, uísques da Escócia, músicas d Itália, cervejas da Alemanha, cocotes francesas ou da Polônia. Gentes louríssimas. Perfumes finíssimos. E livros em francês e em espanhol. Cachimbos ingleses. Gravatas italianas. Idéias. Filosofias.

Cosméticos. Tinturas para o cabelo. Conhaques e até absinto. Camisas. Meias de fio escocês. Lenços de linho irlandês. Casimiras inglesas. Chapéus ingleses (...) (FREYRE, 1982, p.176).

E assim andando pelo cais do porto, faculdade de Direito, de automóvel entre a Rua do Hospício e a do Sossego, entre Olinda e Recife, na estação da Rua da Aurora, entre a Rua Nova e Encruzilhada foram se abrindo novos horizontes capturados pelo olhar atento desse recém convertido ao mundo urbano. Da enorme e enriquecedora experiência urbana. Percepção que irrompera reconstituir diferentes tipos de formações: urbanos, rurais, rurbanos.

E na percepção dos tipos sociais deflagrados no Recife escrevia sem esforço, sem soberba e natural espontaneidade, como afirma Ivo (1982): “escrevia como a relva cresce”. Os personagens criados são retirados da sua vivência, do seu cotidiano, pois era homem de andar em praças, portas de livrarias, estádios, meios de ruas, efusões comunitárias. Fato esse tão notável que Ivo (1982) comenta certo acontecimento:

Uma manhã, o poeta Augusto Frederico Schmidt descobriu-o dentro de um lotação, espremido entre operários. Perguntou-lhe que ia fazer tão cedo na cidade, e José Lins do Rego respondeu: “Nada”.

A criação literária envolve o jogo da percepção e observação, do cotidiano, das relações interpessoais. A trajetória de vida de Lins do Rego não limitou-se entre Pilar e Recife. O seu primeiro romance, “Menino de Engenho”, foi escrito quando mesmo encontrava-se em Maceió exercendo o cargo de promotor público. Em 1935 transfere-se para o Rio de Janeiro e passa a colaborar com alguns jornais como o *Diário Associados*, *O Globo* e *Jornal dos Esportes*. Nesse mesmo ano publica “O moleque Ricardo”. Em 1950 passa um ano morando na Europa a convite do governo francês. Um ano antes de sua morte faz nova viagem à Europa e é empossado na Academia Brasileira de Letras. Em 1957 morre e deixa um legado artístico de grande relevância.

Todo o ciclo da cana-de-açúcar está ambientado no Nordeste, entre Pilar e Recife. Nesse sentido exortamos a qualidade de escritor de Lins do Rego quando o mesmo serve-se da memória para cunhar uma literatura original. O recorte da zona da mata, região vivida pelo autor, e o contexto histórico são o mote necessário para produção artística do paraibano.

2.3. O contexto e a inserção de José Lins do Rego no movimento regionalista de 1930

O contexto histórico e a atmosfera cultural vivida por Lins do Rego dizem muito da sua produção literária. Não restringindo esse momento somente em âmbito territorial brasileiro, mas considerando outros, externos, nos dão base profícua para pensarmos a literatura linsdoregueana. Na Europa, com o surgimento da primeira Guerra Mundial, ideologias Fascistas e Segunda Guerra Mundial. Na Rússia, a Revolução Bolchevique que desencadeará em 1922 a formação do primeiro Estado Socialista.

Esses acontecimentos externos à esfera brasileira desencadearão, em território nacional, crítica e questionamentos de ordem econômica, política, social e cultural. Durante os primeiros trinta anos do século XX, o país viverá ascensão e declínio do regime oligárquico¹⁸, responsável por transformações profundas na realidade social brasileira.

No entanto, a partir dos anos de 1920, o velho regime oligárquico começa dar sinais de desestruturação em virtude do crescimento industrial e urbano. Também contribuíram para essas mudanças o Tenentismo, a fundação do Partido Comunista Brasileiro e a realização da Semana de Arte Moderna. Tais mudanças no cenário nacional provocam rupturas na esfera cultural. Assim, novos estímulos por um novo painel cultural estimulam uma jovem intelectualidade influenciada por novas concepções de arte que rompem com a estética tradicional (BOSI, 1994).

A cultura literária que antecede o Modernismo brasileiro estava arraigada aos padrões estéticos do academicismo literário do século XIX. Os “ismos” herdados do Brasil império ainda resistiam na produção de alguns autores, em pleno século XX. Machado de Assis publica *Esau e Jacó*, em 1904, e *Memorial de Aires*, de 1908. Dois romances cujas narrativas tem como tema as transformações vividas no país na passagem do império à República. Portanto, são produções presas ainda ao estilo realista falando sobre assunto do século XIX. O Parnasianismo já nos anos de 1918

¹⁸ A ascensão do regime oligárquico é resultado do acordo firmado entre poder federal e estadual. Em comum acordo foi durante o governo de Campos Sales (1898 – 1902) estabelecido a “Política dos Governadores”, que consistia a troca mútua de favores entre os governadores estaduais e o poder federal. O objetivo desse acordo está no sentido da perpetuação do poder de ambas as esferas. A hegemonia política dos coronéis nos estados, com seus latifúndios e base agrícola exportadora, assim como sua massa de manobra, os clientes e seu voto de cabresto, elegendo políticos de acordo com seus interesses e dos interesses federais. Era um jogo político essencial para que funcionasse harmonicamente a esfera federal e estadual.

vivia seu auge, com Olavo Bilac sendo eleito o príncipe dos poetas, pela revista *Fonfon*, de origem francesa. A questão central é que o momento histórico vivido pelos romancistas e as respectivas correntes não correspondem mais a realidade do quadro histórico. Como aponta Bosi (1994, p.305):

O núcleo jagunço de Canudos, matéria de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, o fenômeno do cangaço, o caso do padre Cícero em Juazeiro, no primeiro quartel do século, refletiram a situação crítica de um Nordeste marginalizado e, portanto, aderente a soluções arcaicas. Os movimentos operários em São Paulo, durante a guerra de 1914 e 1918 e logo depois, eram sintoma de uma classe nova que já debatia em angustiantes problemas de sobrevivência numa cidade em fase de industrialização. E as tentativas militares de 22, de 24, e a Coluna Prestes, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista afoito que desejava golpear o *status quo* político, o que só ocorreria com a Revolução de 30 (...) Seja como for, o intelectual brasileiro dos anos 20 teve que definir-se em face desse quadro: as opções vão colorir ideologicamente a literatura modernista.

Em meio a esse contexto da nossa literatura oficial destacam-se Lima Barreto, João Ribeiro, Graça Aranha e Euclides da Cunha, cujas obras fornecem ao leitor um enfoque mais ligado aos problemas de nossa sociedade. São chamados assim de Pré-modernistas, por temas que apontam a problemática social e cultural das primeiras décadas do Brasil. Caberiam então a esses intelectuais “o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional” (BOSI, 1994, p.307).

O Modernismo caracteriza-se como uma ruptura com o passado e com os códigos literários das primeiras décadas. Os novos ideais estéticos trazidos de outros centros da intelectualidade, principalmente a Europa, pairavam sobre um novo clima cultural ansioso por mudanças. Já em 1917, a Exposição das telas de Anita Malfatti, carregado de cubismo e expressionismo, são exemplos tácitos das mudanças já sugeridas no cenário cultural (BOSI, 1994).

Em 1922 ocorre a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro no Teatro municipal. A semana de Arte Moderna foi um movimento badalativo e plutocrático, em que se operou uma engenharia financeira para a realização do evento. Para os críticos, A Semana pouco acrescentou. Considerada um movimento estéreo, a Semana discutiu metalinguisticamente o Brasil literário herdado do academicismo anterior. Como aponta Bosi (1994, p.340):

A *Semana* foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a *plataforma* que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.

Outro grupo formado no Nordeste vinha firmando-se no cenário nacional, discutindo o momento de nossa realidade social, as dificuldades que os homens passam e a compreensão mais exata dos mesmos. É preciso apontar que esse momento de novas interpretações da realidade nacional é marcado por manifestações divergentes entre os anos de 1920 e 1930. Como exorta Castello (1961, p.18):

É preciso salientar aqui, nos limites precisos ou reconhecidos da fase heróica do modernismo, à altura dos anos de 1922/1923 a 1930, as posições assumidas por vários grupos em centros diversos, muitas vezes hostis entre si, dominados pelo espírito polêmico, preocupados com afirmações de independência e de originalidade. Neste sentido, as duas atitudes mais gerais são aquelas que entrevemos nas figuras presas diretamente à Semana de Arte Moderna e nas que se ligam ao regionalismo e tradicionalismo do Recife.

Essas divergências dos dois grupos modernistas¹⁹ no cenário nacional e a renovação cultural por eles empreendida estão ligadas às questões de natureza socioeconômicas que cada região vivia naquele momento. O pólo econômico brasileiro estava concentrado no eixo São Paulo – Rio de Janeiro com a produção industrial e os cafezais que mudaram a paisagem dessa região. De forma antagônica, o Nordeste de outros momentos tão rico e dinâmico tem seu brilho ofuscado pelo declínio da produção de açúcar. A concorrência com Cuba desencadeou a estagnação e decadência dos Bangüês. A fase ruim da economia nordestina reflete-se na decadência de uma sociedade erigida pelo açúcar. Sobre essa questão Almeida (2003, p.318) aponta:

A São Paulo dos anos de 1920 era, do ponto de vista do desenvolvimento urbano (conquanto não da arquitetura), uma cidade praticamente moderna, onde a herança colonial e imperial, já de si modesta, ia se desenvolvendo a cada dia no intenso dinamismo gerado pelos imigrantes, pela riqueza do café e pelo acelerado processo de industrialização. Ao contrário das grandes cidades do Nordeste, onde, no quadro de uma realidade estagnada, o riquíssimo legado artístico e cultural do passado multissecular se fazia sentir a cada momento,

¹⁹ Outros grupos de discussão literária foram sendo formados durante o período correspondido. Em Belo Horizonte com Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura Pedro Nava etc. fundando *A Revista* (1925). Em Porto Alegre, elucidando a cultura gaúcha, os literatos Augusto Meyer, Pedro Vergara e Manuelito de Ornelas.

impondo sua presença orgulhosa na consciência de artistas e intelectuais, São Paulo era dominada acima de tudo pelo presente e – por que não? – por um futuro carregado de promessas e expectativas de novas conquistas.

Bosi (1994) indica que as discussões sobre a realidade nacional nascem na visão dos regionalistas nordestinos, com autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e José Américo de Almeida²⁰.

Se houve o Regionalismo moderno é porque existiram formas de Regionalismo em outras correntes literárias. O Regionalismo romântico apoiava-se na descrição do ambiente dentro da ideia de espaço romântico. A natureza na visão romântica era entendida como um organismo, uma unidade – não havendo dicotomia, sendo homogênea – capaz de desenvolver as potencialidades que lhe são inerentes. Neste tipo de regionalismo romântico o espaço é visto como ambiente ideal. Como exemplo, a obra romanesca de José de Alencar, *O Sertanejo*, relata que o ambiente é apenas inserido como pano de fundo, não se alterando, sendo apenas palco para a ação dos personagens.

Diferentemente o Regionalismo do realismo-naturalismo entende que o ambiente, o espaço de ação dos personagens, contribui e, sobretudo, determina os mesmos. Essa forma de regionalismo está pautada segundo a filosofia positivista de Augusto Comte, e determinista de Hypolite Taine, que conceberam o homem como produto do meio, do momento histórico e da raça.

Por fim, o Regionalismo moderno não se apoiou na idealização do ambiente, como os românticos, nem tão pouco considera o homem apenas como produto do meio. Se assim fosse, o espaço caracterizado pela pobreza determinaria a pobreza do homem, tanto quanto a riqueza determinaria o homem rico. Lins do Rego, ao escrever os romances do ciclo da cana-de-açúcar, considera mais do que o meio como fator determinante da condição do personagem. Essa constatação torna-se mais clara em “O moleque Ricardo”. O romancista mostra como é possível ser ainda mais pobre no Recife, onde se concentra a maior parte da riqueza, do que na várzea do Paraíba menos desenvolvida do que a capital pernambucana. Nem mesmo a esperança é encontrada no Recife, por mais que exista a luta, a obsessão por uma vida mais humana, igualitária pelos operários. A passagem abaixo esclarece essa ideia:

²⁰ A Bagaceira (1928) é considerada o marco inicial do regionalismo.

Ricardo, porém, punha-se de fora. Não porque quisesse. Mas a natureza dele não dava para aquilo. Vira Florêncio, caído para morrer, receber aquela bofetada de Clodoaldo, e quando se levantava da esteira, voltar com o mesmo fogo, cheio de das mesmas esperanças. O moleque não criticava Florêncio. Ele não compreendia. Pensava na família do amigo, os meninos ciscando no lixo com os urubus, a mulher falando. A fome a rondar a casa como um bicho que tivesse sido criado ali dentro. E Florêncio com o dr. Pestana, com Clodoaldo, com os homens dos sobrados sonhando com ele, Ricardo, não sabia o que fosse. O povo do engenho quando sonhava era com chuva para o roçado, com as festas dos santos. Florêncio sonhava com o quê? O moleque nem queria pensar nos sonhos do masseiro (REGO, 1999, p.61).

Portanto, para os literatos do Regionalismo moderno, a riqueza ou a pobreza é resultado de um complexo sistema que não exclui as influências do meio nem a exploração do homem pelo seu semelhante em todos os espaços considerados, sejam estes ricos ou pobres. A ideia de riqueza e pobreza no espaço e no tempo é relativa. Em “Usina” (1993, p.43) a Bom Jesus do Dr. Juca crescia a passos largos:

O Dr. Juca, do Pau-d’Arco, enfeixara em suas mãos todos os poderes dessa transformação. Era ambicioso. Aquela energia tranqüila do pai, no filho era só ambição de mandar, de ser rico, de mostrar-se. A idéia de montar usina fora sua. A decadência do bangüê, aonde o velho fizera uma fortuna espantosa, animava-o a tentar a grande aventura. A São Félix, ali a dois passos, enriquecera em poucos anos aos seus proprietários. Açúcar só dava mesmo lucro compensador com as vantagens de uma usina [...] os senhores de engenho seriam pobres bonecos diante da riqueza da Catunda, da Tiúma, da Goiana Grande. Não precisava ir longe. Fosse à São Félix. Em menos de oito anos o Dr. Luís, que chegara lá com dinheiro emprestado, era hoje o homem mais rico, o mais temido de todo o vale. Nunca ninguém, por aquelas paragens, alcançou maior soma de poder, mais força perante os pobres, perante os ricos. A São Félix valia como um estado.

A profundidade dos literatos do Regionalismo moderno em analisar sob um olhar crítico o Brasil esquecido, em especial o Nordeste, avoluma-se com outras fontes de nossa literatura. Desejosos de mostrar o painel econômico, político e social da região, o regionalismo ganhou estofos na produção de romances como “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos, “O quinze” (1930), de Raquel de Queiroz, além da extensa obra de Jorge Amado em torno da luta dos coronéis pelas terras do sul da Bahia, para plantação do cacau. Se o Nordeste da zona da mata tinha seu ouro branco, o sul do nordeste, na Bahia, tinha seu ouro negro. Entretanto, essas riquezas não foram suficientes para amainar a condição de pobreza do homem nessas regiões.

Lima Barreto e Euclides da Cunha como grandes expoentes da literatura já denunciavam a realidade nacional²¹. Porém, por não se agruparem e criar um sistema literário faltou aos dois um projeto que discutisse literariamente esse Brasil. Razão pela qual os regionalistas reuniram-se. A publicação de um instigava e inspirava a publicação dos demais. Não fazia sentido discutir metalinguisticamente a literatura, como fizeram os modernistas da Semana de arte moderna, em meio a um contexto de crise econômica, ocasionada pelo “Crack” da Bolsa de Nova York, em 1929, pela ascensão do Nazismo, a partir de 1933, e pela Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Discutia-se o Nordeste esquecido e abandonado, com o desenvolvimento das usinas e o fenômeno da seca.

Assim, as obras “A Bagaceira” (José Américo de Almeida) e “O moleque Ricardo” (José Lins do Rego), entre outras, narram a história de personagens que deixam seu espaço de vivência em busca de melhores condições de vida. A ausência do governo, em esfera estadual e federal, com políticas públicas e melhorias nas condições de vida da população mais pobre são referências para entender que a miséria, a pobreza, a fome entre tantos outros casos, não são determinados por razões de natureza climática, mas sim de natureza política, que seriam importantes para fixação do homem ao seu espaço de origem, evitando o inchaço das grandes cidades e os problemas urbanos²² decorrentes dessas migrações em larga escala.

Diante do exposto, mesmo que haja um princípio de filosofia européia nas discussões dos regionalistas, esta se configura como uma literatura mais nacional, na medida em que enfoca questões localizadas como microcosmo de uma realidade maior (macrocosmo) (BOSI, 1994).

É preciso considerar que o núcleo de discussão relativa aos anseios de uma literatura mais comprometida com a realidade nacional começa com a fundação do Centro de Tradições Nordestinas à promulgação do Manifesto Regionalista. Gilberto Freyre tornar-se-á um dos principais expoentes, junto com outros letrados, na elaboração e evocação dos acontecimentos que se delineiam na esfera cultural brasileira. As tradições e os valores nacionais, confrontados com a modernidade vigente, encontraram em outras personalidades, além do próprio Freyre, esteio para construção do ideário de uma cultura que valorizasse o Nordeste.

²¹ Cf. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

²² Cf. SOUZA, Marcelo Lopes. Abc do desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

O Centro Regionalista e o Congresso de Regionalistas convergem para apresentar tendências e valores tradicionais mais autênticos da nossa brasilidade. Apesar de ser o principal expoente de divulgação e crítica desse grupo, Gilberto Freyre chega ao Recife com rumores já se delineando no cenário local. Com referência a esta questão Castello (1961, p.28) observa:

As sugestões criadoras de Gilberto Freyre impõem-se particularmente de 1923 a 1926/1930, isto é, do seu regresso dos Estados Unidos e da Europa à realização do Congresso de Regionalismo, estendendo-se sua ação combativa até fins de 1930, princípios da década seguinte, quando surgem as primeiras obras de vulto de figuras relacionadas com o movimento regionalista e tradicionalista do Nordeste. É preciso notar, então, que, desde 1922, alguns jovens poetas, ensaístas e artistas, em Pernambuco, já tomavam posição mais ou menos favorável e ativa, em outros casos de franca hostilidade, em face do movimento desencadeado pela Semana de Arte Moderna. Alguns deles, mesmo – como José Lins do Rego – favoreceram, sob muitos aspectos, os contactos do próprio Gilberto Freyre com a obra já realizada dos modernistas do Sul.

Antes da Revolução de 1930 articulava-se no cenário político, a partir do então presidente Epitácio Pessoa, a tentativa de controle dos estados, o que gera uma revolta dos chamados autonomistas (os que defendiam a autonomia dos estados) levando a participação de Gilberto Freyre. Nesse contexto, nasce a defesa pela região, a preservação da tradição e do sentimento regionalista. Conforme já apontamos anteriormente, e somente reforçando esse nosso intento da discussão, Gilberto Freyre defende mudanças no quadro nacional, mas que necessariamente se preserve as tradições nordestinas, em especial a Pernambucana, pois conforme ele mesmo assinala isso é o reflexo de nossa nacionalidade.

A questão nacional está diretamente ligada às questões regionais, e, os modernista paulistas, apesar das fortes críticas e perspectivas de mudança no cenário presente, pleiteiam a libertação da nossa literatura dos cânones parnasianos e “inspiraram-se no futurismo italiano de Marinetti, que, até certo ponto, negava as suas origens” (ANDRADE, 2002, P.29). Dizia sempre, Gilberto Freyre, que a identidade regional é mais forte que a identidade nacional.

Andrade (2002) analisando a trajetória do pensamento de Gilberto Freyre defende que o regionalismo freyriano, assim como a tradição, vai de encontro ao projeto de modernização do Brasil, em virtude do espaço nacional está sendo transformado de acordo com a realidade paisagística imposta na Europa. Assim ele diz:

Mas não era só os mocambos que chamavam a atenção do sociólogo de Apipucos na fisionomia urbana, mas também o desmonte das cidades coloniais de ruas estreitas e tortuosas, de casas assobradadas e senhoriais, de grandes mansões nos arrabaldes, que estavam desaparecendo para que fossem abertas avenidas largas que facilitassem o tráfego e escoamento. Certamente ele estava tocado pela destruição do antigo bairro do Recife feita em função da modernização do porto e que não poupou sequer monumentos históricos, como a igreja do Corpo Santo (ANDRADE, 2002, p. 39).

No entanto, o Manifesto regionalista opera no sentido de resgate do passado rural colonial, objetivando a defesa da tradição nordestina. Assim, conforme aponta Santos (2011, 407), “o projeto cultural do regionalismo de Freyre não se reduz a uma luta pela preservação de tradições culturais, mas irrompe também como disputa no cenário intelectual pela tomada e ocupação de posições sociais e simbólicas”.

Segundo Braga-Pinto (2011) o romancista Lins do Rego vive duas fases: a primeira de 1919 a 1924, e outra a partir deste último ano quando se inicia em Lins do Rego o seu processo de “conversão”.

Essa primeira fase nos primeiros anos na faculdade de Direito do Recife Lins do Rego torna-se-á um jovem rebelde, de aspirações políticas liberais, com a produção de artigos panfletários, virulentos e incisivos em direção aos políticos e jornalistas da época que defendiam a permanência da ordem e da tradição (leia-se reacionarismo e conservadorismo).

A admiração por Gilberto Freyre encontra esteio nos primeiros momentos de sua juventude quando o “mestre de Apicucos” (Gilberto Freyre) profere uma palestra intitulada “Spencer e o problema da educação no Brasil”. Na altura de seus 15 anos de idade, ainda não amadurecido, precisou de anos mais tarde para florescer no jovem escritor as ideias de Freyre.

As primeiras tentativas literárias no Recife decorreram em virtude dos artigos publicados no jornal da oposição, *Diário do Estado de Pernambuco*. Nesses artigos, considerando o contexto histórico²³, defende o projeto político de Ruy Barbosa e exalta

²³ É preciso considerar o momento histórico marcado pela proteção a política de exportação dos produtos da lavoura, em especial o café, e o protecionismo alfandegário. Essa política exalta os ânimos dos descontentes, no caso a burguesia industrial, gerando a revolta dos estados diretamente atingidos, em especial Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco, formando o que vem a ser o movimento político conhecido por a Reação Republicana. Essa crise, em Pernambuco, assim como outros estados atinge os grupos oligárquicos locais; as oligarquias dissidentes. Lins do Rego escrevia para o *Jornal do Recife* do grupo de Manuel Borba ligado ao candidato a governador José Henrique Carneiro da Cunha. Este apoiava a candidatura à presidência de Nilo Peçanha, contra o candidato da situação Arthur Bernardes, apoiado por Epitácio Pessoa. Esse fato, aliado com parte da ala do exército desgostoso com a

a figura do ex-professor e poeta parnasiano Faria Neves Sobrinho. Outra participação do paraibano foi na produção de artigos para a revista *Vida Moderna*. Esses escritos podem ser considerados como divulgação de suas ideias, sua posição político-ideológica, e tem o intuito de mostrar-se como um escritor em ascensão. Em conformidade a essa ideia Braga-Pinto (2011, p.19) comenta:

Nessas primeiras crônicas já se pode identificar alguma preocupação política e literária, mas não há nenhuma posição definida, apenas ligeira indignação juvenil, um certo intimismo pós-romântico e, por vezes, um vago gosto pela cultura popular [...] mas é possível identificar ali um certo desejo juvenil de compartilhar ideias com uma comunidade intelectual, ou, como um pouco mais tarde se explicaria, de se sentir parte de uma geração de escritores.

Lins do Rego continua engajado com seus artigos, incluindo-se também na querela política quando funda em consonância com Osório Borba o jornal *D. Casmurro*. Braga-Pinto (2011, p.25) comenta:

Durante os seis meses de sua publicação, o semanário parece ter alcançado alguma visibilidade entre a juventude da época. Dentre os colaboradores anunciados pelo jornal, vale enfatizar a participação do professor da Faculdade de Direito Joaquim Pimenta (1886-1963), figura central do borbismo, líder dos trabalhadores e fundador do jornal *Diário do Povo*, em 13 de setembro de 1921, e que inspirava a criação de Joaquim Pestana, um dos personagens de relevo do romance *O moleque Ricardo*, de 1935. Segundo notícia publicada no *D. Casmurro*, Pimenta era “um pensador de ideias novas, um doutrinador sereno de multidões.

O engajamento político de Lins do Rego nesses primeiros anos foi importante no sentido da criação dos artigos publicados em jornais e revistas. Antes de conhecer Gilberto Freyre e abortar o seu perfil de jornalista, escritor panfletário e desmedido, afilia-se a revista carioca *Árvore nova* em que critica os modernistas de São Paulo.

O seu renascimento literário, sua “conversão”, quem irá ditar é o pernambucano e amigo Gilberto Freyre. A influência deste na vida de Lins do Rego é muito forte, na medida em que a antiga vida boêmia e agitada, os passeios em cabarés, com prostitutas e bebedeiras, os pronunciamentos odiosos e cheios de rancor desaparecem com essa

situação, viria a eclodir em Pernambuco uma luta armada entre os partidários de Arthur Bernardes e elementos da oposição. O governo de Arthur Bernardes foi marcado por estado de sítio e por rígida censura à imprensa, assim como repressão policial aos movimentos operários. Estes fatos foram importantes, pois serviram como um dos temas que aparecem no romance *O moleque Ricardo* de José Lins do Rego.

convivência. Alguns fatores podem ser considerados: a morte do avô e sua volta ao engenho Corredor no ano de 1924, a influência do escritor francês Ernest Psichari²⁴, cuja obra foi apresentada por Freyre a Lins do Rego, seu reposicionamento religioso ao catolicismo e mudanças comportamental. Essa sua nova fase é tão importante que casa-se com Filomena Massa com quem teve três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Cristina. Muda-se para Minas Gerais e posteriormente para Alagoas, em Maceió. Braga-Pinto (2011, p.29) comenta esse momento da vida de Lins do Rego:

Com o fim da revista, e sua aproximação da figura toda-poderosa de Gilberto Freyre, José Lins do Rego parece ter primeiramente perdido o rumo e, ao se ver tomado de grandes inseguranças, começa a reavaliar suas ambições literárias, assim como suas posições ideológicas. Tendo terminado o curso de Direito, resolve voltar logo à Paraíba para se isolar no engenho de seu avô. Durante esse período é que se delineia o cerne da narrativa da “conversão” de José Lins do Rego que, para Freyre, foi “parecida com a de Santo Agostinho”. Tal conversão, segundo Freyre, dar-se-ia na forma de “superação de um provinciano rural por um recifense” e, ao mesmo tempo, revalorização de suas “origens telúricas...” “Dando-lhe uma nova pele cultural sobre a carne do bom provinciano cru ... Novos olhos. Novos ouvidos. Novo paladar. Novo alcance sexual. Novos gostos

Essa “Era nova” na vida do paraibano é marcada por sua inclusão ao grupo dos católicos, em defesa de uma continuidade histórica, da tradição, dos costumes, com o lastro mais que importante não só de Gilberto Freyre, como também Jackson de Figueiredo. A estes dois, e a defesa de sua nova identidade, Lins do Rego publica um artigo na revista *Era nova* cujo título é “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson de Figueiredo”. Desse reacionarismo de ambos os autores bebe Lins do Rego, quando inclusive agradece, na carta, o fato de terem o mostrado “um novo ‘espírito de ordem, à sua geração” (BRAGA-PINTO, 2011, p.37).

Como aponta D’Andrea (2010, p.97) “José Lins sai em defesa do “espírito da ordem” e da “tradição cristã” ameaçados pelo “espírito anárquico” que pairava sobre a nossa nacionalidade”. Sobre forte influência de Gilberto Freyre o viés tradicionalista está presente na obra linsdoregueana. Na defesa da tradição Lins do Rego apregoa a

²⁴ Segundo Braga-Pinto (2011) na conferência realizada na Paraíba Gilberto Freyre exalta o poeta francês por valorizar a tradição e o espírito de ordem dos antepassados. Esse poeta francês viveu rodeado por idéias liberais, antirracistas e anticlerical. Alista-se no exército e converte-se ao cristianismo. “A relação entre avô e neto, representada pela figura de Psichari, é central para a definição de *geração* no texto de Freyre e, como se verá, também para José Lins do Rego”.

reação do “Bom Senso”, como forma de protesto as idéias que emanaram da Revolução de 1930.

Essa “conversão” mudou os rumos de um jovem aspirante panfletário e idealizador, com sua admiração a Ruy Barbosa e outros liberais, para um homem quieto, responsável, católico, defensor de Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes. “valorizar a tradição e a ordem como fundamento da nacionalidade brasileira. Tal espírito de ordem José Lins defenderá agora com toda convicção”. (BRAGA-PINTO, 2011, p.40).

No entanto, os romances de Lins do Rego carregam em seu conteúdo as fragilidades de um tempo histórico, que registram os anseios e amarguras dos velhos coronéis e seus bangüês de fogo morto, como também das agruras vividas pelos negros do eito na lavoura canavieira, ou mesmo nos mocambos recifenses. A sensibilidade toma o romancista, em todas as esferas da vida social, não elegendo grupos prioritários, ele comenta sobre o infortúnio dos mesmos. Porém, Bosi (1994, p.398) relata que “menos consciente e, portanto, menos crítico, do que o testemunhado por um outro grande romancista do Nordeste: Graciliano Ramos”, porém não menos importante.

2.4. O Nordeste: a zona da mata como recorte espacial na obra linsdoregueana

O maior valor da obra de romancista do Sr. José Lins do Rego, sem prejuízo de sua significação literária, e que a distância da de todos os outros romancistas modernos, resulta do caráter de documento de que se reveste. Eu aconselharia a quantos queiram conhecer a história econômica e social do nordeste do Brasil e o drama humano que a anima a leitura dos cinco volumes que o grande romancista subordinou, agora, à epígrafe geral de Ciclo da Cana-de-Açúcar²⁵.

O cenário da obra do autor em destaque, o Nordeste de Lins do Rego, precisa ser acompanhado mais vivamente, devido ser esse espaço o pano de fundo para a narrativa romanesca aludida (BARROS, 1990). A reflexão sobre essa região se dá a princípio como fio condutor para entender as relações sociais construídas durante séculos, as estruturas que se edificaram, os valores notabilizados, a produção cultural e econômica materializada. E assim foi cantada, falada, escrita essa região com suas qualidades e

²⁵ BARROS (1990, p.305)

defeitos, estereótipos, sendo assim construída e recriada durante tempos, de forma constante.

No entanto, delimitar a leitura desse espaço saudosista, lugar da memória, diante do olhar do homem que nasceu e sustentou-o como laboratório da produção ficcional, torna-se imperativo. Outros autores, sejam eles ligados às letras ou às ciências, reconhecem nos romances de Lins do Rego uma notoriedade em descrever com maestria, com riqueza de detalhes, aspectos da vida cotidiana dos nordestinos. A respeito de “Zé Lins”, Jorge Amado (1990, p.69), um dos literatos do regionalismo de 1930, observa:

Quando ele escrevia, era o povo que escrevia, era bem a voz do povo, tão brasileiro como ninguém, falando de nossas coisas com um acento quase de negra velha contadeira de histórias. Andei relendo páginas suas, depois que ele morreu. É realmente extraordinário! Ele sabia tudo sobre a vida no Nordeste, sobre os homens do Nordeste, sobre suas paixões, suas dores, sua confiança. Esse menino de engenho trazia dentro de si todo o mundo nordestino e foi o rapsodo.

A rica descrição na narrativa romanesca do Nordeste brasileiro alude a pensar, refletir e permitir que a leitura de sua obra seja de uma visão universal. De modo que outras partes do Brasil e do mundo problemas semelhantes acontecem cotidianamente, e que sua narrativa corresponda como forma de uma denúncia social. Esse é o tema recorrente no seu universo ficcional e não foge a ele (MARQUES JÚNIOR, 2002).

Outra razão a se pensar na leitura de Lins do Rego a respeito da região é ter em mente as reflexões sobre os apontamentos que Gilberto Freyre faz em relação aos tipos socioantropológicos que aparecem nos romances do paraibano. Assim, Benítez (2007, p.46) confirma que:

Se tomados esses romances como documentos etnográficos, encontramos uma relação direta entre o pensamento de Lins do Rego e do antropólogo Gilberto Freyre. As novas idéias, para época, sobre a formação social brasileira, que Freyre defendeu, encontram eco no espírito de Lins e em suas obras; não por acaso que *Casa Grande & Senzala* tenha sido publicado pela primeira vez em 1933, o mesmo ano de *Doidinho*.

Essa leitura etnográfica da literatura ficcional linsdoregueana corresponde como importante valor de análise da época dos engenhos da zona da mata e das relações sociais estabelecidas entre senhores e escravos. Além do valor de testemunho, de documento que se reveste a obra ficcional, sua produção diverge das obras romanescas

anteriores. Grande parte da produção anterior da literatura nacional teve por preferência relatar o cotidiano da sociedade urbana em detrimento da rural. Tal fato diverge da realidade espaço-temporal do período aludido, pois, a maioria da população brasileira ainda vivia em áreas rurais (CASTELLO, 1999).

No conjunto da sua obra, dividida entre ciclo da cana-de-açúcar²⁶ e o ciclo do cangaço, a pertinência do que foi observado estarão presentes, mescladas às transformações por que passa o espaço rural nordestino. Nas linhas que escreve a respeito desse romancista, Manuel Bandeira (1990, p.311) empresta-lhe a alcunha de “Príncipe dos Prosadores brasileiros”, diante da sensibilidade poética que narra o espaço habitado de onde foi gestado parte da sua literatura.

O menino José Lins do Rego é quem explica o milagre de emoção que são estes cinco volumes. O homem foi quem escreveu a vida, paixão e morte dos bangüês, mas quem sentiu tudo isso foi o menino de engenho que fazia safadezas nas casas-grandes dos engenhos da Paraíba. E que sorte tivemos que este menino possuísse tão rara sensibilidade e a rara memória dessa sensibilidade! José Lins do Rego veio em cima da hora, como se diz hoje. Por pouco esse quadro magistral da vida brasileira ficaria sem narrativa de primeira mão e só poderia ser traçado no gênero falso do romance histórico.

O conjunto das obras de Lins do Rego do ciclo da cana-de-açúcar acompanham linearmente as transformações no espaço e tempo, como se fosse uma projeção sequencial de fotografias em que se evidenciam o apogeu e a decadência dos velhos engenhos e bangüês e, conseqüentemente o declínio da aristocracia rural, como também a ascensão das usinas e/ou a ruína das mesmas.

O quadro histórico do Nordeste permite a produção de romances, cuja narrativa é expressão do discurso político, econômico, social e cultural do momento, em que se apresenta uma literatura de caráter documental. O autor revestido de uma preocupação política desencadeia a produção de uma literatura de engajamento social, cujo discurso não neutro fomenta o senso crítico por parte daqueles que o lêem.

No entanto, o contexto vivido pelo romancista torna-se o espelho, muitas vezes, de sua produção literária. Em uma abrangência maior destaca-se não somente o período histórico vivido pelo autor, como também é preciso resgatar e entender a

²⁶ Composto por *Menino de Engenho*, *Bangüê*, *Doidinho*, *O moleque Ricardo* e *Usina*, esses romances retratam o painel econômico, social, político e cultural do Nordeste brasileiro, especificamente a Várzea do Paraíba. Da ascensão dos engenhos em plena produção à sua decadência do fogo morto das caldeiras, substituídas pelas Usinas, José Lins constitui como narrador importante de um momento da história nordestina.

formação do espaço econômico canavieiro do Brasil durante sua gênese, em que se considere nesse sentido a importância da construção de uma sociedade específica, com hábitos e costumes particulares.

Didaticamente podemos dividir o Nordeste em duas áreas: uma seca e outra úmida. Assim entende Andrade (1964, p.3):

O Nordeste é apontado ora como a área de secas, que desde a época colonial fazem convergir para a região, no momento de crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população.

Esse Nordeste úmido é o que comumente foi estabelecido como Zona da mata, região de clima quente e úmido, com regime pluvial acima de 1200 mm, duas estações bem definidas ao longo do ano, e com exuberante vegetação da floresta tropical de mata atlântica. A Zona da mata estende-se por boa parte do litoral nordestino, apresentando rios caudalosos e formações geomorfológicas conhecidas por tabuleiros²⁷.

Nessa região de grandes chuvas associadas aos rios caudalosos e solos argilosos de massapê desenvolveu-se a atividade açucareira já desde o século XVI. A derrubada de grande parte da vegetação nativa foi substituída pela cultura extensiva da cana-de-açúcar, principal matéria-prima para a fabricação do açúcar, exportado para o mercado europeu. “À queda da mata, à paulatina ocupação da terra se juntam, como aliados inestimáveis, o rio, os riachos constantes, a água, elemento que se impõe ao sistema do engenho e propícia, o processo de sedentarização, fixação e, talvez, mesmo, a própria organização endogâmica” (MACHADO NETO, 1971, p. 22).

O comentário de Machado Neto (1971) no parágrafo anterior remete a pensar que o processo de ocupação do território nacional nos primórdios da colonização ocorreu como algo natural, sem que houvesse rupturas, imposições ou submissões com os povos que habitavam o espaço ainda não dominado pelo império português. Às incursões do colonizador muitas vidas foram silenciadas, cerceadas, acometidas de dores, apartações. Como afirma Abreu (2006), o Brasil carrega um peso árduo por sua história. Os problemas carregados pela nação originam-se nos primórdios da colonização.

As comunidades autóctones sumariamente dizimadas pelos invasores durante os séculos que seguem a história do Brasil dividem as mesmas dores com os negros

²⁷ Segundo GUERRA (2005, p.594) “são formas topográficas de terrenos semelhantes a planaltos, terminando geralmente de forma abrupta”. No Nordeste Brasileiro aparecem geralmente em toda a costa litorânea, apresentando uma paisagem com topografia plana, sedimentar e de baixa altitude.

trazidos do continente africano, assim como as matas nativas destruídas. Essa necessidade de conquista espacial (MORAES, 2002), e a consequente construção de um território, acarretam a submissão dos povos já enraizados e daqueles forçados a sair de seu lugar de origem para trabalhar em terras desconhecidas.

Analisando o impacto ambiental na floresta Atlântica brasileira Dean (2002) centra-se no debate ecológico em torno da devastação do patrimônio nacional durante os 500 anos de espoliação desse recurso natural. O referido autor comenta a respeito da fase pré-portuguesa destacando os grupos indígenas e suas práticas agrícolas itinerantes, de modo que as formas de ocupação e utilização da natureza nesse período são menos agressivas àquelas realizadas pelos colonizadores durante o processo de ocupação territorial. Quanto a isso pode se afirmar que:

Para a Mata Atlântica os perigos eram imensos, porque uma sociedade baseada na mão-de-obra compulsória não levava em conta o ambiente [...] Os plantadores de cana não viam na floresta nada além de um obstáculo à realização de suas ambições. Aqueles que cada vez mais vinham ocupar as margens da economia de plantação – posseiros do sertão – eram impelidos a explorar a floresta de maneira descuidada e imprevidente. A conservação dos recursos naturais iria mostrar-se irrelevante em uma sociedade na qual a conservação da vida humana era irrelevante (DEAN, 2002, p.75).

As incursões portuguesas e o interesse em expandir seus domínios transformou a paisagem do período pré-cabralino em nome de um projeto político ultra-marino. Criou-se um quadro socioespacial nos anos que seguem a ocupação, cuja paisagem transformada ainda reverbera os domínios portugueses em sua simbologia.

Em torno dessa nascente sociedade do açúcar foi estabelecido o espaço material e simbólico de parte do Nordeste que Lins do Rego se afeiçoa a descrever. A cana se espaçando na várzea e nos tabuleiros vai gerar a riqueza do então barão do açúcar que vê nos engenhos a maquinaria necessária para a produção em larga escala, cujo objetivo era reproduzir o capital investido e assegurar a posse territorial.

A respeito da organização do espaço rural em torno dos engenhos de açúcar Andrade (1964) aponta alguns elementos que favoreceram o desenvolvimento e o progresso social da aristocracia nordestina.

A energia necessária para o funcionamento da maquinaria do engenho vem dos bois, pois, “além de meio de transporte – o mais recomendável para vencer o massapé – puxando o carro cujos gemidos tanto sensibilizaram poetas, moverá os engenhos, e, já

velho, dará carne” (MACHADO NETO, 1971, p.22). No entanto, Andrade (1964) observa que os engenhos d’água eram mais produtivos, embora reconheça que o perfil topográfico da região não favorecia a construção dos mesmos, optando o senhor de engenho pelo boi.

De acordo com o pensamento de Freyre (1967) sobre os animais que enriqueceram a paisagem nordestina açucareira, dois foram bastante úteis: o cavalo e o boi. A este devemos considerar seu valor para o trabalho, pois, foi o “aliado fiel do escravo africano no trabalho agrícola, na rotina da lavoura de cana, na própria indústria do açúcar”. (p.75) Negro e boi formaram a base da economia açucareira nordestina.

Ao contrário do cavalo o boi era mais fácil de manter. Pouco dispendioso, comia o capim que crescia à vontade nas pastagens. Além de ser bom para o trabalho, é dócil, manso, obediente, mais resistente, mais constante e já velho servia como alimento. Para o bom funcionamento do engenho era preciso, portanto: terra, água, matas, negros e bois. Como afirma Freyre (1967):

Por outro lado, sem o boi, só com o cavalo, o engenho não teria se firmado como se firmou. Até as vezes da égua o boi fez nas almanjarras. Até as vezes da besta. E ate as vezes da mulher a vaca fez para os meninos de engenho. (FREYRE, 1967, p.75)

Com essa atividade foi se estabelecendo a população nas áreas rurais, nascendo um modo de vida particular em torno das *plantations açucareiras*. Assim, iniciou-se uma estrutura fundiária peculiar no Nordeste, com base em duas atividades que demandam muitas terras: a agrícola, já mencionada, e a pecuária. Essa estrutura fundiária explica os contrastes gritantes de níveis econômicos diferenciados entre as classes sociais. Como afirmar Andrade (1964, p.41):

Entre uns e outros há uma ponderável percentagem de pequenos proprietários que conforme a localização e qualidade das terras que possuem, ora tem um padrão de vida razoável, semelhante aos dos colonos de origem estrangeira do Sul e Sudeste do Brasil, ora mourejam a terra em condições precaríssimas, ora trabalham como assalariados aos grandes e médios proprietários vizinhos e tem padrão de vida idêntico ou semelhante ao dos trabalhadores sem terra. Formam, muitas vezes, a grande massa camponesa nordestina que encontra no campo condições econômicas verdadeiramente repulsivas, migram para o Sul – Norte do Paraná, - o Sudeste – Rio e São Paulo, o Meio Norte – Maranhão – e para o centro do país – Brasília, - à procura de melhores condições de vida e trabalho.

Nos primórdios da colonização dividiu-se o recém território brasileiro em capitanias hereditárias, e o donatário, uma espécie de gestor, gerente dessa parcela do território, dividia-a em sesmarias. Esse é o prenúncio da concentração da terra no Brasil. “Mas a posse da terra doada em extensos latifúndios, às vezes com dezenas de léguas de extensão, não era tudo. Necessário era derrubar a mata, instalar os engenhos, as casas-grandes, as senzalas, plantar os canaviais e as lavouras de mantimentos” (ANDRADE, 1964, p.54).

Para alavancar a atividade do açúcar os portugueses trouxeram da costa africana mão-de-obra escrava. “A cana e o engenho forçam a escravidão, e esta representará, talvez bem mais que a terra, um índice expressivo de riqueza” (MACHADO NETO, 1971, p. 23). Riqueza e progresso que se estende unilateralmente ao senhor de engenho.

O negro, trazido nos tumbeiros²⁸, trabalhou como cativo durante séculos nas propriedades dos senhores de engenho. Neste espaço de produção aprenderam o ofício de mestres do açúcar, caldeireiros, purgadores, banqueiros e caixeiros dos engenhos coloniais. Começaram na lida com os canaviais, no plantio e corte da cana até chegarem às escalas mais altas da produção do melaço. Participavam da produção dos gêneros de primeira necessidade, em especial, o milho, feijão, mandioca. Nas áreas mais secas da propriedade plantavam e colhiam o algodão, planta essencial na fabricação dos tecidos.

A sociedade do açúcar era estratificada, com o apanágio do senhor de engenho ser o líder, patriarca das relações humanas. Assim comenta Andrade:

No ápice aparecia a figura do senhor-de-engenho com um prestígio e poder que eram tanto maiores quanto maior fosse a extensão de suas terras, a produção dos seus canaviais ou o número de escravos que possuísse. Para salientar a sua posição, construía a casa-grande assobradada ou com calçada alta sobre uma colina ou numa encosta, de onde falava a lavradores, empregados ou escravos. Saía sempre a cavalo de onde continuava a falar do alto àqueles a quem dava ordens. Daí a comum paixão por bons cavalos que, como ainda se diz: “andam de meio a baixo” (ANDRADE, 1964, p.74).

Em cima do cavalo – marca de *status* social – procurava o senhor de engenho percorrer as várzeas, observar as matas e os trabalhos dos negros. O senhor de engenho na visão do negro era um homem prepotente, arrogante e impertinente. Em comum acordo verbalizam também os moradores livres que viviam nas áreas próximas aos

²⁸ Navio que levavam os negros capturados na África em direção as colônias americanas.

engenhos. Pagavam foro²⁹ ao proprietário e viviam inconstantes em terras alheias, pois a insegurança era uma constante na vida desses homens. Por qualquer motivo o senhor de engenho poderiam expulsá-los das terras que ocupavam. Conforme observa Machado Neto (1971):

O domínio de fato do senhor de propriedade sobre a terra, os escravos, a família e seus dependentes ou vassalos³⁰ vai criar uma imagem que confunde a terra com o senhor e com o próprio poder real, o qual, distante, faz dele indiretamente seu sucedâneo.

Com relação ainda essa problemática entre o senhor do latifúndio e o morador agregado, Machado Neto (1971, p.23) observa que:

Realmente, para que se compreenda toda a variada gama de coordenadas que interferem no processo de transformação da grande propriedade monocultora, controlada por uma minoria que partilhava as melhores, as mais ricas e produtivas terras e seus vizinhos menores, os que plantavam de meação com o dono direto da terra, que moíam o açúcar nos engenhos dos grandes senhores e que a eles próprios vendiam o produto (...), o engenho faz-se, a partir dos idos da colônia, uma entidade econômica autárquica, nele tudo se produzindo para toda uma comunidade a viver sob a tutela do grande proprietário.

Ali viviam outros homens de diferentes ofícios. O Capelão, o feito-mor, o mestre-do-açúcar. Andrade (1964) comenta também sobre as negras da senzala. Ao contrário do que se possa entender no imaginário popular, não havia reserva de gênero quanto ao trabalho na indústria do açúcar:

Aí trabalhavam várias escravas; umas levando a cana do “picadeiro” para junto da moenda, outras, com grande risco, uma vez que por descuido podiam ser presas e espremidas entre os tambores da moenda, punham a cana na mesma; uma terceira, ainda, fazia passar o bagaço entre os tambores, uma quarta cuidava de consertar e acender as candeias; finalmente uma outra cuidava do “parol” – tacha em que se acumulava o caldo da cana que ia para o cozinhamento. Assim, como o engenho moía às 24 horas do dia, estas sete escravas necessitavam de outras sete que com elas se revezassem (ANDRADE, 1964, p.83).

²⁹ Quantia paga anualmente pelo morador do engenho ao proprietário da terra, a fim de poder utilizá-la. O foro variava de acordo com a condição de cada morador das terras do engenho. Uns pagavam trabalhando três dias no oito. Outros pagavam o foro em espécie. Os rendeiros que plantavam algodão, fava e retiravam da renda da terra o dinheiro necessário para pagar ao senhor de engenho.

³⁰ Entendemos o termo “vassalo” como metafórico, pois no Brasil não existiu um modo de produção feudal.

Esse momento marca, ainda de forma sensível, o povo da várzea vivendo com características de sociedade entendida e configurada conforme uma estratificação estamental, enxergando mais, no futuro a consolidação de uma sociedade de classes. Diferentemente do que acontecia com os fazendeiros do sul, do vale do Paraíba, “o senhor de engenho se trancava em suas terras, como uma espécie de feudo, sem se afastar do perímetro rural” (FREYRE, 1979, p. 151) Conforme podemos notar na ideia de Neto (1971):

Mas a persistência de outros fatores leva a concluir pela estratificação transitiva de tipo estamental. O funcionamento, ainda, do status herdado, malgrado a perda do controle ou do domínio econômico, é um reforço a essa hipótese. A interferência de um e outro valor, esse de caráter eminentemente ideológico, o qual bem se poderia chamar de “ideologia de branquidade”, isto é: a necessidade de afirmação do “ser branco” como marca social distintiva, assim como o funcionamento do respeito social aos elementos das elites tradicionais, mesmo quando economicamente decadentes, mas ciosas e exigentes das distâncias com a “plebe” (NETO, 1971, p. 25)

Às mulheres eram exigidas não somente das atividades que demandavam sua presença apenas no fabrico do açúcar. Além dessa atividade, pesada, exercida na fabricação desse produto, as negras africanas de braços fortes, juntamente com as sinhazinhas, tinham verdadeiras mãos de fada no preparo de deliciosas receitas caseiras com base na principal matéria-prima que ali corria em abundância: o açúcar. Um livro somente explicando a importância desse produto na preparação dessas receitas foi escrito por Gilberto Freyre - *Açúcar: Uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil* - lançado em 1939 e que sofreu diversas críticas, e, “espantou a “academia”, ao se ocupar de tema considerado então menor” (MONTEIRO, 2007).

A casa-grande, enquanto elemento relevante da paisagem rural nordestina, símbolo da riqueza do barão de açúcar, povoa a memória e o imaginário do campo brasileiro. Residência da família do aristocrata consistia no “forte” que resguarda o senhor dono daquelas terras, fortaleza do poder régio patricarcal. (FREYRE, 2006)

Normalmente a estrutura da casa-grande se configura em seu entorno com muitas árvores da mata nativa, pomares, porteira e curral. Encostada à casa-grande estava a senzala, estrategicamente localizada ao lado ou nos fundos, com acesso direto à porta da cozinha. De lá vinham as negras logo cedo preparar o café para a família do senhor, “tomar de conta” do espaço (FREYRE, 2006).

Dentro da residência tinham vários quartos, cozinha ampla e sala de estar onde se serviam as três periódicas refeições. Às tarde tocava-se piano e o embalo da música eram acompanhados por chás, cafés e quitutes, doces, bolos de todos os tipos, tapiocas e sequilhos. A casa-grande, com seu puxado, o terraço, permanecia o senhor de engenho em sua cadeira de repouso, como um rei, a observar o trabalho realizado pelos negros. Dava também suas palestras e cobrava aos gritos, muitas vezes, o trabalho bem feito. Recebia todos os párias daquela região, os padres, os outros senhores de engenho da redondeza. Resolvia os causos, os problemas que porventura ocorriam. Era uma figura política.

Assim, estabeleceu-se uma sociedade específica na zona da mata com todas suas características e particularidades, imanências, distinguindo-a dos outros nordestes, até fins do século XIX em detrimento do processo de modernização do campo pelas usinas.

Absorvendo essa parte do Brasil rural e considerando as mudanças que se delineiam a partir do século XIX, os antigos senhores de engenhos, transformados muitos deles em usineiros perpetuam o seu poder em outro espaço: a cidade.

Nas primeiras décadas do século XIX a resistência de alguns senhores de engenho receosos em mudanças profundas, como também a falta de crédito impediu que um grande número de usinas surgisse na paisagem da várzea dos estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, então grandes produtores. Segundo Andrade (1964) das 2.756 unidades produtoras, entre engenhos e engenhocas, somente 785 era movida a vapor nos anos de 1914. Ainda assim, por mais que a produção do açúcar estivesse atrelada a antiga forma de beneficiamento, esse fato constitui para que possamos observar e entender as mudanças ocorridas nas relações sociais e as transformações que as usinas irão empreender na paisagem.

As usinas trouxeram uma nova concepção de vida, cuja mentalidade do usineiro associava a cidade como lugar de descanso, moradia, e decisões políticas, e o campo como lócus da produção e enriquecimento. No entanto, como afirma Maia (1994, p.14) “a cidade, mesmo passando a ser o local da residência permanente, apresentando uma vida mais expressiva, continuou sendo um prolongamento do campo”. A economia do Nordeste ainda muito permanecia dependente da produção do meio rural.

Assim, os investimentos vultosos de capitais em poderosas usinas resultaram para o empreendedor grande quantidade de dividendo, cujo destino se aplicava em

construções de casa, palacetes, de alto padrão em cidades como Recife, Olinda, João Pessoa³¹. Estas cidades fornecem a elite aristocrática, agora metamorfoseada em burguesa, provinda das áreas rurais uma nova forma de viver no urbano.

Maia (1994) destaca com propriedade como processo de urbanização entre os séculos XIX e XX, embora lenta, culmina em transformações importantes na capital da Paraíba. A residência urbana torna-se permanente, enquanto a casa-grande do meio rural transforma-se em residência temporária, mudando uma lógica que vinha desde os tempos de colônia. Confirma também que antigas práticas de assistencialismo desapareceram.

Assim, no capítulo que segue iremos analisar algumas representações do personagem Ricardo, de sua vida ainda ligada a natureza rural e sua percepção e envolvimento com o cotidiano na cidade do Recife. Esse recorte espacial no qual delineamos teve por objetivo destacar a região da zona da mata nordestina, em que se considerem as transformações espaciais em torno de uma economia baseada na monocultura. A obra de Lins do Rego consiste como importante documento de informação, e por meio de sua fonte de memória foi possível identificar representações importantes no campo e na cidade. A história de Ricardo, negro fugido da várzea paraibana são possibilidades interessantes de análise da geografia do lugar.

³¹ Antes de 1930 o nome da capital do estado da Paraíba era *Cidade da Parahyba*.

Capítulo 3 – A trajetória do moleque Ricardo: deixando paisagens, vivendo lugares

Este último capítulo reserva-se a interpretação e análise do romance O moleque Ricardo. Com base na história do personagem primário da obra iremos analisar o campo e a cidade, suas representações e relações. Na primeira parte utilizamos o conceito de paisagem como suporte de interpretação do espaço vivido por Ricardo antes de sua fuga para a cidade. As boas recordações do engenho Santa Rosa e da paisagem verdejante do coronel José Paulino serão reminiscências motivadoras em Ricardo, quando o mesmo passa a experienciar o Recife e notar que a miséria é maior na cidade que no meio rural. Entendemos que a utilização da categoria lugar no meio urbano está mais apropriada como suporte de entendimento, a partir das experiências de Ricardo na cidade. Essas experiências serão mais negativas, e o desejo do moleque, muitas vezes, é novamente voltar a morar nas propriedades do coronel José Paulino.

3.1. Paisagem rural sob o olhar do moleque Ricardo: o rio, a casa-grande, a ferrovia

As terras do Santa Rosa andavam léguas e léguas de norte a sul. O velho José Paulino tinha este gosto: o de perder a vista nos seus domínios. Gostava de descansar os olhos em horizontes que fossem seus.

(REGO, 1990, p.51)

A vida de Ricardo até os 16 anos ocorre nos engenhos canavieiros, situados nas várzeas do rio Paraíba. Em função das ricas descrições do espaço vivido pelo personagem optamos por analisar as suas representações. Assim, a paisagem observada por Ricardo torna-se fundamental no processo de construção da identidade regionalista da obra em tela. No entanto, cumpre ressaltar que nosso entendimento acerca do conceito de paisagem não restringe-se, como deixaremos evidente nas próximas linhas, aos aspectos visíveis e tangíveis do real. Dessa forma, buscaremos a interpretação da mesma, a partir de uma visão que contemple, satisfatoriamente, a relação forma/conteúdo.

O cenário de interpretação abre-se ao sujeito que lança o olhar sobre determinado espaço carregado de possibilidades e potencialidades. O foco em uma paisagem contém as dimensões simbólica, interpretativa e representativa. Se o texto literário configura-se como importante meio de representação da paisagem, a partir de sua sensibilidade e subjetividade, o mesmo possui grande importância para a análise geográfica.

O olhar assume a responsabilidade de interpretação das dinâmicas espaciais. Cada olhar expressa uma forma de perceber e sentir o mundo que o rodeia. Dessa forma, a descrição da paisagem por determinado sujeito revela-se rica.

A paisagem é resultado da interferência humana no espaço. Moraes (2005) entende como manifestação de um grupo, de escolhas sociais, resultado da ação humana, expressando um momento histórico definido. A paisagem, desse modo, revela uma historicidade. Cada elemento fixado ao solo, resultante de ações culturais, são produtos da história.

As formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesses, necessidades, utopias. São projeções dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais), na contínua e cumulativa antropomorfização da superfície terrestre. Um processo ininterrupto onde o próprio ambiente construído estimula as novas construções. Isto é: a paisagem é ao mesmo tempo um resultado e o alimento de projetos de produção do espaço. A práxis humana implica a constante edificação de formas não naturais na crosta do planeta, formas alimentadas por pré-ideações que tem o espaço vivenciado como estímulo (MORAES, 2005, p.23).

Sem dúvida a interferência do sujeito no espaço cria um registro de época, um documento de cultura. Tais formas criadas projetam símbolos culturais, exprimindo mentalidades e concepções.

As organizações culturais se materializam no espaço, sendo ensejadas, sobretudo, a partir das necessidades de produção. Mas além das expressões de determinações econômicas, existem outros fatores a serem considerados: manifestos na tradição, na simbologia, no estilo, etc. Portanto, “a paisagem resulta dessa trama (histórica, de múltiplas determinantes), sendo mais do que a materialização da produção imediata na superfície da Terra” (MORAES, 2005, p.25).

Captar a imagem da paisagem como processo que estimule uma visão crítica e reveladora do seu significado permite amadurecer o sentido do indivíduo no espaço.

A paisagem manifesta as transformações e os interesses daqueles que tem o poder. As formas e conteúdos que nelas se concentram permitem determinar a cultura de um grupo que prevaleceu sobre o espaço assimilado. Vilanova Neta (2005) dialogando em torno do conceito de paisagem assumido por Cosgrove observa que pode a mesma se configurar em dominantes e alternativas. As paisagens dominantes são sobreposições culturais do grupo que mantém o poder. “Estes grupos dominantes teriam na paisagem um elemento de manutenção e reprodução de seu poder, através dos simbolismos contidos nela” (VILANOVA NETA, 2005, p.46).

As paisagens culturais são importantes para compreender os diferentes modos de organização da vida social. Assim, conhecer determinada realidade cultural é ter acesso as mais diferentes práticas de construção da realidade espiritual e material de um grupo.

Assim, é preciso reconhecer a cultura como importante no sentido de compreender as manifestações espaciais de um grupo. Para Bosi (1992), cultura passou a significar não apenas o seu sentido puramente material, mas também conjunto de valores, idéias e conhecimento. O termo carrega em si a idéia de transmissão de pensamentos, como também expressa uma dimensão da vida social.

Geertz (1989) compreende cultura como sistema simbólico. Os símbolos e significados da cultura são partilhados entre os membros de uma mesma comunidade cultural. A paisagem vista enquanto simbólica é importante em sua diversidade interpretativa e representativa.

Os primeiros geógrafos da corrente *saureana* focalizam os estudos na utilização dessa categoria de análise para tentar exprimir o real. O que se definia como paisagem cultural é entendido quanto ao “conteúdo geográfico de uma área ou a um complexo geográfico de um certo tipo”, das escolhas e das mudanças por membros de uma comunidade. Assim, o estudo da paisagem, como afirma Wagner e Mikessel (2003, p.36), “possibilita um *insight* sobre o papel do homem nas transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas”.

Diante dos *Novos rumos da Geografia Cultural* e as novas perspectivas de análise da realidade a paisagem permanece enquanto solo fértil na investigação geográfica. Isso porque “as qualidades simbólicas da paisagem, que produzem e sustentam seu significado social, tornaram-se objeto de pesquisa, ampliando as fontes disponíveis para a geografia cultural” (COSGROVE; JACKSON, 2003, p.137).

A paisagem passa a ser representada, simbolizada por qualquer meio que possa revelar-lhe um significado, pois cada grupo retrata, através desse meio, uma vivência. A pintura em uma tela ou mesmo um elemento escrito – no caso os romances de Lins do Rego – constitui-se como meio de representar e interpretar aspectos da condição social de um espaço-tempo definido (COSGROVE; JACKSON, 2003).

Os autores supracitados configuram um modo particular de interpretação da paisagem. A paisagem pode ser entendida como um “texto”, devendo ser lida e interpretada como documento social. (COSGROVE; JACKSON, 2003, p.137) A propósito, a *Iconografia da Paisagem* – estudo e origem da formação das imagens – revela-se importante método interpretativo das mesmas. Cada formação social, a partir do conjunto de relações que se desenvolvem no processo de convivência, produz um código simbólico relativamente específico das condições históricas de uma dada época.

Considerando a leitura fenomenológica da paisagem, o referido conceito assegura uma nova conotação de estudos na Geografia. Não somente os aspectos físicos, materiais – a aparência –, mas o que se “esconde” por trás dessa aparência: a essência. E a isso consideramos as percepções, a consciência e os valores como importantes componentes da mente humana, capaz de captar a essência da paisagem.

Considerando os aspectos simbólicos e a percepção no lugar de convivência social, o personagem principal do romance, Ricardo, entre paisagens naturais e transformadas, vai interpretando aos poucos o sentido de sua existência no engenho, assim como as relações humanas ali estabelecidas. Sendo ele um indivíduo oriundo daquela realidade, Ricardo percebe que seu trabalho constrói, na verdade, a herança de Carlinhos de Melo, neto do coronel José Paulino. Essa percepção de Ricardo em relação a essas primeiras paisagens do engenho é reveladora.

Assim, Santos (1988, p.62) entende o conceito de percepção como um processo seletivo de apreensão. “Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada [...] a percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação”. Assim, o personagem na obra de Lins do Rego teve o papel de interpretar o seu espaço vivido diferentemente do olhar de Carlos de Melo.

Quando abandona o engenho Santa Rosa, Ricardo encontra o sentido de mundo na cidade do Recife, que lhe amadurece as ideias pelo tempo e pelas privações. O romance inicia-se com uma carta enviada pelo moleque endereçada ao pessoal da casa-grande dando notícias de seu retorno.

A casa inteira recebeu a carta com muita alegria. Ricardo vinha do Recife passar uns dias com eles. Há anos que se fora. Ainda quase menino, sumira-se do engenho sem ninguém saber para onde Ricardo fugiu. Era assim como se comentava a saída dele para outras terras. Uns falavam que se juntara aos tangerinos, de madrugada, outros que pegara um trem de carga. O fato era que aos 16 anos, Ricardo não ia mais à estação buscar os jornais, não lavaria mais os cavalos no rio. Deixara o quarto da mãe fedendo a outros (REGO, 1999a, p.3).

Essas primeiras impressões deixam a narrativa romanesca interessante, no sentido de buscar as razões de sua fuga, como também os motivos de sua volta ao antigo engenho Santa Rosa.

Ricardo morador do engenho vive com sua mãe e seis irmãos. Depois dos tempos de cativo, muitos ex-escravos não conseguindo melhores condições de trabalho e moradia fora do mundo da casa-grande e senzala, permaneciam ali em troca de comida, bebida e um teto para dormir. Suas tias, as negras ex-escravas, acostumadas com o regime da escravidão viveriam naquela várzea do rio Paraíba até sua morte.

O moleque ainda jovem, avesso aquela situação vivida por sua mãe e tias, amadurece o desejo e a necessidade de fugir do engenho, após observar os anos de serviço dos trabalhadores do eito.

E no entanto³², a sua fuga ele calculara. Todos os dias aquele ir e vir de trens, aqueles passageiros de guarda-pó, o povo da segunda classe, os que iam a Recife, a Paraíba, a Campina Grande gente falando de feira, de cidades, de terras que não eram engenho, tudo isso mexia com sua imaginação (REGO, 1999a, p.3).

O primeiro indício de sua “fuga” era o trem. Ricardo sonhava em ser maquinista, puxar o apito do trem para que todos pudessem vê-lo. Observava os outros negros do engenho, trabalhando debaixo de chuva e de sol e não imaginava sua existência naquela vida do eito. O trem seria cúmplice de sua fuga. Todos os dias, Ricardo havia de buscar na estação os jornais do velho coronel Paulino. E nessas idas e vindas à estação ocorreu-lhe o convite do condutor:

Quer ir comigo, moleque? Ficou com a voz do homem nos ouvidos. Com aquele convite apressado zunindo na cabeça. Para que o condutor queria ele? Sem dúvida para criado. Um moleque sempre servia em qualquer parte (REGO, 1999a, p.3).

³² Mantivemos a ausência da vírgula como próprio do estilo de escrita dos autores do regionalismo moderno, sobretudo, em Lins do Rego, como uma incorporação do falar cotidiano não apenas nos personagens, mas também no próprio discurso do narrador. Corrigir gramaticalmente um escritor do estofo de Lins do Rego é incorrer na descaracterização que fez dele, talvez, o mais regionalista dos escritores do período.

A voz do condutor “zunindo na cabeça”³³, dá-lhe a coragem necessária para a fuga. Precisaria estar na cidade, e o condutor surge como possibilidade de fuga. Antes dela, o primogênito de Avelina repete seu ritual diário. E no momento do banho em Rafael, Ricardo sentia os braços do irmão como cordas que o atavam aquele mundo. O moleque do Santa Rosa levaria do engenho apenas as saudades dos seus.

Levou Rafael nos quartos. O menino pegava-lhe pelo nariz. A princípio chorou para ficar com a mãe, mas foi com Ricardo. O moleque ia fazer seu último serviço no Santa Rosa. O rio corria barrento no mês de julho. A lama da vazante atolava até às canelas. Ricardo olhou para ele como se uma saudade já tivesse suspirando no seu coração. Era do que ele mais gostava ali, era do rio, de atravessá-lo a nado, de vencer os seus redemoinhos mais perigosos. Com o lombo de fora metia o braço e caindo numa margem ia à outra na certa. Lá estava a canoa do engenho amarrada no marizeiro maior. Um silêncio enorme se estendia pela ribanceira. Nem um gemido de boi, nem um grito de gente. Rio passava silencioso, calmo nos seus fins de enchente (REGO, 1999a, p.4).

Alguns sinais são importantes considerar na partida do moleque. O apego à mãe e aos irmãos e o medo do inesperado. No entanto, não mais se sentindo parte do engenho, Ricardo vive a melancolia e a angústia de partir. Amorim (2007, p.59) comenta que “Ricardo é um ser transido entre os *espaços da saudade* e os *impasses da cidade*”. O que ainda o faz viver é a sua inclinação aos sentimentos de família, da sua mãe e seus irmãos.

Só o rumor do corpo dele dentro d’água despertou aquela pasmaneira. Ele e Rafael sozinhos. O choro do negrinho, de começo, já era agora boas gargalhadas, vontade de ficar mais tempo dentro d’água. O irmão grande nadava, com ele em cima das costas, escanchado como num cavalo. Depois se ouviu o grito do coronel chamando. Mas fez que não ouviu. Não era mais dali (REGO, 1999a, p.4).

Decidido a partir, Ricardo aceita o convite do condutor. A locomotiva nesse momento leva-o da “prisão” à “liberdade”. No instante da partida, sofre. Pensa na mãe e nos irmãos. Contudo, parte. No caminho, outros mundos foram surgindo, outras paisagens foram se sucedendo.

³³ Segundo Aragão (1989) a expressão “zunindo na cabeça” significa soar asperamente, insistentemente, permanecer martelando a cabeça.

E Ricardo chorou para ninguém do trem ver. Fingiu que olhava pela janela do vagão, mas o que estava era chorando, deixando lágrimas por aquelas terras desconhecidas. Só conhecia terras do engenho onde se criara. Agora a coisa era outra. Ele não saberia mais os nomes dos pés-de-pau, dos bois, dos poços do rio. Agora ele via engenhos passando. Não se pareciam com o seu. Via gado pastando, gente de enxada cavando terra, canaviais subindo e descendo encosta. E a sua saudade foi se desviando, foi dando lugar a que pensasse na vida (...) o trem puxava, as estações se sucediam. Ricardo notava que a gente entrava pelo vagão já era diferente, gente mais despachada, ganhadores pedindo frete, moleques vendendo jornais. O Recife estava próximo. A cidade se aproximava dele. Teve até medo. Falavam no engenho do Recife como de uma Babel. “Tem mais de duas léguas de ruas.” “Você numa semana não corre.” E bondes elétricos, sobrados de não sei quantos andares. E gente na rua que só formiga. O dia todo é como se fosse de festa (REGO, 1999a, p.7).

Entre os anos vividos no engenho e as lembranças que vai deixando com aquelas lágrimas, alguns fatos de sua vida são marcantes e estarão arraigados a suas memórias. Mesmo na cidade, de início na casa de dona Margarida, e posteriormente na Encruzilhada, as reminiscências do engenho conduzem ao apelo sentimental do lugar no qual foi criado.

Portanto, algumas manifestações dessas lembranças são citadas nesse sentido. Entende-se que o rio Paraíba, a casa-grande do velho José Paulino, a ferrovia e a estação são alguns dos símbolos mais fortes no imaginário social. Principalmente, daqueles que tomaram contato com esses elementos da paisagem. O cotidiano do moleque está vinculado aos trabalhos e às brincadeiras com os meninos e moleques no rio. As idas e vindas pelo casarão do coronel, as incursões nas estradas de barro e as cajazeiras frondosas. As impressões e o saudosismo da paisagem rural, assim como a forte presença da natureza no sentimento do moleque são ponderações importantes, cuja experiência vivida e o dia a dia irão nortear o valor representativo da obra de Lins do Rego.

No Recife, nos primeiros dias de morador urbano, o moleque reaviva essas lembranças em sua memória.

Às tardes, Ricardo ficava sentado debaixo das mangueiras do quintal. Quase sempre a esta hora as cigarras cantavam na rua do Arame. E nesta hora triste, enquanto o bate-boca das mulheres retinha lá por fora, o negro botava a pensar. Não era propriamente para pensar, era pra sofrer. Aquelas mesmas cigarras cantavam assim nas cajazeiras do Santa Rosa (REGO, 1999a, p.13).

O saudosismo dos tempos do engenho é lembrado quando Ricardo compara a vida rural à vida urbana. Com relação a esse fato Villaça (1970, p. 15) comenta:

A lua banhava tudo de branco, como nas cajazeiras da estrada. A miséria da roça é menos infeliz do que a miséria total da cidade. O abandono é mais completo na cidade. E o que há no fundo é a saudade da infância espaçosamente rural.

Essas reminiscências presentes na memória de Ricardo e dos demais personagens que povoam a obra de Lins do Rego nos instigam a buscar os nexos entre as lembranças registradas e as transformações que ocorreram na transição entre o campo e a cidade ainda nas primeiras décadas do século XX. Ricardo faz o percurso mundo do engenho → mundo urbano → mundo da usina. Este último vai ocasionar a morte do antigo trabalhador alugado. Morte não apenas física, mas de seu espírito³⁴.

Portanto, quando lembra o engenho a saudade o faz repudiar algumas relações e determinadas práticas com os habitantes da cidade. E lembrar o engenho, o mundo tranquilo da várzea, é fugir mentalmente do Recife. Nessas horas, lembra o rio, os outros moleques, os cavalos, as pastagens. O rio Paraíba era democrático. Homens e mulheres beneficiavam-se daquele recurso, perene o ano todo. Os banhos de rio são cúmplices das relações infantis, muito presente na obra linsdoregueana. A natureza comporta-se como acolhedora mãe dos momentos de intimidade, dos prazeres, das liberdades. Nas zonas rurais, os banhos de rio são o principal alvo das brincadeiras. Além de servirem como base econômica e importante recurso para a saúde.

O rio Paraíba é importante não somente para enriquecer e alavancar o patrimônio material do senhor de terras. Para a população local, os mais pobres, o rio era o símbolo da força da natureza, derrubando matas, cana e subindo na várzea, cobrindo tudo de lama. Como se pode notar em outras narrativas de Lins do Rego, em especial “Menino de Engenho”, as mensagens sobre o rio Paraíba é figura exponencial: “A linha de ferro foi arrastada em mais de um quilômetro no Engenho Novo. No Espírito Santo caíram ruas de casas. Há muita miséria. Muita fome no povo” (REGO, 1999b, p.86).

O rio, parte integrante da paisagem rural do Nordeste açucareiro, ficou conhecido nas palavras de Andrade (1959) como “rios de açúcar”. Rios que foram

³⁴ A trajetória do personagem Ricardo está inserida no romance *O moleque Ricardo*, como também em *Usina*. Neste ele volta ao antigo engenho, transformado em usina Bom Jesus.

importantíssimos na interligação entre litoral e sertão, servindo a uma estratégia de comunicação e dinamização entre os povos e cidades.

As fortes enchentes, nos meses de inverno, transbordavam o Paraíba nas várzeas verdes de cana. Freyre (2006, p.88) comenta que o rio em conseqüências de suas enchentes, “em vez de beneficiarem as plantações, destruíram-nas completamente ou em grande parte”. Não esquecendo os rios menores “onde eles docemente se prestaram a moer as canas, a alagar as várzeas, a enverdecer os canaviais”.

Era uma visita indesejada, causava pavor, medo, angústia principalmente nos mais velhos. Com os meninos e moleques era uma festa ver o rio invadir a várzea, subir até a calçada da casa-grande. Nesses acontecimentos todos se uniam, ajudavam os mais atingidos pela força brutal do rio. Reunidos nas casas dos moradores mais do alto das encostas, todos eram iguais naquele momento. Tomavam café bruto e comiam as batatas doces dos trabalhadores do eito. A miséria corria nesses tempos do rio indolente. O velho coronel José Paulino não se lastimava. Dizia: “- gosto mais de perder com chuva do que com sol” (REGO, 1999b, p.20).

Passado o período da grande cheia, Ricardo tomava banho sem susto. Levava o mais novo dos seus seis irmãos, Rafael, “o carrapeta”, para banhar-se naquele rio. Antes mesmo de partir para o Recife, foi ali que experimentou a gostosa sensação, pela última vez, de sentir a água do Paraíba no seu corpo. E brincando com seu irmãozinho, despediu-se do velho invencível Paraíba, com suas águas calmas e silenciosas.

O rio é a alma do povo da várzea, pois dele vive, alimenta-se, constrói sua vida. “O rio simbolicamente é aquilo que sempre esteve e sempre estará. É em torno dele que as civilizações nasceram e persistiram. Para essas, ele é eterno tanto quanto elas” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010, p.102).

Se na obra de Lins do Rego, a natureza é classificada em mãe acolhedora, em outros autores do regionalismo moderno, diverge quanto a sua identidade. Em Graciliano Ramos, a natureza é agressiva, causticante, ameaçadora, terrivelmente desoladora. É deveras uma natureza de cárcere. É na obra *Vidas e Secas*³⁵ que tal aspecto pode ser mais bem compreendido.

³⁵ Uma ressalva importante a ser destacada é da nossa não intromissão em caracterizar o trabalho do alagoano Graciliano Ramos, pois conforme aponta os estudos críticos, a miséria que caracteriza a população sertaneja, forçando uma migração, está amplamente relacionada as questões não apenas naturais, mas também políticas da região.

José Américo de Almeida destaca-se também na representação da natureza como dois pólos distintos. A cargo de “A Bagaceira”³⁶, outra importante fonte da literatura regionalista, essa trama romanesca relata a passagem dos retirantes da seca do sertão e da natureza estéril que convida a população local a se retirar. A natureza acolhedora do litoral úmido e chuvoso é o convite para o fenômeno da migração sertão-litoral, revelando-se, nesse contexto, um conflito entre sertanejo e brejeiro, estes, trabalhadores permanentes dos engenhos. Conforme aponta Ribeiro (1977, p.37) quando diz que:

É a história verídica, verossímil e verdadeira da obscura metamorfose dos retirantes quando através das misérias orgânicas da fome entram em contato com a sociedade e a fartura dos povos litorâneos. Uns morrem por intempestiva saciedade, outros sucumbem pela alteração espiritual que experimentam quando tangidos “do seu paraíso pela espada de fogo” da seca inclemente.

Conforme a relação estabelecida entre o coronel e os negros da senzala, nas vazantes, época em que os rios ficavam de águas baixas, os moradores produziam alguns gêneros para sua alimentação e vendiam a sobra obtendo lucro. O senhor de engenho permitia que as negras da casa-grande pudessem cultivar em suas terras, que fizessem pequenos roçados, sem cobrar uma renda em produto. Cobrava-lhes, no entanto, o trabalho permanente no lugar. Desse modo, o que produziam era vendido, e o dinheiro arrecadado, usado para complementar as despesas.

Avelina era mãe para tudo. Não lhe fazia inveja a mãe de ninguém. Trabalhava na casa-grande e ainda lhe sobrava tempo para ter um roçado. Umas braças de milho, de algodão. E os cinquenta mil-réis que fazia na colheita, gastava com eles. O seu vestido de chita era o que a casa-grande dava. E até o botara na escola do Pilar (REGO, 1999a, p.5).

Apesar da base agrícola exportadora do Nordeste litorâneo, da monocultura da cana, não havia garantia de produção de gêneros alimentício nas áreas de engenho. Existia uma deficiência alimentar. Grande parte da carne consumida era transportada do sertão até o litoral. Cana e gado nunca se misturavam, a não ser para a engenharia e força motriz dos engenhos, assim confirma Andrade (1964) e Freyre (2006).

O roçado de mãe Avelina era não somente para produzir alguns gêneros da base alimentar, mas para reverter em dinheiro o restante que sobrava para gastar com os

³⁶ A Bagaceira é o romance marco inicial do Regionalismo Moderno publicado no ano de 1928.

seus. Mandioca, batata doce e feijão eram ali os mais consumidos, completando com a carne do ceará e o bacalhau. Freyre (2006, p.96) confirma outra fala dizendo que: “temos de reconhecer ter sido o regime alimentar do brasileiro, dentro da organização agrária e escravocrata que em grande parte presidiu a nossa formação, dos mais deficientes e instáveis”.

Essa deficiência da nossa policultura em terras de engenho, de cana, talvez tenha outra conotação na fala de Ricardo quando o mesmo compara o coronel José Paulino com o seu patrão na cidade, ‘seu’ Alexandre. Este fazia questão até por pedaço de pão velho. Ricardo enaltecia a bondade do velho coronel, com a mesa farta de comida e bebida. O lado perverso nos mocambos do Recife, com os filhos dos operários da padaria roendo pata de caranguejo e comendo suas vísceras, a fome aguda e a miséria em larga escala, nunca antes vista no engenho, toma Ricardo de surpresa. A miséria total da cidade abriu sua visão em comparação a dos tempos de engenho.

Morava muita gente naquela beira de mangue. De lá saíam homens que iam pegar açúcar no cais, cinco arrobas na cabeça, das barcas para o armazém; operários de fundição; balaieiros; aleijados que viviam de esmolas pelas portas. E no entanto aquele curtume ali perto fedendo, empestando as águas que tanto serviam, matando os peixinhos. Só os caranguejos resistiam. Ele e os urubus. Ricardo achou então que havia gente mais pobre do que os pobres do Santa Rosa. Mãe Avelina vivia de barriga cheia na casa-grande (REGO, 1999a, p.31).

Considerando outro ponto importante da vida de Ricardo no campo, destaca-se a velha estrutura arcaica do Brasil agrário-exportador cuja mentalidade colonial cria nexos de identidade entre o mandatário e o subjugado, sujeitando este à dominação pessoal do grande proprietário de terra, José Paulino. São padrões culturais permanentes, difíceis de exaurir.

Esse mundo vivido por Ricardo no engenho caracteriza-se por um tempo em que relações sociais há muito sedimentada no Brasil colônia permanecem na vida dos moradores da várzea. Por essa razão, vivendo pela alimentação e moradia Ricardo devia acordar cedo para cumprir um ciclo de obrigações durante o dia.

O sol ainda se anunciava com dourado nas barras. Nem os passarinhos tinham acordado. Só as vacas para o leite e eles que tiravam leite das vacas. Podia ainda estar dormindo. O que atrasaria dormir até às cinco horas? O condutor lhe chamara na estação. Naquele dia enquanto puxava os peitos das turinas, Ricardo pensava no condutor, no mundo, nas viagens. O melhor era ir mesmo. Ali não passaria daquilo. O

melhor era ir mesmo. Quando acabou o serviço, já tinha outra coisa para fazer. E às dez horas ainda estava pegado no rojão. E o condutor com ele. A viagem. O trem apitando. E adeus, bagaceira. A mãe chegou-se para falar: - quando acabar daí, Ricardo, vai dar um banho em Rafael. Ainda tinha muito que fazer, mas foi. O seu último serviço no engenho ele queria que fosse este: lavar o irmão mais moço. Não lavava os cavalos do coronel? (REGO, 1999a, p.4).

O hábito de tomar o leite fresco na madrugada, por esse dia esperaria o povo da casa-grande, pois Ricardo sonhava ir longe, para bem longe daquele mundo. O mundo seria perfeito somente se gozasse dos mesmos privilégios do menino de engenho, de Carlinhos que andava de carneiro e ia à escola a cavalo.

Na infância brincavam todos juntos, meninos e moleques, no rio, na caça aos passarinhos. Dos bandos de passarinhos que visitavam os poços de água, da sede dos dias de travessia. “E quando o avistaram, faziam a aterrissagem em magote, escurecendo a areia branca do rio. Nós ficávamos de espreita, de cacete na mão, para o massacre” (REGO, 1999b, p.13).

O passarinho vira metáfora da liberdade, própria dessas aves, que sucumbidas pelas adversidades do habitat, migram sempre em busca de melhores regiões. Metáfora do sonho de fugir e se tornar alguém. Outros que fugiram como Maria filha da negra Joana, de ir para o Recife trabalhar como doméstica, batendo roupa, são referências positivas que inclinam o moleque a fugir, ir embora, de um espaço saudoso, do rio; precisa ir.

Tinha 16 anos. Para que chorar? Chorava de besta que era. Deixara a bagaceira para ir se empregar. Empregar – como essa palavra era diferente de alugar! No engenho os trabalhadores eram alugados. Achava bonito quando a negra Joana dizia na ‘rua’ falando de uma filha que se fora para Recife: “Maria está empregada em casa de uma família” (REGO, 1999a, p.8).

No dia em que foge, ele dorme até tarde. Ninguém esperasse por um dia de serviço completo. O sol cria a metáfora, o símbolo da luz que se abre para o moleque da bagaceira. Enquanto ele dorme, o sol entrando pela janela anuncia uma nova etapa de sua vida. O mesmo sol o despertaria, mas agora para o serviço na cidade. Enquanto Ricardo permanecer no engenho, ele vai permanecer na “escuridão”.

O coronel José Paulino o tinha como o seu moleque de confiança. Estabelecida ainda no campo brasileiro, mesmo após a abolição, a ordem patriarcal, os mandos do coronel também se constituem como forte motivo de sua saída. Contudo no Recife, na

convivência com o seu Alexandre, Ricardo passa a exaltar o coronel, pois este não era “unha-de-fome”. Porém, ainda no engenho, o velho coronel entra em sentimento de saudade e descompostura por sua fuga:

Na casa-grande também sentiram a ausência, mas de outro jeito: - negro fiel. Podia fazer um mandado por ele sem susto. Fazia tudo depressa e com vontade. Se fosse no outro tempo, o capitão-de-mato daria conta da peça de primeira, os jornais anunciariam as qualidades, os sinais de Ricardo, até que ele voltasse para os seus, para a mãe e o dono. Ambos queriam bem, bem diferente. O coronel ainda gritou quando soube da escapula do moleque: - negro fujão, pensa que lá por fora vai ter vida melhor. Vai é morrer de fome. Outros tem se arrependido. Mas o coronel sentiu o seu moleque fugido. Andou a tatear atrás de outro que o substituísse. Experimentando. Mandou o João de Joana à estação buscar os jornais. No outro dia Mané Severino. Vendo assim quem elegeria pelas qualidades ao lugar de Ricardo. Tateou uma semana até que se decidiu por um. Fez-lhe falta o moleque ensinado (REGO, 1999a, p.7).

O coronelismo enquanto importante fenômeno, alicerçado principalmente no Nordeste do Brasil, cria amarras sociais que definem a importância de cada habitante para o seu lugar. Enquanto fenômeno complexo, as especificidades de cada lugar que o acompanha, e suas respectivas variações no tempo, apesar das semelhanças, o coronelismo é a manifestação do poder privado representado pelo coronel. Podemos dessa forma constatar nas palavras de Leal (1997, p.40) um pouco da essência do que seja esse fenômeno:

Por isso mesmo, o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente os senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil.

Em torno do coronel existe uma grande quantidade de pessoas dependentes do seu auxílio, de seus favores. Em contrapartida, essas mesmas pessoas, em função do regime representativo através do voto, são qualificadas enquanto “clientes” que obedecem às ordens do seu senhor. É um compromisso estabelecido em troca do direito a trabalhar na terra.

O coronel José Paulino é mais um chefe local, malgrado o velho instinto tenaz que o faz dono de sua propriedade, mas atento aos problemas que circundam seus domínios. “Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes,

compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitem” (LEAL, 1997, p.42).

Em “Menino de Engenho”, há uma passagem em que o coronel José Paulino mandou um negro ficar preso no tronco. Esse acontecimento se deu em virtude do “cabra”³⁷ ter violado a virgindade de uma moça da região. Para resolver o impasse, o coronel, revestido da condição de “juiz”, pediu que a moça colocasse a mão em cima da bíblia, jurasse e dissesse a verdade sobre o caso. A moça respondeu: “- juro que foi o doutor Juca quem me fez mal [...] e o velho em seguida responde, “soltem o cabra” (REGO, 1999b, p.31).

Juca, o dr. José de Melo, era filho do coronel. E o velho não impôs em momento algum uma possível repreensão. Casos assim instigam Ricardo³⁸ à compreensão de que naquele mundo rural pessoas como ele não têm importância.

Na casa-grande, criaram-se todos: senhor de engenho, menino de engenho e moleque. As negras quitandeiras, as sinhazinhas, as mucamas. Ricardo criara-se entre a senzala e a casa-grande. Essa falsa liberdade de entrar num local e outro, no mundo do engenho, foi sentida na sua adolescência.

Gritava demais, mas desde que nascera que os gritos do velho, as ordens, os chamados eram daquele jeito. Gritava por tudo. Ricardo se insurgia. Estava ele brincando com atenção para qualquer coisa sua, quando o grito estrondava chamando por ele. Não sei por que naquela noite ele teve vontade de ver o coronel. Nascera para ser menor que os outros. Em pequeno vivia pela sala com os senhores lhe ensinando graça para dizer. Os meninos brancos brincavam com ele. Mais tarde viu que não valia nada mesmo. Só para o serviço, para lavar cavalos, rodar moinho de café, tirar leite. Negro era mesmo bicho de serventia. Andava pelo mato, espetando os pés atrás do gado. Em casa mãe Avelina botava jucá e pronto. Não se falava mais nisto. E no entanto, quando Carlinhos ralava o joelho na calçada, corria gente de todo canto da casa. Davam água fria ao menino por causa do susto e passavam pedaço de pano pela ferida. Ricardo só podia sentir essas cousas. Ele tinha alma igual à dos outros. E sabia mesmo fazer tudo de melhor. E apesar disso, quando o outro crescesse, seria dono, ele um alugado como os que via na enxada. Não tinha raiva de Carlinhos por isso, mas sentia inveja, vontade de ser como ele, de andar de carneiro e poder comprar gaiola de passarinho, de não ter obrigação nenhuma. (REGO, 1999a, p.12).

³⁷ Morador da propriedade rural.

³⁸ O personagem Ricardo aparece uma única vez em “Menino de Engenho”, e só aparecerá mais adiante no ciclo-da-cana de açúcar como personagem principal do romance que leva seu nome, que é objeto de estudo desta dissertação.

O cotidiano revela-se em barreiras intransponíveis entre brancos e negros. Relações que vão além do círculo da casa-grande, e ganham espaço nas representações sociais. Passado o período abolicionista, permaneciam os negros “fiéis” à casa-grande. Todos os ex-escravos da propriedade ligados à condição de alugados. Comida e cama eram dadas em troca de trabalho. A mentalidade patriarcal, mesmo após a superação do sistema escravista continuaria. Assim, confirma Costa (1998, 335), quando observa que “as duas camadas raciais permaneciam, a despeito de toda sorte de contatos, intercomunicações e intimidades, dois mundos, cultural e socialmente separados, antagônicos e irreduzíveis um ao outro”.

Ricardo passa a ideia da relação com seu senhor de maneira a revelar o lado humano daquele. Sua devoção e comprometimento forjam, por vezes, o retrato de uma ideia romântica dessa relação. Ricardo no engenho não tem consciência política, apesar de revelar sua vontade e desejo de estar sob a mesma condição do neto e dos demais da casa-grande.

Com referência à casa-grande, Freyre (1979) admite a casa como centro da formação social do Brasil. À casa-grande reserva em especial um valor da família do senhor de engenho, com suas formas arquitetônicas, dominadora e acolhedora. Consiste no símbolo do poder do barão de açúcar do Nordeste do Brasil, em que pese a organização e permanência de uma sociedade em particular.

Habitação cuja importância foi preponderante na formação da família patriarcal revela-lhe o caráter de patrimônio histórico e artístico do Brasil. “Casas-grandes completadas por senzalas – os chamados “pombais-negros” – permitiram essa poligamia oblíqua mas efetiva, fecunda, como que tolerada pela própria igreja”, assim confirma Freyre (1979, p.56), quando relata esse intenso processo de convivência nos espaços domésticos entre gente branca e de cor, cuja miscigenação foi importante na construção da formação social brasileira.

A estação de trem é um dos locais mais freqüentados pelo moleque. Por lá pegava os jornais do coronel José Paulino, ou ia mesmo fazer algum serviço para mãe Avelina: “- Mãe, vou pra vila ver os jornais. Mãe não quer nada não?”. (REGO, 1999a, p.5). De acordo com Amorim (2007, p.59), “as lições de partida que a vida da estação de Pilar lhes proporcionou, em seu contato com trens, com jornais, com notícias de outras cidades, de outros espaços e de outras experiências” são importantes na sua fuga, mas não tão decisivas quanto aos gritos do coronel e a natureza do trabalho que exercia no engenho.

Como foi dito, a estação férrea e o trem representam o símbolo de libertação para uma vida mais digna. São no imaginário do moleque mais que alçar novos horizontes, conquistar um novo espaço, significam o sonho de viver dignamente.

Para Freyre (1988), o ferro teve papel fundamental no processo civilizatório, interligando os vários lugares, campo e cidade, revelando o impacto revolucionário que esse elemento representou nas sociedades. Por meio dele, pontes e máquinas interligam vários mundos, a exemplo de Pilar e Recife.

O maior desejo do moleque Ricardo era ser maquinista. “A sua grande ambição, o seu sonho maior, não seria uma cousa do outro mundo. Ricardo queria somente ser maquinista. Achava bonito Chico Diabo passar com a mão na alavanca, botando a cabeça de fora para ver o leito da linha” (REGO, 1999a, p.6). A euforia que o tomava quando via o trem rasgando o trilho fazia o coração do negro em descompasso. A figura do maquinista, do operador de máquina, adverte Freyre (1988), teve grande repercussão no Brasil, tornando-se popular, igualmente aos engenheiros por sua atividade ligada ao período de exaltação, poder e consumo do ferro.

Naquela paisagem estática do campo, o trem consiste no mais perfeito paradoxo, rasgando o espaço verdejante com sua fumaça e apito estrondoso. Suscita de forma espantosa uma repercussão folclórica, cuja memória nacional, o celebra enquanto patrimônio histórico. O trem representa ainda um forte apelo emocional, materializado em alguns museus pelo país, especialmente em Pernambuco. Da sua importância em vários sentidos da vida, dos que utilizaram desse transporte revolucionário, como atesta Freyre (1988):

Que durante anos rodaram por grande parte do Brasil, conduzindo pessoas, coisas e animais: trazendo açúcar de velhos engenhos para portos de embarque; favorecendo desenvolvimentos rurbanos; tornando possíveis valiosos equilíbrios intrarregionais. E projetando-se sobre a imaginação popular como expressões mágicas de civilização além da técnica: a econômica e social (FREYRE, 1988, p.48).

E Ricardo, sentado em um daqueles vagões, foi se despedindo das terras que só abrigava predominantemente cana a ser utilizada nos engenhos. A percepção e apreensão das paisagens ao longo da viagem formam um mosaico, com seus elementos e conteúdos diferenciados. A cada parada, um novo olhar, uma nova apreensão de um espaço desconhecido, porém imaginado. Via sempre o povo falar do Recife, seja na casa-grande, na estação do trem, ao ver os jornais, nos diálogos dos mais idosos.

Ricardo agora se encontra em outra realidade. O Recife é outro mundo, que ele irá desvendar a partir da sua vivência com outras pessoas.

3.2. A vida de Ricardo em Recife: a cidade apreendida a partir da experiência do personagem

A saga de Ricardo desenrolou-se, em momentos distintos, no rural e no urbano. Uma vez que analisamos a vida rural do personagem, observamos o seu cotidiano no Recife. Nesta cidade encontrará um novo sentido para sua existência, pois, desejoso de sair do mundo rural encontra no Recife uma vida de angústia e sofrimento. Assim, pela memória, reaviva em diversos momentos sua infância no Santa Rosa, e conclui, com a experiência da cidade, que era mais feliz na várzea que na miséria do Recife.

Entretanto queria ir-se embora. Escrevera para o povo do engenho, falando da sua vontade de voltar para lá. Simão achava o cúmulo. Voltar para o engenho. Sem dúvida que só podia ser fraqueza de juízo. Um homem que ganhava o que ele ganhava, com aquela idéia infeliz. Mas Ricardo pensava mesmo naquilo. O que o Recife lhe dera de bom não compensava as tristezas e as mágoas em que ele se metera. Odete, Isaura e Guiomar, três mulheres que lhe haviam secado a alma. Não tinha mais nada em que pensar. (REGO, 1999a, p.178)

Este fato, além de permitir relações de comparação entre o campo e a cidade, configura-se como representação simbólica no romance de Lins do Rego. Para tanto, elegemos os lugares do Recife que, de acordo com nossas impressões da trama romanesca, foram os mais marcantes para a constatação das impressões de Ricardo. São eles: rua do Arame; Encruzilhada; rua do Cisco e rua do Cravo.

No âmbito da Geografia Humanista, o conceito de lugar é compreendido além do espaço produzido socialmente. O termo espaço carrega em si uma definição que contém determinadas abstrações e subjetividades. Para Tuan (1983, p.6) “o que começa como espaço diferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Este espaço construído socialmente, carregado de significado, de simbolismo, de sentimento de pertencimento e identidade é resultado da materialização das experiências dos homens no ambiente em que vive.

Outrora espaço desconhecido, o Recife configura-se para Ricardo numa experiência total, uma vivência compartilhada com os novos amigos: Florêncio, seu Lucas, dona Isabel, a negra Isaura, Odete, Guiomar. *O moleque Ricardo* contribui para pensarmos a respeito do lugar. A descrição com riqueza de detalhes e a essência na interpretação do lugar vivido pelo personagem confirmam essa compreensão. A relação estreita do sujeito com o lugar dá-se através da experiência vivida.

O que nos chama atenção quando relacionamos lugar com a cidade, além dos traços de materialidade já presentes, é o experienciar das pessoas com os sentidos, o apreender. Na cidade, podemos perceber os laços de *topofilia* e *topofobia* (TUAN, 1980).

Apesar da adaptação no Recife, após dois anos de convivência na rua do Arame, e dos demais vividos na Encruzilhada e rua do Cravo, as experiências do moleque Ricardo expressam uma sombria e desumana convivência com o novo lugar. A experiência de Ricardo no Recife assegura a idéia de lugar. No entanto, a experiência com o Recife não se dá pela afeição, o sentimento. Representa mais uma topofobia, uma aversão ao lugar vivido.

A casa de dona Margarida foi a primeira experiência de Ricardo morando na cidade do Recife. A convite do condutor que o leva do engenho, Ricardo foi se adaptando aos poucos em terras desconhecidas. De início chorava, sentia-se amargurado por ter deixado os seus. Mas ganhando dez mil-réis por mês se vê em situação mais favorável que no engenho trabalhando como alugado. O serviço era maneiro se comparado ao que ele irá encontrar na padaria de ‘seu’ Alexandre. Aguava as plantas de dona Margarida que serviam para o vício da patroa. O jogo do bicho era seu ópio. Nos seus afazeres, dava tempo para as recordações constantes. Pouco saía de casa. Vivia como se estivesse no engenho.

Ricardo encontrou outra vida. O povo era outro. Na rua onde morava não havia casa grande. Todas as casas eram pequenas. E também o grito do coronel não se ouvia. A voz de mando era diferente. De dia só existia por ali menino e mulher. Os homens saíam para o serviço com o sol apontando e a rua ficava entregue às crianças. Havia casas que pareciam de mentira, feitas de pedaço de caixão, de latas, e outras melhores, mais bem parecidas. Plantavam flores e verduras nos quintais. Uns tinham cadeira para sentar, estampas de Nosso Senhor na sala, retrato de padre Cícero. As mulheres conversam muito, falavam muito umas das outras; o mexerico corria mais depressa do que notícia por telefone. Briga de menino dava sempre em briga de gente grande (REGO, 1999a, p.10).

As primeiras impressões de Ricardo na rua do Arame foram essas. Muita gente, uma dinâmica de dia e de noite. Agitação constante. Ali ganhou as primeiras experiências de retirante oriundo da várzea paraibana. As primeiras comparações nascem aí, da rua do Arame e a ‘rua’ da senzala.

Para Ricardo aquela rua era diferente daquela onde nascera e se criara. A velha senzala do engenho era muda. Só aquele bater de boca, de noitinha. A mãe Avelina, Joana, Luísa e os moleques pelo terreiro, brincando. Também ali só faziam dormir e esperar os homens na cama dura. Agora a coisa era outra. A rua do Arame agachada, com as biqueiras encostando no chão, mulheres brigando com os maridos, falava outra língua mais áspera, mais forte. Ricardo gostava mais dela. É verdade que de quando em vez uma saudade lhe assaltava a alma. Era sempre de noite que esta saudade procurava o moleque. Ele dormia no fundo da casa, quase que debaixo de uma mangueira de galhos gigantes. E quando o sono não chegava logo, a mãe Avelina vinha para ele de braços abertos: “Benção, mãe”, era assim como ele lhe dizia. Ali não tinha para quem estirar a mão de manhã e de noite (REGO, 1999a, p.11).

Para Dardel (2011, p.28), “a rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem”. A rua ganha vários sentidos e formas dependendo da escala urbana, da vila à cidade metropolitana. O dia a dia fornece impressões da rua, onde o homem nasce, cresce e morre. Ricardo toma contato com essa nova e estimulante realidade local.

Como aponta Claval (2006) e Tuan (1980), a apreensão do mundo dá-se através dos sentidos. Dois desses sentidos são considerados de imediato por Ricardo: a visão e a audição. A primeira permite perceber a realidade em várias escalas. “O olhar participa da experiência que temos dos lugares e de sua dimensão emotiva – por vezes estética” (CLAVALL, 2006, p.99). Já a segunda não tem a mesma significação, fornecendo a ideia de imperfeição dos fatos do mundo e a direção de onde provêm os sons. “O ambiente sonoro faz parte da imagem que guardamos dos lugares” (Ibid, p.99).

Ricardo dirige o olhar atento aos novos sujeitos que se apresentam na rua do Arame. Esta rua mais agitada, barulhenta, não lembra em quase nada a velha “rua” da senzala. No entanto, a única imagem que ainda possa resplandecer no moleque da bagaceira talvez seja a dos homens e mulheres, negros e pobres, iguais aos do engenho

Santa Rosa. O retrato sofrível dos homens e mulheres afundados na miséria do engenho e do mangue.

Ao contrário do engenho, no Recife existiam famílias vivendo em pequenos casebres, mocambos. Também existia a promiscuidade sexual. A traição, o ato sexual fora do leito conjugal, dava-se às escuras, nos bailes de carnaval. As brigas entre homens e mulheres na rua do Arame era uma constante.

Às vezes a rua se encrespava toda. Alguma mulher dava para vadia. As conversas cercavam a pobre de todos os lados: - Você viu o sujeito passando pela porta? Com um marido tão bom! – Deixa lá, deixa lá a diaba com fogo entre as pernas. Havia também marido com duas mulheres, e com as casas bem próximas. As duas se encontravam cara a cara, como se fossem de homens diferentes. A princípio a guerra se declarava com ímpeto. A legítima ia para a porta da outra chamar de catraia, ratoína, puta ordinária. Pegavam-se. O próprio marido vinha separar com a sua autoridade de homem. O povo juntava na porta e quando os homens saíam de casa, pegavam as mulheres no comentário: - É preciso ter bofe, para agüentar o que Mariquinha agüenta. Um marido daquele eu botava na rifa (REGO, 1999a, p.10).

As tensões e contendas formavam o cenário social da rua do Arame. O homem revestido da posição da “moral” e dos “bons costumes” separa a mulher oficial da amante da luxúria do ciúme. Para acalmar os ânimos passa dois, três dias fora de sua casa nos clubes de carnaval. Os clubes de carnaval e o jogo do bicho eram dois acontecimentos que geravam o motivo de muitas brigas naquele lugar.

Havia muita briga entre marido e mulher. E por causa de cousas pequenas. O jogo do bicho era sempre motivo dos maiores. O jantar não prestava, era pouco: - Em que diabo gastasse o dinheiro, mulher? Está jogando no bicho outra vez, hein, cachorra? E o bofete cantava no toitiço³⁹. Elas também não ficavam quietas, como leva-pancadas. Investiam. Os meninos choravam na porta de casa, num berreiro de saída de enterro. E o braço vadiando dentro de casa, os dentes da mãe no cangote do pai, os troços se quebrando. O povo acudia, desempatava o casal, a mulher chorando, de sangue correndo pelas ventas, e o homem bufando: - Esta burra pensa que faz o que quer! Os outros se chegavam para ele, acomodavam. E a mulher ia para a cama chorar, fazer dormir os meninos pequenos. Nesta noite o marido dormia debaixo da mangueira, com as estrelas no céu e o vento bom para acalantar o sono de um justo. De manhã a mulher preparava o café com pão crioulo. Ele saía de casa com cara feia, mas se não tivesse gênio, de noite chegaria com a cara alegre. E a mulher passaria uma semana sem jogar no bicho. E quase sempre um filho novo aparecia de tudo isso (REGO, 1999a, p.11).

³⁹ Pescoço, cangote ou nuca.

A estrutura familiar no engenho e na cidade é amplamente discutida dentro de cada contexto socioespacial. Algumas inferências são notabilizadas a partir das citações anteriores. Assim, a narrativa de Lins do Rego possibilita entender como foi possível constituir famílias negras no engenho, como também nas cidades.

Mãe Avelina no engenho tivera vários maridos. Nos tempos da escravidão a vida familiar dos negros estava restrita espacialmente ao perímetro da fazenda. Não era permitido aos negros laços de comunicação além do universo social daquele perímetro. Ter relações sociais e afetivas entre negros de diferentes localidades de engenhos era muito difícil. Os senhores mantinham-nos em sua propriedade afastados propositalmente, em virtude de uma possível rebelião ou insurreição. Além disso, a quantidade de negros do gênero masculino eram superiores as do feminino. Estas razões, entre outras, são importantes no sentido de entender porque as mulheres da senzala se relacionavam com vários homens, e não existia uma censura social que impedisse determinada conduta de relação afetiva entre os negros do mundo do engenho. Contudo, existia o sentido de família, de relação de parentesco. Isso torna-se claro quando Ricardo recorda os seus (BENÍTEZ, 2007).

As relações de adultério e de prostituição na cidade são censuradas socialmente. Benítez (2007, p.55) comenta essa afirmação quando observa que “o casamento, em um contexto urbano independente do engenho, era a base privilegiada para o começo de família”. Contrariamente o que ocorria no mundo do engenho, pelas razões apontadas anteriormente, em que as negras não eram censuradas em sua conduta sexual, na cidade “o casamento era uma maneira de legitimar a mulher, provando sua decência” (Ibid, p.55).

Além das contendas, discussões e brigas entre os casais, diante da traição e o comportamento ilícito, evidencia-se uma hipocrisia social quando “as duas se encontravam cara a cara, como se fossem de homens diferentes”. Ricardo será consumido pela obrigação de casar-se com Odete, mesmo não gostando da negra. O casamento será consumado porque Ricardo tinha dado a sua “palavra” para a família de Odete. Gostava mesmo de Isaura, pois esta era negra de pura destreza sexual, porém casaria com Odete por ser uma mulher socialmente favorável (BENÍTEZ, 2007). Ricardo recorda o comportamento sexual do povo do engenho, reprimindo a conduta dos citadinos.

No engenho aquilo não queria dizer nada. Mãe Avelina não tivera marido. E lá quem tinha marido não era melhor do que ela. Ninguém se importava que Mãe Avelina não tivesse casado. Paria como as outras. As casadas não faziam luxo com ela. Sinhá Ambrósia no entanto falava tanto de rapariga, de mulher perdida. No Recife se reparava muito nessas coisas. Só as que tinham dinheiro como a Josefa de seu Alexandre, viviam com visitas de família dentro de casa. Mãe Avelina se vivesse ali seria uma rameira de estrada de ferro. Negra de todo o mundo (REGO, 1999a, p.148).

Ricardo tem a dupla experiência acompanhando-a sempre que compara o campo e a cidade. A comparação está posta no romance como importante figura de linguagem muito presente na narrativa de Lins do Rego. Seja a rua da cidade e a do engenho, entre o povo do Santa Rosa e do Recife, entre a moradia ou comportamento. Essa comparação ao longo de sua vida revela algumas tensões, reflexo dessa intensa vivência entre as duas espacialidades. O apelo dos signos da vida moderna na cidade – o trem, os sobrados, os carros que via nas notícias de jornal – foi responsável por sua saída aliada a tentativa de buscar uma vida mais moral, de se tornar alguém mais importante.

Marques Júnior (2002) aponta a rua do Arame como o início de consciência da exploração na cidade e onde a saudade dos seus toma conta de seu coração. A rua do Arame é o ponto de chegada e de partida para uma nova libertação. Apesar do dinheiro que ganha, os gritos e a impertinência da patroa, cujo humor cíclico dependia do bicho do jogo do dia, o faz lembrar-se dos caprichos do coronel José Paulino.

Quando ela errava no bicho, encontrava tudo em casa malfeito: - Não botaram nem uma gota d'água nas plantas. Ricardo, o que foi que você fez o dia inteiro? Chegou tão bom, está se perdendo. A negra na cozinha não ia com o luxo da patroa, quase da sua cor. Reagia: - Perde no bicho e vem pra cima de mim. Vá descontar no diabo! E as cóleras e impertinências se acalmavam em Ricardo. Ele não dizia nem sim nem não. As plantas estavam secas. Botava água nas plantas. “Este quintal faz uma semana que não se limpa”. Pegava no ciscador e limpava o quintal. Mas aquilo doía no moleque. Ele era de carne e osso. Fugira do engenho para uma vida mais dele. Tomara uma resolução porque uma necessidade de viver diferente lhe alimentou a imaginação. Dona Margarida não podia perder no bicho. O povo da rua do Arame já sabia. Quando ouvia um grito com Ricardo, o falaço, a tormenta nas quatro paredes da casa do condutor, dizia um para o outro: - Dona Margarida não acertou hoje (REGO, 1999a, p.13).

Após dois anos de convivência com dona Margarida é que Ricardo vai conhecer melhor o Recife. A convite de um vendedor de pão sai do serviço doméstico e passa a operário na padaria de seu Alexandre na Encruzilhada.

Do serviço doméstico à proletarização na padaria de seu Alexandre, Ricardo encontrou outra vida. Não apenas por ver seu salário de dez mil-réis transformarem-se em noventa mil-réis por mês – um salário de príncipe como ele dizia –, mais por conhecer de fato as ruas, avenidas largas, o rio Capibaribe, o carnaval e a relação íntima com os novos amigos e amores da cidade do Recife.

Ricardo vem florescer na urbe, acompanhar as lutas operárias, o sofrimento dos amigos, os clubes de carnaval. Também é aí que ele encontra o desespero, a crueza dos acontecimentos, o drama humano. Ele é parte desse drama humano, característica muito comum nos romances de Lins do Rego. Como atesta Melo (1990, p.279), “no Recife, na proletarização da padaria, o moleque passa a uma vida mais moral, informada pelo trabalho, por aquele esgotamento físico que o suor gasto na padaria deixava”.

Morava nos fundos da padaria, acordava cedo e pegava no rojão o dia inteiro. A consciência de exploração no moleque da bagaceira vai crescendo, penetrando em sua alma, a ponto de recordar o engenho e comparar a vida menos perversa lá com a cidade. A nova vida começa na Encruzilhada, importante bairro do Recife.

Agora Ricardo trabalhava para um portuga numa padaria. Deixava a casa de dona Margarida a chamado de um vendedor de pão. Colocou-se como carregador de balaio, com noventa mil-réis por mês, e lugar para dormir. O serviço era pesado, mas o ordenado de príncipe em comparação com os dez mil-réis do condutor. A princípio sentiu saudades das plantas de dona Margarida. Não pesavam nas costas como balaio de pão. Começava às cinco horas da manhã. Lavava o rosto, comia o seu pedaço de pão com café, e o balaio cheio o esperava. Bem que pesava no começo e sentia na cabeça o calor do pão quente. A manhã era alegre, e o trabalho para Ricardo não era castigo. Saía pela Encruzilhada. As casas fechadas. Só se viam pelas ruas operários que esperavam o trem e os que levavam, como ele, balaies de pão na cabeça. O homem que ia atrás dele tocava numa corneta fanhosa. Enchia os sacos da freguesia dependurados pelos portões de ferro. A corneta acordava as criadas. Agora já ia por João de Barros, e o sol esquentava-lhe o rosto molhado de suor (REGO, 1999a, p.15).

Ricardo é agora funcionário de seu Alexandre, homem de têmpera forte e impertinente. Os funcionários fugiam dos seus gritos como as carolas rezadeiras dos cultos ao diabo. Era um homem prepotente e avarento. Sempre calçando tamancos e

pano no pescoço entrava na área de produção para ver se o pão e as bolachas estavam da melhor qualidade. Exigia até o último suor do operário e não perdia tempo em sua descompostura quando via algo de errado. Sempre prezava pelo seu produto. A farinha do reino é de primeira qualidade, não queria ver seu produto mal feito.

Seu Alexandre contava tudo, pão por pão, reclamava dos padeiros estragos de fermento e de farinha. Para ele andava tudo sempre ruim. Os homens suados da boca do forno, mudavam a roupa para um canto sem lhe dar ouvidos. Só o patrício aceitava o desafio. Batiam boca, gritando um para o outro. Seu Alexandre se dizia roubado com a freguesia perdida. Aquilo era lá pão que prestasse. A farinha era da melhor e o produto era o que se via. – Vou procurar gente competente. – Pois que procure – lhe dizia o outro, enquanto saía para o sono, para esticar o corpo no descanso da cama (REGO, 1999a, p.16).

O portuga prezando pelo seu produto, tornando-se uma referência de qualidade naquele bairro esgotava até o último suor de seus trabalhadores.

Nunca chegou um dia ali para elogiar, fazer justiça ao suor que ele via correr em bica pelo corpo nu dos homens. Eles trabalhavam com uma tanga de estopa. Os masseiros gemiam em cima da farinha-do-reino com a cara de quem estivesse em luta com um inimigo rancoroso. A boca do forno era um inferno de quente. De noite o calor era menor, mas pelo dia queimava, tostava o couro de quem chegasse por perto. Seu Alexandre chegava de lenço no pescoço para examinar, para falar de trabalho. Que eles melhorassem o produto. Dava tudo muito bom, farinha de primeira, tudo de boa qualidade. A água era igual à dos outros. E por que o pão crioulo dele não se comparava com o de outras padarias? Era relaxamento, era descuido. Os homens de cabeça baixa no serviço só faziam suar (REGO, 1999a, p.23).

Ricardo observava que o trabalho dos operários de padaria eram mais sofríveis que os dos trabalhadores do eito.

Seu Antônio entrava na conversa. Era mais do outro lado. Pelo menos silenciava, não acompanhava os outros. Era mestre, e mestre não ia dar ajuda a falaço de operários. Deodato forneiro não falava, de cigarro na boca com o rodo na mão, ia distribuindo as latas com a massa que entregavam. Tinha o rosto queimado, a pele encardida. Gente de sua profissão não chegava à velhice, a doença comia antes do tempo. Os fornalheiros do engenho tinham vida melhor, seis meses de folga, seis meses sem bagaço para empurrar de fornalhas adentro. E fogo de boca de fornalha não se comparava com aquele de forno de padaria (REGO, 1999a, p.35).

Sua mulher, dona Isabel ajudara a aumentar o seu pecúlio. Era a estrela do galego. Uma camponesa imigrante de Portugal; “sua terrinha” como costumava chamar.

Dona Isabel até os últimos tempos de sua vida vivia a lavar os vasilhames e as panelas para os “papados”⁴⁰ do seu marido unha-de-fome. Ao contrário do marido, era uma mulher desprendida de bens materiais, sem posse ou orgulho. Alexandre fazia questão por pedaço de pão velho. Ele personificava o patrão capitalista, explorador da força de trabalho dos seus operários. Em outros tempos exercia as mesmas funções dos seus empregados, trabalhando como “besta de carga”. Agora que havia galgado boas posições, ascendido, usurpava até as últimas forças dos seus operários.

A mulher não queria compreender que tinha ascendido, porque era a mesma, lavando roupa do seu Alexandre, fazendo fogo de cozinha, fazendo tudo em casa. Para que cozinheira ou lavadeira? De tudo ela tomava conta com a mesma disposição com que chegara da terra. Seu Alexandre dizia sempre que aquela mulher fora sua estrela, o que tinha, devia a ela. Não escondia, era franco, mas à tardinha deixava-a no balcão da venda e dava-se aos amores com a mulata da beira da linha, lá para as bandas do Chapéu de Sol. O portuga gastava um pedaço com a rapariga. Todo mundo na Encruzilhada sabia, a mulher sabia mas pouco estava ligando. Alexandre precisa se divertir (REGO, 1999a, p.17).

Não havia tempo para sentimentalismo do patrão com empregado. Para viver e sustentar sua luxúria, o pão da tarde e da manhã precisava de mão forte de trabalhador para afinar a massa. O pão de seu Alexandre era considerado o melhor na região. O galego freqüentava a casa de dona Josefa, mulata moradora do Chapéu de Sol.

Muitas vezes ele mandava Ricardo levar as coisas para amásia mas que voltasse em cima dos pés. Não permitia empregados com conversa por lá. Os seus noventa quilos pediam a luxúria que a mulata tinha de sobra pra ele. Ela mesma vinha à venda, toda por cima da seda, enquanto d. Isabel vasculhava lá por dentro as garrafas vazias. Seu Alexandre fechava a porta que dava pro fundos e tirava o seu pedaço de prosa com o seu amor (REGO, 1999a, p.17).

Com dona Isabel já doente – e seu leito de fogo morto –, o portuga precisava dar vazão a sua luxúria em cima da mulata com fogo entre as pernas. Em tempos de carnaval, a casa de Josefa enchia de homens tocando violão e mulheres seminuas a cantar as marchinhas. Ricardo indignado via o patrão gastar dinheiro com a rapariga.

⁴⁰ Comida.

O moleque acabou o serviço mais tarde. Precisava mesmo dormir um pedaço. Mas seu Alexandre estava mesmo na porta esperando por ele. Era um servicinho que tinha para Ricardo fazer. Ir somente ao Chapéu de Sol levar umas coisas para a rapariga. – faça-me este favor, senhor Ricardo. E o moleque se foi, bêbado de sono, levar um mimo de seu Alexandre para a mulata. Por várias vezes fora ele à casa da amante do patrão. Naquele domingo de carnaval a mulata já começava a brincar. De dentro gemia um violão caviloso. A criada veio saber quem era: - é gente de seu Alexandre, dona Josefa. O violão deixou de gemer. E d. Josefa apareceu de *peignoir* de bolinhas vermelhas: - ah!, é o senhor Ricardo. – não é nada não. Vim somente trazer uma encomenda que seu Alexandre mandou. – Diga a ele para mandar o carro cedo. As meninas vão para Recife às quatro horas e o carro deve estar aqui às três. Carro para a mulata. Só a luxúria daria aquela coragem ao português. Não haveria no mundo força maior do que aquela. Seu Alexandre gastando os cobres naquele cortar. Alugara automóvel para a amante fazer curso com os ricos. Sem dúvida com a sua boa fantasia de seda, o seu saco de confete para as meninas, que aproveitavam as gentilezas da rapariga. E d. Isabel que nunca soube na vida o que fosse um domingo de carnaval. Guardando os tostões. Na beira do fogo, na beira do tanque, para que seu Alexandre fizesse o pecúlio, criasse as banhas que tinha. A mulata botava fora todos estes tostões que a d. Isabel recolhera. E ainda por cima com um violão em casa, deixando as sobras para o galego (REGO, 1999a, p.98).

Dona Isabel fugira de Portugal com quinze anos na companhia do seu marido. Ela sabia das aventuras do mesmo, e o seu medo era receber notícias da morte do galego por ocasião de algum destempero ou ciúmes. Ela mesma dizia, “Alexandre precisa se divertir” (REGO, 1999a, p.92).

Josefa não representava uma ameaça a dona Isabel. O namoro com seu Alexandre reveste-se como troca de favores. Cabe a Josefa o papel de amante, objeto sexual do galego. “Josefa cumpria parte dos papéis da esposa no lar do português; papéis que estavam implícitos na estrutura da família devido à posição de poder do homem, mas, ao mesmo tempo, papéis que eram, pelo menos neste caso, de caráter externo” (BENÍTEZ, 2007, p.46).

No entanto, o avarento do seu Alexandre economiza com a mulher. Enquanto dona Isabel trabalhava para a riqueza do galego, na casa de dona Josefa o violão chorava com os negros bebendo e comendo com o dinheiro do português.

Freyre (1981) destaca diferenças culturais em residência de rico e de pessoa pobre. Nos sobrados foram substituídos os violões por pianos de calda de onde saíam os sons de França e Itália. O violão torna-se o símbolo das classes mais baixas, de degradação e escárnio.

O violão e a modinha de mãos dadas refugiam-se “nas palhoças dos negros e dos pardos, e nas mãos dos capadócios, dos cafajestes, dos capoeiras, ao lado das rudes vasilhas de barro, das redes de fio de algodão, dos santos de cajá, das rendas e dos bicos de terra” (FREYRE, 1981, p.394).

Alexandre, homem de posses, sustenta o vício da sua mulata fogosa nas festas de carnaval. Os alaridos e safadezas com os homens de vida mansa, dos malandros entrando e saindo da residência de Josefa toma o impulso de revolta de Ricardo. Ajudante e amigo de dona Isabel fazem o moleque sentir mais raiva do galego do que a própria mulher do português.

Com o tempo a população de cor do Recife foi adquirindo o hábito de utilizar padrões de vestimenta dos brancos. E não apenas os objetos de adorno, mas doenças exclusivas dos brancos. “E também o uso de insígnias, por algum tempo de raça, de classe e região dominantes, ao mesmo tempo que de sexo forte, como a bengala, a bota de montar cavalo [...] a sobrecasaca, a luva, o anel” (FREYRE, 1981, p.397). Símbolos da época que afirmavam o *status* social dos que usassem famosa insígnia, d. Josefa aparecendo de *peignoir* era aparentar sua condição de mulher de classe alta em bairro de gente pobre e negra.

Os sobrados do Recife incorporando-se ao gosto e estilo de padrões europeus justificam seu repúdio às áreas onde camadas de população miserável se davam ao gosto do violão e as marchinhas de carnaval. Ali na Encruzilhada, por onde Ricardo distribuía os pães viviam pessoas importantes, em especial senhores de terras, latifundiários. Os sobrados construídos segundo o padrão e gosto da época, revelavam os traços e aspectos de uma sociedade aristocrata. O sobrado é a representação social do poder patriarcal dos latifundiários em terras urbanas. Alguns sobrados eram diferentes no material utilizado. As famílias mais ricas constroem sua casa utilizando material resistente, e a arquitetura resplandecia uma imponência das classes mais ricas. Muitas destas utilizando material de primeira qualidade, como tijolo, pedra, cal, madeira de lei (pau-ferro, pau-d’arco, cedro) destacavam-se no espaço urbano (FREYRE, 1981).

Freyre (1981) confirma o sobrado da cidade como extensão da casa-grande do engenho. Inclusive destaca os vários pavimentos da casa da cidade, em que o térreo era destinado a criadagem do senhor.

Ricardo na Encruzilhada distribuindo os pães pelos sobrados apaixonou-se por Guiomar. Criada do Engenho do Cabo ajudava o seu patrão quando este passava tempos no Recife.

Ricardo desconfiava com estas conversas e por isso pouco queria convivência com a gente de fora. Guiomar se fora para o engenho do Cabo. O patrão há quase um ano que não passava tempos em Recife. A casa se fechara. Só o jardineiro ficava tomando conta dos troços. – quando chega o pessoal, seu Lucas? Seu Lucas não sabia: - O coronel não me mandou ordem nenhuma. O balaio de pão pesava mais na cabeça dele. Até já gostava da negrinha. O namoro pegara de vez. À noitinha, depois do serviço, ia para o muro conversar com ela. Nem sabia o que conversar. Palavra vem, palavra vai, e quando ele dava por si, ouvia o grito da senhora: - Entra, Guiomar! Guiomar entrava, e ele voltava num pé e noutro de contente para o seu quarto. E era um dormir de príncipe, um sonhar de venturoso. Tudo, porém, tinha o seu fim. O coronel voltou para o engenho. Começara a sentir que o serviço era pesado demais e a ter raiva do seu Alexandre. O que diabo era noventa mil-réis por mês para o que ele fazia? O povo da padaria bem que tinha razão. O que o galego queria era encher o rabo às custas dele. Foi ao seu Alexandre e falou. O portuga abriu a boca no mundo: - dou-lhe almoço e janta, senhor Ricardo. Dou –lhe dormida, o senhor tem um quarto para dormir. Pago-lhe bem, senhor Ricardo. Que mais o senhor quer? Mas aumentou dez mil-réis (REGO, 1999a, p.21).

Apesar do aumento Ricardo sentia repulsa do patrão. Ele mesmo não entendia esse sentimento de ódio. Ricardo era o único na padaria que seu Alexandre falava sem descompostura. No entanto, não conseguia definir essa cólera que sentia pelo português.

Todos na padaria tinham o que dizer do patrão. Menos Ricardo. O negro, porém, não gostava dele. Havia uma grande diferença entre eles. Não era porque fosse branco. O velho Zé Paulino, d. Isabel, Maria Menina, Carlinhos, todos eram brancos e Ricardo gostava de todos. Mas havia uma coisa no seu Alexandre. Às vezes Ricardo tinha até vergonha daquilo. Se o homem nunca lhe fizera mal, se tratava tão bem, por que então aquela raiva, aqueles desejos de que acontecesse alguma desgraça ao patrão? Sim, desejava coisa ruim para o portuga. Quando via saindo para a casa da mulata, ficava imaginando no que podia acontecer ao seu Alexandre. Pela vontade dele, a mulata enganaria o velho, um amante dela pegaria seu Alexandre na faca. O negro caía em si nestas ocasiões. Que mal lhe fizera seu Alexandre? (REGO, 1999a, p.35).

O serviço como balaeiro na Encruzilhada possibilita ao moleque Ricardo a experiência para compreender a nova dinâmica social, econômica e cultural do Recife. Uma nova paisagem era consumida pelo moleque, com ruas largas, sobrados, trens.

Sentia a terra tremer nos pés quando a maxabomba passava por perto fazendo um barulho medonho. Olhava para o trem apinhado de gente pobre que ia para o pesado. Com pouco balaio já não pesava na cabeça. Estava findo o serviço da manhã. O português esperava em casa no balcão, a mulher lavando lá dentro o vasilhame da padaria.

Ricardo ia auxiliar os masseiros para não ficar de braços cruzados. O forno aceso comia lenha a valer. Era Ricardo quem de machado partia os paus que chegavam. Eram bem pagos os noventa mil-réis por mês. Se dissesse ao povo do engenho que ganhava aquilo, o povo não acreditava (REGO, 1999a, p.15).

Para Amorim (2007, p.57) “a vida de Ricardo no Santa Rosa já é uma distante *vida velha* face à *vida nova* do Recife”. Assim, ao longo dos anos na cidade a vida do engenho vai se distanciando, porém retorne em seu pensamento quando se sente só, abandonado por alguma razão. Normalmente Ricardo lembra os seus familiares quando o seu coração encontra-se calejado pelo amor não correspondido. Seja o amor de Guiomar, ou a lubricidade do amor de Isaura.

Engraçara-se de uma mulata mais clara que ele, a quem entregava pão de manhãzinha. Esta não fugia como Guiomar, não se encolhia arisca com medo de pegar na mão dele. A moleca gostava de homem que soubesse fazer as coisas: sair de noite para os lugares escuros por onde a luz do gás não descobrisse segredos. A moleca Isaura ensinava ao negro desconfiado (REGO, 1999a, p.63).

Em conversa com seu Lucas, o negro esmoreceu quando soube que o barbeiro Leôncio havia tomado veneno por causa da negra.

O moleque abriu a porta do quarto, tomou o ar da madrugada da rua, respirando com todos os pulmões. Os cajueiros do sítio cheiravam. De um estábulo de perto ouvia-se o falatório de gente tirando leite. Tiniam os chocalhos. O moleque se lembrou das manhas do engenho. Do curral cheio de gado, da lama até nas canelas e dos potes de leite. Teve até saudade de lá. Porém havia aquela história de Isaura (REGO, 1999a, p.65).

O moleque queria apenas alguém para amar. Ricardo era calado, tímido. Seus amigos de padaria, não. Davam-se as farras, as raparigas. “Todos os seus conhecidos faziam zona, davam-se às mulheres [...] conhecia até um que se metera com mulher da rua Estreita do Rosário [...] mulheres da rua Estreita do Rosário pediam coragem e dinheiro” (Ibid, p.21). O moleque teve suas experiências nos tempos do engenho, nas lubricidades com as negras da região. No entanto, “preferia mesmo ficar ali pela Encruzilhada. Zefa Cajá deixara-lhe pavor pelas moléstias-do-mundo” (Ibid, p.21).

O cabriolé do coronel Lula de Holanda, os cavalos de raça do coronel José Paulino, o carneirinho de Carlinhos de Melo, o carro de boi do carreiro Miguel Targino de vara e macaca para açoitar o “motor”, os engenhos, os rios, tudo isso tinha passado.

Ricardo via agora o frenesi, a bagunça do povo, a maxabomba “rasgando” o trilho, levando operário.

A Encruzilhada⁴¹ é um dos bairros mais antigos do Recife e ganhou essa denominação em referência ao cruzamento dos trens vindos de Beberibe, Recife e Olinda. Antes existia um curral onde eram descarregados bovinos e suínos provenientes de outras áreas. À medida que o bairro vai crescendo, tomado por casas residenciais e comerciais os trens foram substituídos por bondes elétricos no intuito de levar agora operários das regiões mais pobres à Encruzilhada. Os trabalhadores da padaria de seu Alexandre moravam nos mocambos distantes do bairro e faziam o percurso por trens e bondes.

Numa importante contribuição aos estudos sobre transporte público no Recife, Duarte (2005) assinala a importância das antigas maxambombas como incremento tecnológico na vida urbana do Recife e a transformação na paisagem que a mesma sofre com esse aparato da modernidade.

Na Encruzilhada, Ricardo toma amizade com seu Lucas, jardineiro da casa onde morava seu primeiro amor Guiomar. Lucas é jardineiro da casa onde também morava Guiomar. A habilidade que tinha em cuidar de suas flores era mesma para o catimbó, o xangó, que realizava. Seu Lucas é pai-de-terreiro. A razão do cultivo das plantas é para sustentar os seus cultos. Existia o queixume do povo da Encruzilhada pelo negro sacerdote. Achavam que vivia do mal. Ricardo teve essa impressão, mudando logo de idéia quando passa a conviver mais próximo do pai-de-terreiro.

Castro (1959, p.13) revela o fascínio por essa grande cidade que é o Recife. Por essa diversidade cultural. “Não é cidade duma só cor, nem dum só cheiro [...] por seu arranjo arquitetônico, pela tonalidade própria de cada uma de suas ruas, o Recife é desconcertante”.

Os operários da padaria de seu Alexandre moravam quase todos na margem do rio Capibaribe, Beberibe, nos mocambos fedorentos. O Negro do cilindro, Deodato, Florêncio entre outros moravam distantes da Encruzilhada, nos mocambos. Ricardo tinha seu quarto e sua rede nos fundo da venda do seu patrão e guardava seu ordenado na mala de flandres que trouxe do engenho. Não pagava aluguel, nem comida e bebida. Para um solteiro vivia muito bem. Já os seus companheiros de padaria de onde moravam e das despesas de família ganhavam uma miséria. Quatro mil réis por dia,

⁴¹ Cf. Halley (2009)

vinte e oito mil réis por semana, cento e doze mil réis por mês. Muito pouco para um operário sustentar uma família; uma mulher e quatro filhos em média.

O negro do cilindro sustentava um familião. Aquela gente passava mesmo necessidade. Ali eles tinham que comprar tudo, pagavam o casebre onde moravam. Pior que no engenho. Eles passavam mais fome que no engenho. Lá pelo menos plantavam para comer, tinha as suas espigas de milho, a sua fava para encher barriga. No Recife tudo se comprava (REGO, 1999a, p.30).

Florêncio morava na rua do Cisco com sua mulher e quatro filhos. Fome e tuberculose naquela rua era epidemia. Assim como Ricardo, Florêncio e sua família estabeleceram-se na cidade no intuito de crescer na vida. São camponeses oriundos de terras de engenho. A nova vida na cidade aos poucos caminha para o abandono e desespero.

O masseiro, a mulher, e quatro filhos, dormindo numa tapera de quatro paredes de caixão, coberta de zinco. Custava 12 mil-réis por mês. A água do mangue, na maré cheia, ia dentro de casa. Os maruins de noite encalombavam o corpo dos meninos. O mangue tinha ocasião que fedia, e os urubus faziam ponto por ali atrás dos petiscos. Perto da rua lavavam couro de boi, pele de bode para o curtume de um espanhol. Morria peixe envenenado, e quando a maré secava, os urubus enchiam o papo, ciscavam lama, passeando banzeiros pelas biqueiras dos mocambos. Comiam as tripas de peixe que sacudiam pela porta afora. O bicho feio ficava de espreita, esperando. Os filhos de Florêncio passavam o dia pelo lixo que as carroças deixavam num pedaço de maré que estavam aterrando. Chegavam em casa, às vezes, com presas magníficas: botinas velhas, roupas rasgadas, trapos que serviam para forrar o chão, tapar os buracos que os caranguejos faziam dentro de casa. Eram bons companheiros, os caranguejos. Viviam deles, roíam-lhes as patas, comiam-lhes as vísceras amargas. Cozinhavam nas panelas de barro, e os goiamuns de olhos azuis, magros que só tinham o casco, enchiam a barriga deles. Morar na beira do mangue só tinha esta vantagem: os caranguejos. Com o primeiro trovão estourava, saíam doidos dos buracos, enchiam as casas com o susto. Os meninos pegavam os fugitivos e quando havia de sobra encangavam para vender. Para isto andavam de noite na lama com lamparina acesa na perseguição. Caranguejo ali era mesmo que vaca leiteira, sustentava o povo (REGO, 1999a, p.30).

A ausência do poder público, a exploração de seu Alexandre e a demagogia de alguns políticos da época, a exemplo do Dr. Pestana, um aproveitador das classes mais baixas usando-as como “escudo” para uma possível deputação são comprovações de que os operários estão abandonados. Em tempos de Brasil transitando o seu poder da esfera rural a urbana, os “sobrados” exercem domínio sobre os “mocambos”. Ricardo

agora mais íntimo da família de Florêncio compreende que na beira do mangue há mais miséria que no engenho.

Morava muita gente naquela beira de mangue. De lá saíam homens que iam pegar açúcar no cais, cinco arrobas na cabeça, das barcaças para o armazém; operários de fundição; balaieiros; aleijados que viviam e esmolam pelas portas. E no entanto aquele curtume ali perto fedendo, empestando as águas que tanto serviam, matando os peixinhos. Só os caranguejos resistiam. Eles e os urubus. Ricardo achou então que havia gente mais pobre do que os pobres do Santa Rosa. Mãe Avelina vivia de barriga cheia na casa-grande. Se ela viesse para ali e caísse naquela vida? Se os seus irmãos saíssem para o lixo, ciscando com os urubus? Florêncio ganhava quatro mil-réis por noite. O que eram quatro mil-réis no Recife? Uma miséria. Por isso o outro falava em greve, com aquela força, aquela vontade de vencer. Ele não. À vista de Florêncio, passava bem. Pão com café de manhã, o almoço do seu Alexandre, quarto de príncipe para morar e 120 mil-réis por mês. Florêncio trabalha mais do que ele, ganhava menos. Não tinha culpa de nada. Não era ele que mandava em coisa nenhuma (REGO, 1999a, p.31).

A fome e moradia precárias são questões cuja discussão merece destaque na narrativa de Lins do Rego. A consciência de exploração a qual Ricardo sente não está somente nele, mas é compartilhada com seus amigos que o ajudam a entender, seja nas conversas no ambiente da padaria ou nas reuniões da Sociedade, de que forma grande parte da população do Recife consegue sobreviver com tão poucos recursos.

No Recife os problemas de concentração de renda e crise de habitação levam a maioria da população a adotar estratégias de sobrevivência. O mocambo torna-se importante recurso de sobrevivência das camadas mais baixas de população. Segundo Castro (1959) o Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de folhas de flandres.

O Recife criou uma estrutura urbana que alterou a antiga impressão colonial, nos moldes do que fez pioneiramente o Rio de Janeiro, com ruas largas, pontes e sobrados pomposos, confeitarias e praças espaçosas. Os novos tempos pediam uma cidade mais limpa, mais salutar, criando a imagem de cidade que acolhesse muito bem a parcela da população de grande poder aquisitivo residente e dos visitantes de fora.

O porto de Recife recebia a demanda de atividades econômicas desenvolvidas no interior do próprio estado de Pernambuco e de outros estados circunvizinhos, em especial Paraíba e Alagoas, em virtude da produção de açúcar que era exportada. Havia

a necessidade de se remodelar a estrutura espacial dessa cidade colonial, cujo modelo ultrapassado não atende mais as necessidades dos investidores.

Excluídos dessas reformas a população de baixa renda, muitos deles vindos do interior em busca de trabalho e melhores condições de vida, refugiavam-se nesses mocambos. Com o tempo a área central do Recife remodelou-se, e os espaços periféricos foram tomados pela insalubre, imundice e promiscuidade.

Toda sorte de miseráveis sobreviviam nesse espaço insalubre que destoava dos sobrados charmosos do centro do Recife. Moravam nos mocambos balaieiros, operários, prostitutas, cegos pedintes, lavadeiras, empregadas domésticas, etc., que na madrugada fria e úmida despertavam com as caras mal dormidas na busca de sua sobrevivência.

Em tempos de chuva a paisagem nos mocambos segue morta. O ritmo de vida ali se torna quase estática. Só se ouve tosse de tuberculoso. “A estrada arrasada, pelas chuvas de maio, está lama só. Os pés chatos dos balaieiros se enterram na terra mole, espirrando barro por entre os dedos” (CASTRO, 1959, p.21).

Nos dias que seguem homens, mulheres e crianças abandonam suas humildes choças procurando cada um deles sua ocupação. Segue os mocambos resistindo as intempéries do tempo, para quando chegar a noite recebê-los em chão frio e coberto por papelão. Conforme aponta Vilanova Neta (2005)⁴² os mocambos é resultado da evolução urbana do Recife cujo inchaço populacional gera uma profunda crise habitacional. O mocambo assume a condição de sinédoque. O mocambo enquanto termo polissêmico constitui-se em múltiplas significações e representações.

Os mocambos do Recife constituem-se em tipos de impressões as mais diversas, com múltiplas interpretações. Símbolo da habitação popular foi o mocambo em sua forma e conceito objeto de divergência de alguns autores.

Sobre essas habitações populares Gilberto Freyre (1981) considera fundamental relacioná-la às atividades econômicas desenvolvidas na região da Mata pernambucana e a defesa de uma ecologia local. Nos centros urbanos valorizados pelos sobrados, os mocambos são importante espaço de habitação para a população de baixa renda, por se adequar a realidade do ecossistema, com utilização de matéria-prima local e barata, protegendo os moradores do sol e da chuva. Apesar de sua localização estar em espaço insalubre, em cima da lama, provia a alimentação dos moradores com os

⁴² Maria Amélia Vilanova Neta trabalha a relação da Geografia com a Literatura decifrando a paisagem dos mocambos do Recife em diálogo com o romance de Josué de Castro, *Homens e Caranguejos*, e Chico Science, com as letras do movimento cultural *manguebeat*.

crustáceos, importante refeição para a dieta local. Em defesa dos mocambos e criticando a postura de homens da época em relação a essas habitações Freyre (1981, p.380) comenta:

Grande parte do desdém do brasileiro “progressista” pela casa de palha ou pelo mucambo – sob vários aspectos, habitação boa para o meio tropical – parece vir de fato de ser o mucambo ou a palhoça um tipo de habitação associado durante séculos a classe, raça e região consideradas inferiores e das quais, muitas vezes, provém o “progressista” ou “reformador” ansioso de desembaraçar-se das marcas dessas origens.

Freyre defende os mocambos em virtude de ser o material ecologicamente correto, encontrado em áreas da própria região. Assim, justifica a natureza de sua utilização, em defesa de uma arquitetura tipicamente nacional, na valorização da identidade cultural do povo das áreas litorâneas.

No entanto, devemos destacar o aparecimento e localização da população recifense de baixa renda nessas áreas marginais em virtude da ausência do governo local em não providenciar moradia com padrões de qualidade e quantidade suficiente que leve o habitante a uma condição mais digna de sobrevivência.

Os mocambos destacam-se na paisagem recifense como elemento repulsivo, distante em forma e qualidade dos incríveis palacetes construídos para morada dos barões de açúcar. “O termo mocambo é originário do idioma africano quibundo e tem o significado de esconderijo” (VILANOVA NETA, 2005, p.32). Localizado em terreno insalubre próximo as margens de rios ou mais distantes dele, no inverno são bastante alagáveis. Não se realizando o escoamento das suas águas, uma drenagem ineficiente cria poças que favorecem o desenvolvimento de doenças. Entre dias de sol e chuva a rua do Cisco era muito diferente.

Um dia de chuva na rua do Cisco era um horror. A lama entrava por dentro de casa. O mangue fedia mais. As casas gotejando pelas folhas de zinco furadas. O inverno ali era duro. Ainda com sol a miséria podia contar a sua história. O céu, à noite, cobria-se todo com as suas estrelas. A lua tinha um mangue para se derramar por cima dele. Uma noite de verão na rua do Cisco não fazia vergonha (REGO, 1999a, p.126).

Nos tempos chuvosos aparecem com mais forças as doenças típicas de lugares cujo clima de muito calor e insolação favorece o seu desenvolvimento.

Eles ali também tinham a lua. Era mesmo que barriga cheia. Mas quando o inverno batia, enfurnavam-se todos, iam se valer dos molambos, dos sacos velhos. Chuva e vento frio que chegavam a zunir no zinco enferrujado. Tempo infeliz para mocambo! Os tuberculosos tossiam mais e dava muito anjo⁴³. A água amolecia o fio da vida. Às vezes as vertentes das enxurradas se juntavam com as marés altas. E tudo aquilo ficava parecendo um mangue só (REGO, 1999a, p.126).

Entre as diversas doenças que assolavam as áreas úmidas dos mocambos estão a tuberculose. Em virtude da ausência de água tratada, rede de esgoto ou fossas, moradia precária, alimentação de má qualidade e jornada de trabalho intensa a população residente encontrava-se vulnerável as enfermidade infecto parasitárias. Entre outras doenças que podiam ser encontradas facilmente debilitando a saúde dos habitantes do Recife são a disenteria, malária, varíola e tétano. A tuberculose sem dúvida era a enfermidade que ocasionava o maior número de doentes, e muitos deles resultando em óbitos.

Freyre (1981) separa algumas doenças que são relacionadas mais a população mestiças, e, outras em relação a população branca. Quanto ao primeiro as doenças venéreas e a tuberculose aparecem como principais moléstias nesse grupo. Assim, destaca o ambiente social e a situação econômica como fatores de resistência dessas doenças. Embora não resolva em sua totalidade, em defesa ou resguardo do “homem contra a tuberculose, a palha é excelente material de construção pobre para os trópicos; de habitação para grande parte das populações proletárias” (FREYRE, 1981, p.637).

Florêncio é mais uma das vítimas da tuberculose. Na verdade, a doença acelera-lhe a morte. O masseiro havia entrado no movimento grevista do Recife em nome da “Sociedade de resistência dos empregados de padaria”. No confronto contra a polícia local recebe um tiro no tórax que o deixa impossibilitado de trabalhar.

Quando cai em desgraça o masseiro recebe a notícia de Ricardo que o informa de sua saída do quadro de funcionários da padaria. Seu Alexandre não admitia funcionário seu participando de movimento grevista. Em necessidade a família de Florêncio recebe das mãos de Ricardo pão e dinheiro para amenizar o sofrimento.

Seu Alexandre puxando conversas. Um dia lhe perguntou por Florêncio: - Era um empregadão. Foi pena ter adoecido. Nada pude fazer, senhor Ricardo, mais do que mandam as minhas posses. Ricardo, porém, desconversava o assunto. Tinha até nojo do galego naquelas ocasiões. E ainda vinha falar naquela miséria. A freguesia

⁴³ Mortalidade infantil.

do seu Alexandre crescia. Entrava mais gente para a padaria (REGO, 1999a, p.94).

Seu Alexandre via o seu negócio expandir-se. Nas palavras de Freyre (1981, p.637): “O rico a estender-se pelo solo bom e seco, o pobre-ordinariamente mestiço, mulato ou negro – ensardinhado angustiosamente na lama” (FREYRE, 1981, p.637).

Quer dizer que não tem mais lugar para mim? – É, mais se arranja. – É por isto, Ricardo, que eu me meto na encrenca. Você não está vendo que isto precisa ter um fim? Bota-se para fora um homem somente porque caiu doente? – Não tem nada não. A gente arranja um jeito. Florêncio ficou triste com a notícia (REGO, 1999a, p.86).

No entanto, Florêncio ainda tem esperanças na luta da sociedade contra tal situação vivida por todos os operários. O masseiro acreditava na revolução, na luta contra a opressão patronal. Símbolo do operariado que, apesar de toda adversidade se dispõe a lutar e acreditar com veemência. Conforme aponta Melo (1990, p.281):

Na cidade vai encontrar outra miséria não aceita pelos humanos, uma miséria de que os homens se procuram libertar. E a ausência de Deus, aliás exceção na obra de José Lins do Rego que gravita em torno da divindade, é uma característica do proletário urbano. Um proletariado que no seu pequeno mundo da padaria já começa a sentir as influências dos mundos novos que estão surgindo, de uma consciência de classe, ainda indistinta, ainda passível de exploração como acontece na luta política que envolve o Recife da época.

Ricardo não acredita nessas mudanças, nos sonhos dos operários da padaria. No trabalho ouvia o amigo Florêncio falar das reuniões com Dr. Pestana. O chefe perguntava sobre a resistência na padaria. “- Como vai o Clodoaldo com vocês? Era o nome do presidente da Sociedade, mulato de cabeleira. Dali Florêncio saía como se tivesse voltado de uma missa pontifical” (REGO, 1999a, p.45). Ricardo ficou curioso quando soube que Carlinhos de Melo estava na luta e contra os operários. “- Gente do engenho só pode ser contra nós – respondeu Florêncio” (Ibid, p.46).

Conforme apontou Melo (1990) dá influência “dos mundos novos que estão surgindo”, Florêncio trazia notícias das reuniões e comentando sobre revoluções em outros lugares.

Florêncio trazia aquela notícia. Um tal de Carlos de Melo do engenho da Paraíba com outros formavam contra os operários. Ricardo pensou na coisa. Ele não sabia mesmo o que os operários queriam. Ali na padaria se falava em aumento de ordenado, em horas de trabalho diminuídas. Havia quem falasse mais alguma coisa. A Rússia estava governada pelos trabalhadores. Isto vinha num boletim escrito para os operários. Quem trouxe isto a padaria foi Simão. E quem leu foi

Francisco caixeiro, escondido do seu Alexandre para que ele não ouvisse. Incitavam-se os homens do trabalho para um movimento mais sério. Ali mesmos. A Rússia fizera um governo dos que haviam sofrido, dos escravos do campo e das fábricas. Aquele boletim inflamou o povo da padaria (REGO, 1999a, p.46).

Ricardo escutava as considerações de Florêncio e dos outros operários. Chegava a sonhar com uma justiça social, no campo, com sua família trabalhando em terras que outrora foi do velho coronel Paulino.

As terras dos grandes retalhadas pelos moradores dos engenhos. João Rouco com tantas braças de terra. Mão Avelina com casa na areia e roçado plantado. Era por isso que Carlinhos não queria. E o coronel Zé Paulino? E Maria Menina? E o dr. Juca? A terra seria para o povo. O moleque pensou nisto por muito tempo. Depois da ambição foi murchando. Não acreditava que pudessem botar para fora o coronel Zé Paulino, que tomassem dele o engenho Santa Rosa. O velho se havia enfiado na terra como um marco de pedra. João Rouco teria lá força para arrancar? De madrugada, quando saiu para o trabalho, ainda pensava naquelas coisas. O Santa Rosa moendo por conta dos trabalhadores. Qual nada. Aquilo só em sonho. Os cabras do eito teriam lá essa sorte? Ali mandaria para sempre o grito do velho. A terra não passaria para as mãos dos trabalhadores. Ricardo achava mais fácil tomar a venda do seu Alexandre (REGO, 1999a, p.47).

Florêncio idealiza a luta, a perseverança dos outros operários em nome de uma causa, em nome da sociedade e do Dr. Pestana. No entanto, quando falta comida a sociedade não o ajuda. Pagava religiosamente a taxa de dez mil-réis por mês para ter enterro e médico quando precisasse. Ricardo em nome de Florêncio foi solicitar a ajuda diante das enfermidades e das necessidades do amigo. A ajuda foi negada. Nem todos tinham a mesma opinião de Florêncio em relação a luta dos operários. Seu Lucas era um dos mais contrários a sociedade.

Soube que Clodoaldo está de venda no Largo da Paz? Veja só. Clodoaldo é mestre de padaria há não sei quantos anos. Nunca saiu daquilo. Veio este negócio do doutor Pestana e o cabra tirou o seu. Menino, se este povo tomasse meu conselho, a coisa era outra. Eu não digo que pobre procure sua melhora. Isto não. Tudo tem termo. Que serve a gente andar gritando, fazendo esparrame? O melhor é o pobre se unir. E agaranto que se a gente toda estivesse unida, estava mais garantida. Mas negro é bicho besta, menino. Não vê Florêncio? Vão morrer por aí à toa. Negro que pisa no meu terreiro do Fundão não cai nesta esparrela. (REGO, 1999a, p.90).

Simão não gostava de pai Lucas e havia entrado na sociedade, desligando-se logo em seguida quando soube da ajuda negada a Florêncio.

Havia patrões por aí afora que não se negavam a atender ao operário necessitado. Simão achava que a maioria só cuidava deles mesmos: - Operário secou o braço, é como fonte, ninguém procura mais. Operário só presta mesmo para o trabalho (REGO, 1999a, p.60).

O negro do Cilindro também compartilhava da mesma opinião:

Não dizia que essa gente de Sociedade o que quer é roer? Tai, Florêncio! Você vivia todo ancho com amizade de Clodoaldo. O masseiro, meio vencido, não discutia. Só fazia dizer: - eles estavam desprevenidos. Doutra vez não falta (REGO, 1999a, p.59).

Entre alguns estudantes da Faculdade de Direito que se rebela contra o Dr. Pestana está José Cordeiro. Era a favor da revolução, contra o latifúndio, os senhores de engenho e a exploração do trabalhador. Porém, não concordava com a atitude do seu professor, cuja intenção é apenas usar a massa como manobra política para uma futura deputação. Apesar de seu discurso firme e ideológico tinha na companhia de Carlos de Melo como um dos seus maiores admiradores, apesar de serem ideologicamente diferentes. Amigo de infância de Ricardo, Carlinhos (Carlos de Melo) acompanha José Cordeiro nos discursos inflamados.

Trabalhadores, este greve geral em que vos jogaram é uma farsa, uma exploração infame. Um sussuro correu pela sala. O Dr. Pestana ergue-se, visivelmente perturbado, gritando para o orador: - Farsa por quê? A mesa inteira se levantou com ele, a sala inteira se rebelou contra o orador. - Farsa! - continuou o rapaz, com a voz firme - , porque com ela se mascara uma manobra de baixa politicagem [...] - os interesses burgueses são mais levados em conta do que os das classes oprimidas [...] - nunca esperei isto de um aluno meu. Isto é uma infâmia. Os gritos de aplauso se sucediam. O Dr. Pestana levantou mais a voz: - Dou a vida pelo povo. - Fora! Viva o doutor Pestana (REGO, 1999a, p.36).

Jose Cordeiro estava com a razão. O doutor Pestana lança o operariado numa luta armada contra o Governo federal pela autonomia de Pernambuco. O exército nacional consegue reprimir o movimento operário e o chefe Pestana consegue fugir. Para não ser preso entra em acordo com os adversários frustrando o movimento operário que o acompanhou durante toda a caminhada de luta. Para Pestana esse acordo tem por objetivo a tentativa de mais a frente conseguir a tão sonhada cadeira parlamentar. Conforme aponta Marques Jr. e Marinheiro (1990, p.59):

O Dr. Pestana é inspirado na figura de Joaquim Pimenta, advogado e professor, líder dos operários na “Campanha da Fome” e numa greve geral, com o apoio do comércio e da imprensa, em 1921, obrigando o governo de Pernambuco a recuar. É com reservas e restrições que José Lins do Rego vê a liderança do Dr. Joaquim Pimenta, ao recriá-lo no personagem Dr. Pestana. Esta recriação torna O moleque Ricardo quase um “roman à clef”, onde alguns personagens podem ser identificados como pessoas reais, servindo de eixo ou ponto de partida para a narrativa. É bem sugestivo e sintomático o fato de José Lins ter trocado o nome Pimenta para Pestana. O primeiro sugere ardor (para a luta); o segundo, normalmente, está acima (da luta), mais adequado ao personagem, já que ele não se nivela aos operários, apenas os utiliza como instrumento, para conseguir o seu intento de ser deputado (MARQUES JR e MARINHEIRO, 1990, p.59).

Essa destreza de Lins do Rego em buscar fatos, pessoas e lugares reais enriquece a narrativa romanesca. Assim, podemos fazer do romance um repositório de representações que dão fôlego suficiente para interpretar um determinado recorte espacial. Melo (1990) destaca “O moleque Ricardo” como um grande romance político, estando na mesma linha de Graciliano Ramos com Vidas Secas. O cuidado ao retratar as pessoas mais pobres exemplifica a agonia político-social dos habitantes urbanos. No entanto, José Lins do Rego não segue o estilo de Graciliano Ramos por não acreditar em rupturas sociais ou por não seguir uma linha partidária e ideológica.

No entanto, o romance traz à tona algumas questões sociais pertinentes na discussão sobre o cotidiano dos habitantes urbanos. Uma dessas questões é o tipo de moradia e as doenças, já elucidado, e o problema da fome que assola toda a população miserável do Recife.

Com o balaio na cabeça andava Ricardo distribuindo os pães da manhã pelas ruas de Recife. Em algumas casas ele percebe que as portas não abrem, pois, a população miserável não tem dinheiro suficiente para experimentar daquele alimento. Ele carrega dentro de si o sentimento de solidariedade. Por ele deixava todo aquele balaio para os necessitados dos mocambos. A fome era grande demais para suportar. Misturam-se na paisagem urubus e os meninos que famintos comiam o que viam pela frente.

A falta de gêneros de primeira necessidade agravava ainda mais a situação dos doentes de tuberculose. “Sendo a tuberculose como é, doenças que se aproveita das condições precárias de vida, inclusive, como salienta o médico Álvaro de Faria, o “déficit no balanço nutritivo”, [...] ofereça aos cemitérios tão grande massa de tuberculosos” (FREYRE, 1981, p.638).

O drama dos homens em razão da ausência de gêneros diversificados para alimentação tem motivado sua discussão não apenas no campo científico e jornalístico, mas também no campo literário. Lins do Rego fornece aqui material fértil para compreendermos os homens migrantes do interior em busca de melhorias na qualidade de vida. No entanto, aniquilados por um sistema econômico opressor sobrevivem nos alagados do mangue com base na dieta alimentar pobre em vitaminas e sais minerais. Estudioso do tema fome Castro (2003, p.51) descarta a ideia de associar fome com questões naturais.

Querer justificar a fome do mundo como fenômeno natural e inevitável não passa de uma técnica de mistificação para ocultar as suas verdadeiras causas que forma, no passado, o tipo de exploração colonial imposto à maioria dos povos do mundo, e, no presente, o neocolonialismo econômico a que estão submetidos os países de economia primária, dependentes, sub-desenvolvidos, que são também países de fome.

Para saciar a fome endêmica a população dos mocambos, em especial a da família de Florêncio, sobrevive do clico do caranguejo. Este associado à farinha e o café ralo são a principal fonte energética dos moradores dos mocambos. O mangue é repositório de homem e caranguejo. Este “nasce nela, vive nela, cresce comendo lama, engordando com porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas” (CASTRO, 1967, p.29).

O carnaval para os mocambeiros disfarçava por um período de tempo aquela miséria reinante. Concordamos quando Benítez (2007, p.60) confirma que “a música e o carnaval ocupam um lugar muito importante nos mocambos como forma quase única de recreação e desafio”.

Por perto da casa havia ensaio de um clube de Carnaval. A cantiga chegava para acalantar o sono de Florêncio. O povo da rua miserável cantava de noite. Perto da lama cantava e dançavam. O carnaval vinha aí. Todo o ano, daquela rua saía o Paz e Amor com seus homens e as suas mulheres numa alegria de doidos, saltando como bichos criados na fartura. Dois meses antes já anunciavam a música que exibiriam na cidade. O Paz e Amor esquecia os urubus, a catinga do curtume, os filhos magros, para cair no passo. O carnaval era para aquela gente uma libertação. Podiam passar fome, podiam agüentar o diabo da vida, mas o Carnaval se espedaçavam de brincar. Com candeeiro na frente, bandeira solta ao vento, saíam para fora dos seus mocambos fedorentos para sacudir o corpo na vadiação mais animal deste mundo. Mulheres magras andando de Olinda a Recife ao compasso dos ritmos de suas danças. Ali na rua de Florêncio, a miséria não abria exceção para um só (REGO, 1999a, p.56).

O carnaval vinha como alento necessário aos mocambeiros da rua do Cisco. O povo daquela rua nesses tempos estava mais unido, “os laços que unem as famílias dos mocambos estreitam-se mais na época de carnaval” (BENÍTEZ, 2007, p.60). Os filhos de Florêncio não podiam brincar o carnaval como os outros negros; não tinha fantasia, a roupa para desfilar no Paz e Amor.

Os filhos de Florêncio faziam festa a Ricardo. Joaquim queria entrar no clube. Outros meninos estavam lá. – Que clube, menino, tu pode entrar no clube, tu pode comprar fantasia? Uma noite Ricardo trouxe o pano para Joaquim. O menino saiu correndo para dizer aos companheiros. A mãe se comoveu: - Seu Ricardo, o senhor está gastando dinheiro à toa. Precisava lá fazer isto? (REGO, 1999a, p.92).

Essa solidariedade de Ricardo com os mocambeiros da rua do Cisco revelam o contexto no qual o carnaval está inserido. Benítez (2007, p.60) comenta que “o carnaval funciona como uma resposta ou uma saída simbólica para o estado de pobreza que rodeava os mocambeiros e, ao mesmo tempo, como uma fonte de união das famílias”.

Diferente daquela produção de meses que os clubes do Recife tinham para sair no dia de festa, Ricardo lembrava que no engenho o carnaval era simples, modesto e com pouca gente.

No engenho se falava dos mascarados, mas ninguém deixava a enxada nos três dias. Eram dias como os outros. Pela estrada apareciam mascarados que todo mundo sabia que eram. Vestiam-se de negra e estalavam os chicotes, procurando pegar os moleques, que corriam se mijando de medo para as saias das mães. Na casa-grande, às vezes, quando havia gente de fora sacudiam água uns nos outros. E o coronel na calçada rindo-se das raivas e dos sustos que faziam as negras com as bacias d’água sacudidas com força. O carnaval ali era só aquilo. Raramente vinha clube do Pilar dançar no engenho. Aí a alegria era grande. Seu Fausto maquinista era quem arranjava estas visitas. O velho não gostava por causa dos trabalhos que davam. A casa se enchia dum povão contente. Abriam a sala de visita e o clube fazia as piruetas com o baliza na frente. Festão para os meninos e os moleques. Acontecia pouco um sucesso daqueles. Quase sempre o Carnaval passava pelo Santa Rosa como num dia útil. E então depois do casamento das filhas, o velho engenho nunca mais que abria os seus salões para os Douradinhos do Pilar (REGO, 1999a, p.99).

O carnaval do Recife grandioso como a própria cidade merecia o investimento necessário para a festa. No carnaval da rua do Cisco Ricardo começa um namoro sério com Odete, filha do presidente do Paz e Amor seu Abílio. Com a má fama de Isaura, negra que gostava de machucar o coração dos homens, Ricardo com Odete anuncia uma nova tentativa para amar.

No entanto Isaura estava com ele o tempo todo. Ricardo saía do engenho por conta da escravidão, e no Recife torna-se cativo outra vez. Isaura prendia o pensamento do moleque.

Na padaria ele fazia todo o serviço, e quando não ia para a casa da noiva, dava seus passeios. E numa destas vezes encontrou-se com Isaura: - Ai, Ricardo, ai, Ricardo! Como vai esta importância? Quando tu te casa? Isto sim que é vida. Falaram um pedaço e saíram andando, andando à toa. - Para onde tu vai, Ricardo? - lhe perguntou a cabra. - Pra parte nenhuma. Estou dando uma voltinha para depois ir dormir. Eu até já ia pra casa. - Vamos andando assim até lá embaixo? - Pra que? - Pra nada. Andando só. E foi andando com Isaura, à toa, sem saber para onde. A negra puxava ele para os escuros, e a negra junto dele com um cheiro bom. E quando chegou mais longe, a negra começou a mexer com ele: - Que é isto? E se pegaram como nas noites de antigamente. Rolaram no chão como bichos, até que um sujeito gritou de uma casa escondida atrás das árvores: - Quem está aí? Ficaram mudos. Ele por cima dela, sem respirar. Depois ouviram o homem fechando a porta. Os cachorros latiam no sítio. A negra encostada no corpo dele queimava como lagarta-de-fogo. Aquela Isaura era uma cobra no amor (REGO, 1999a, p.144)

Odete via em Ricardo a tentativa da emancipação da rua do Cisco. Ricardo casaria com Odete, mas esquecer Isaura é sua grande dificuldade. Também tinha dado a “palavra” a seu Abílio e sinhá Ambrósia.

O moleque casaria mesmo. Seu Abílio era homem bom, porém temperamental. Tinha a fama de brabo. Carroceiro de profissão trabalha como vigia para a família Pessoa. Por esse gênio impulsivo o sogro de Ricardo ficará aleijado, em virtude de uma emboscada na qual perde uma das pernas. Seu Abílio fica inválido. Antes mesmo de casar-se com Odete, já sente a responsabilidade de cuidar da família. O mexerico na rua do Cisco seria grande se o moleque não casasse com a filha do carroceiro.

Saíam os dois. O povo da rua do Cisco espiava também para a lua. Homens e mulheres aproveitando ao menos aqueles derrames de ternura. Conversaram fora das casas sobre a vida dos outros. Odete e Ricardo vinha sempre para o debate: - Aquela quando se casar vai pronta. Já se viu namoro daquele? Por que o negro não casa logo? Isto tem é coisa. Pobre com esta história de noivado é conversa. O

negro está é com sabedoria. Não está vendo a negra como anda calada, nem olha pra ninguém direito. Deixa ele. Abílio vem aí. – Qual nada! Abílio vale mais nada. Daqui que ele tome pé na vida, com aquela perna torada, vai tempo (REGO, 1999a, p.146).

Ricardo já sentia que aquele noivado era mais por obrigação que por amor.

Odete e Ricardo precisavam mesmo tomar o conselho de sinhá Ambrósia mas o moleque era outro, o amor baixaria de temperatura, não dava mais força para os beijos. Odete beijava, era mais carinhosa. Sem que ninguém visse, puxava ela o noivo para perto e agradava, acariciava com a ternura de quem tivesse medo de perder qualquer coisa. O negro tinha vergonha daquelas coisas. Odete não era para aquilo. Por que Odete fazia aquelas coisas feias? Aquilo era fogo. Via ele frio, diferente, e se esforçava para lhe despertar bem-querer. A mãe lhe dissera para agradar o noivo. Noivo gostava mesmo de agrados, de menina sabendo esquentar o sangue, despertar coisa boa [...] mas Isaura não saía da cabeça dele. Desde aquela noite que a cabra o perseguia. Sonhava com ela, não se continha de noite (REGO, 1999a, p.147).

Com a aposentadoria compulsória de seu Abílio sua família passa a morar na rua do Cravo. Os patrões arranjaram uma nova moradia para o carroceiro.

E voltando-se para Ricardo: - Diga ao Abílio que o que ele ganhava aqui continua ganhando. Cabra que serve bem não passa necessidade. Quando casa o senhor? É preciso fazer isto logo. E querendo um lugar aqui no armazém, pode vir. Ricardo saiu para a rua pensando. Todos queriam que ele casasse. Seu Lucas, o patrão de Abílio, o povo da rua do Cisco (REGO, 1999a, p.149).

Casando-se com Odete Ricardo mora com a noiva na casa do sogro. A rua do Cravo em nada lembrava a rua do Cisco.

A casa deles, na rua do Cravo, com os pés de fruteira botando no quintal, coberta de telhas, fazia figura de chácara junto da outra da rua do Cisco. Também seu Abílio era o único proprietário da rua dele. Os vizinhos todos pagavam aluguel. E passavam por lá os galegos vendedores de prestação. Na rua do Cisco eles não iam. A miséria era tão grande, que nem dava para os galegos comerem o seu pedaço. Lá só dava mesmo para urubu. Na rua do Cravo do Fundão a vida merecia mais nome de vida do que outra. O povo pisava em terra firme, dispunha de árvores para as sextas de sol quente. A miséria dali não se comparava à do mangue (REGO, 1999a, p.151).

Um dos desejos de Odete era sair da rua do Cisco. No entanto, a mulher de Ricardo aos poucos adoece. Os muitos anos morando no charco do mangue, com um ar venenoso, o fedor da podridão e os urubus a espreitar a lama imunda, faz Odete adoecer.

A pneumonia agravava-lhe os pulmões. Tinha dificuldade em respirar. Ricardo, que já não tinha motivações afetivas e sexuais com a negra, começa a ter repúdio, e a mesma contribuíra como mais um fardo em sua vida.

Era aí que mais lhe apertava o enfado, o nojo da vida. A casa era boa, de oitão livre, com quintal de arvoredos. A rua quieta não fedía, mas o moleque sofria como se lhe faltasse uma coisa essencial e um mal qualquer lhe estivesse maltratando. Não era luxo não. Era mesmo aborrecimento, vontade de ser o que não podia ser, de ser livre, de chegar tarde em casa, de se meter com mulheres, de fazer coisas que não fizera em solteiro. O trabalho era mesmo que lhe ser um remédio. Enquanto tocava a corneta e entregava os pães, cobrando as contas, Ricardo se esquecia da rua do Cravo. Tinha pensamentos de doido. E se ele se danasse, fugisse de tudo, fosse para um lugar bem longe, viver como um cachorro, mas viver sem a família? Arrependia-se dessas cogitações. Com a mulher junto dele, pensava na morte dela. Seria ótimo para ele se Odete morresse. Surpreendia-se assim com este desejo facínora. Corria dele. E procurava uma coisa para agradar a Odete, fazendo-lhe uma carícia, para recompensar o mal que lhe desejara. Vinha-lhe pena pela pobre sofrendo, entregando a ele o corpo com tanto ardor, se desmanchando na cama em amor. Por que não seria feliz? O que queria mais, o que lhe faltava? O moleque que se criara na senzala fedorenta do Santa Rosa, com a mãe se espojando na cama com os homens, sentia nojo da rua do Cravo (REGO, 1999a, p.156).

Ricardo sabia do seu papel naquela família. Abílio inválido, Odete consumindo-se na doença. Era o varão da família. Esse papel simbólico pesava em suas costas. No entanto, não era feliz. Queria liberta-se daquilo. Desejava a morte da mulher, por mais que depois se arrependesse do pensamento mesquinho. A relação extraconjugal que mantinha com Isaura, por um momento o fazia esquecer-se das preocupações da casa. Tinha repúdio em deitar-se com Odete.

Estava com frio. Ele iria esquentar o frio da mulher. A gente da rua do Cravo só falava na felicidade da família. Estavam ali dentro: seu Abílio, os pássaros, a sogra. Todos gostavam dele e todos pensando que ele gostasse também. Tinha era vontade de que todos morressem. Se ele pudesse fugir para o fim do mundo! Para o fim do mundo fugir uma vez para sempre. – Ricardo, vem, meu nego. – Odete está te chamando, Ricardo – dizia sinhá Ambrósia. – Já vou, estou aqui tomando uma fresca. Ele ia. Era obrigado a ir. A mulher queria o moleque para a luxúria doentia dela. E sinhá Ambrósia não permitia que ele não atendesse à filha (REGO, 1999a, p.160).

Com a morte de Odete Ricardo livra-se da obrigação do laço familiar com seus sogros. Com Odete não teve filhos, mais uma razão para não ter vínculo com os pais da

negra. Apesar da boa relação com seu Abílio e sinhá Ambrósia ele prefere morar novamente na padaria de seu Alexandre. Conforme aponta Benítez (2007, p.56) “Ricardo abandona uma gente que em algum tempo fora sua família, mas, com a qual já não há mais vínculos de parentesco”. Ao contrário do engenho, no mundo da várzea, na cidade existiam limites definidos para relações de parentesco, podendo ser rompido no caso de Ricardo. Ele torna-se livre novamente. Os companheiros de padaria animavam-o:

- Simão me disse que você está com medo de deixar a casa de Abílio. Até pra falar a verdade, eu é que estou admirado de como você ainda está por lá. Franqueza. Que diabo está fazendo você ali? Abílio é seu pai? Morta a filha, ele é que nem deve querer mais estar olhando pra cara de genro. Eu é que não queria. Se fosse comigo, genro que se danasse. E depois, você não tem família (REGO, 1999a, p.174).

Quando volta morar novamente na padaria Odete vem junto em seu pensamento. Falta-lhe o sono e o cheiro do quarto aflige o moleque. Lembrava-se do seu povo como um refrigerio:

Os trens de Beberibe apitavam de longe. E de mais longe ainda os de Paraíba. Nestes momentos é que ele se consolava um pouco com as saudades de seu povo. Fora um infeliz em ter saído do meio dele. Pelo menos por lá a vida era só uma, um serviço só. Ali era o que se via: casamento, nojo, medo de dormir (REGO, 1999a, p.172).

Fugia das lembranças de Odete acompanhando o trabalho dos operários na luta para afinar a massa do pão. Nem com Isaura podia Ricardo esquecer-se do sofrimento e nojo que sentia por Odete. “Isaura não morava mais na Encruzilhada, fora-se para outro lugar com o seu cheiro gostoso chamando os homens” (REGO, 1999a, p.175). O moleque sofre. Está decidido a voltar ao engenho.

Foi quando Ricardo se lembrou de mandar uma carta para a mãe boa, para a Mãe Avelina. Ele queria voltar para sua terra, para sua mãe, deitar a cabeça no seu colo, sentir as mãos dela na sua cabeça. Aquela sim, que fazia as coisas para ele com gosto, sem enfado. Nunca que ele se enjoasse de seus agrados. E foi assim com estas saudades que ele pediu a uma pessoa para escrever uma carta ao povo do engenho. Iria embora dali, onde só ouvira falar de miséria, onde nem amar pudera como o seu coração pedia. Guiomar morrera, Isaura fizera aquilo e Odete apodrecera para ele. Iria para o engenho outra vez (REGO, 1999a, p.175).

Ricardo convencido pelos amigos de padaria resolve ficar no Recife e participar das reuniões da sociedade. Entrega-se ao movimento. A falta de amor, a morte de Florêncio são carências sentidas pelo moleque. Essa fase de sua vida é confirmada por Marques Júnior (2002) quando o revela que o personagem vai participar do movimento grevista do Recife em virtude da ausência dos seus, dos mais chegados, dos amores, dos amigos. Ricardo vai encontrar solidariedade e companhia na sociedade, junto aos operários de padaria. A greve dos operários fazia-se pelo direito que o trabalhador tinha de se alimentar. A Greve da Fome, ao contrário da antecessora que era pela autonomia do Estado, liderada novamente por Dr. Pestana tinha o operário junto com ele. Dessa vez Ricardo estava no confronto. No entanto, o Governo sufoca os grevistas e prende uma grande quantidade de operários, inclusive o próprio Ricardo. Todos eles serão levados para o presídio de Fernando de Noronha.

Eles iam para Fernando de Noronha. O governo caíra em cima dos centros operários com uma fúria de ciclone. Não ficou um que não fosse arrebitado e que os seus diretores não comessem virola e cadeia. O dr. Pestana, metido em prisão por umas horas, teve a mulher para gritar por ele, *habeas-corpus* que o livrasse dos constrangimentos. Os chefes operários iriam para Fernando. Lá estavam os ladrões e criminosos curtindo penas. Para lá iriam os operários. Sebastião e o povo da padaria de seu Alexandre estavam na lista para seguirem. Diziam os jornais que Sebastião era um perigoso agitador e a padaria onde ele trabalhava um foco terrível. Fernando de Noronha com eles (REGO, 1999a, p.185).

A vida de Ricardo teve esse destino. Sonhava com a cidade como uma janela aberta pra livrar-se da opressão que sofria no engenho. Saía dela como preso, por lutar por dias melhores pelos famintos, os miseráveis dos mocambos, os operários. Como afirma Marques Júnior (2002) “Ricardo faz um caminho em que alterna uma personalidade passiva com certas atitudes determinadas”.

Ricardo acena para o Recife como o lugar da salvação. Ele vive a cidade, toma contato com o povo, com as paisagens. A sua maturidade foi se formando passo a passo. Na rua do Arame com dona Margarida. Seu Alexandre e os gritos impertinentes. Rua do Cisco, com os mocambos e os urubus disputando com os filhos de Florêncio pelos restos de comida. Com os seus amores: Guiomar, Isaura e Odete. Esta última sente nojo, asco. Com Isaura era amor pra valer; mas a negra não era de confiança, era negra de todo homem. Todos esses anos no Recife o moleque depara-se com a miséria, a opressão, o infortúnio, a saudade e a falta de amor. Este é o que mais falta ao moleque, e

é o que ele mais persegue. No engenho ele guardou paisagens, impressões. No Recife ele guardou experiências, onde ele amadureceu. Viu que era mais feliz no engenho, quer voltar, porém sua saída do Recife não foi como ele esperava. Dois anos de prisão em Fernando de Noronha será suficiente para Ricardo entender que o Recife é mais prisão que o próprio engenho Santa Rosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Lins do Rego foi autor de vastíssima obra. Sua natureza de escritor memorialista o consagrou como um representante de mais puro estilo de narrativa sobre o Nordeste. Sevcenko (2003, p.286) aponta as mudanças e transformações que ocorreram no Brasil; “mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura”. Em vista disso podemos atribuir a literatura de Lins o Rego como importante recorte do tempo e espaço do Nordeste.

As transfigurações ocorridas no espaço e no tempo vivido por Lins do Rego são fundamentais no processo de construção de sua narrativa romanesca. Esta é viva no seio do homem que saiu da várzea paraibana e encontrou no Recife uma realidade espacial para se trabalhar uma literatura cujo enredo fugisse, em parte, a temática do mundo rural. Essa vivência foi posta no romance ficcional, trazendo nela impressões, sentimentos, dúvidas, incertezas, sensibilidades.

O enredo do romance, objeto de nossa pesquisa, nortearia nosso olhar mais crítico sobre as questões vividas pelo personagem principal, exprimindo com profundidade o lado perverso da cidade recifense. As representações do campo e da cidade, e suas relações de comparação na trama romanesca objetivam visualizar a geografia presente na obra do autor paraibano.

O processo de construção de bases teóricas e metodológicas foi sendo paulatinamente discutido na Geografia internacional e nacional. O resgate do humanismo na Geografia, valorizando o homem em sua totalidade, em todas suas dimensões, promoveu a arte como campo importante a ser utilizado nas interpretações e

análises do espaço. O romance sendo um documento de cultura assinala sua importância na interpretação da realidade geográfica.

A utilização de “O moleque Ricardo” está no sentido de apoio que este reveste-se na interpretação dos fatos ocorridos num momento e espaço específico. As narrativas ficcionais de Lins do Rego são produtos de suas memórias. Suas vivências, intenções, o conhecimento da geografia do lugar vivido constituem uma revelação do cotidiano do romancista. O amor ao solo, as experiências com o lugar, a interpretação do espaço geográfico são imanências na literatura ficcional linsdoregueana. A clareza e a expressividade de sua obra criam o imaginário do Nordeste agrário, atrasado, paternalista, dos mocambos e das lutas políticas.

A trajetória do moleque da bagaceira do engenho Santa Rosa sintetiza o painel social vivido pelo o autor de Pilar. Representam o drama vivido por uma criança negra com destino já tracejado, porém foge, vai à luta por não concordar em ser um trabalhador alugado, semi-escravo das terras do coronel José Paulino. Projeta o Recife como marco para uma nova vida. Escuta o povo do engenho, os que iam morar em terras desconhecidas, falar muito bem da cidade, e almeja conhecer essa paisagem desconhecida. Ricardo só queria ser feliz. Queria amar, ser amado.

As relações entre ricos e pobres são distantes daquelas que o moleque entendia quando morava no engenho Santa Rosa. Na cidade não existia sentimentalismo entre ricos e pobres. Seu Alexandre em nada lembrava o coronel Paulino. Sentia saudades do velho coronel, inclusive dos gritos, mas sabia da bondade do seu antigo dono. As amarras sociais entre os negros com as pessoas da casa-grande eram mais afetivas. Na padaria de seu Alexandre existia esse espaço lacunar entre camadas sociais. A relação de seu Alexandre com os operários da padaria tinha suas reservas.

Os anos vividos no Recife são suficientes para o antigo moleque entender que o engenho o acolhera melhor. A simbologia da paisagem do engenho o conforta. As experiências do Recife foram cruéis.

O desengano com o Recife foi maior quando passou a conviver com os amigos de trabalho, em especial Florêncio. Vivendo na rua do Cisco Florêncio e sua família sobreviviam do caranguejo e de objetos achados nos mangues. Ricardo constata a condição miserável do masseiro, e piora quando o mesmo entra em luta em nome dos operários do movimento grevista. Ferido e morando naquela podridão do mangue Florência vai morrendo aos poucos. Ricardo impressionado com aquela situação sente-se mais enojado da cidade. Testemunha do estado de penúria do amigo Ricardo socorre

aquela família. Sente-se mal ao ver amigo entrando na rua, ferido, quase um morto-vivo, e os filhos enaltecendo a figura do pai: “- Mãe sabia que o pai era herói? Foi seu Gomes que disse à gente [...] Florêncio, o herói do *Diário do Povo*, sem um tostão no bolso, com os filhos rotos, a mulher em casa e a fome atrás deles, como cachorro danado”. (REGO, 1999, p.87). Essa ironia flagrante na obra de Lins do Rego é marcante, quando relata a volta do masseiro a sua casa, com os filhos magros e a mulher passando fome.

A obra “O moleque Ricardo” configura-se como importante meio de análise geográfica. Entrecruzar Geografia e literatura para uma análise da relação campo e cidade, suas significações imaginárias, representações simbólicas do real, permitem realizar uma leitura da paisagem e dos lugares. A fuga de Ricardo do engenho à cidade recifense foi um recorte do tempo e espaço de um Brasil constituído de inúmeros problemas de ordem econômica, social, cultural e política.

No nosso entender esse trabalho torna-se relevante, pois amarra o campo da ciência e da arte como forma de interpretar e analisar o espaço. As memórias ficcionais de Lins do Rego são possibilidades de representações do real, e nelas confiamos no sentido de entendê-las como fonte documental.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Maurício de Almeida. **A apropriação do território no Brasil colonial.**; In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Explorações Geográficas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2006.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 4º Ed. Editora Cortez, 2009.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Em busca do poético do sertão:** um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de & Ratts, Alecssandro JP. Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003, p.71-88.

ALMEIDA, José Américo de. **O contador de Histórias.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

AMADO, Jorge. **Homenagem a José Lins do Rego, O menino de Engenho.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

AMORIN, José Edilson de. **Moleque Ricardo: memória e dilaceramento.** In: Ciência & Trópico, Recife, Vol. 31, n.2, Jul./Dez, pp. 1-80, 2003/2007.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Gilberto Freyre e os grandes desafios do século XX.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica do Nordeste:** o espaço e a economia nordestina. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, Gilberto Osório de. **O Rio Paraíba Do Norte.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego.** João Pessoa: FUNESC, 1990.

ARAGÃO, Solange de. **Tipologia edificatória em sobrados e mucambos,** de Gilberto Freyre. Revista da Pós. V.16, n.25, São Paulo, 2009.

ATHAYDE, Austregésilo de. **Sois um tema literário e humano bastante complexo.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **José Lins do Rego: trajetória de uma obra.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

AZEVEDO, Aroldo de. **“Os Sertões” e a Geografia.** In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 5, 1950.

BANDEIRA, Manuel. **Ciclo da Cana-de-Açúcar.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. **Foi a Velha Totônia quem me ensinou a contar histórias.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço e Lugar: O olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. **Geografia e os romances nordestinos das décadas de 1930 e 1940: Uma contribuição ao ensino.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia (FFLCH-USP), São Paulo, 1993.

BENÍTEZ, Maria Elvira Diaz. **O moleque Ricardo como crônica de vida de famílias negras urbanas na época da decadência do patriarcalismo.** In: Revista de Ciências Sociais, Vol.38, n.2, pp. 46-65, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 33ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização.** São Paulo: editora Companhia das letras, 1992.

BOSI, Ecléa Bosi. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

BRAGA-PINTO, César. **Ordem e Tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego.** Revista Ieb, n.52, p.13-42, set/mar, 2011.

BROCA, Brito. **Autobiografia e ficção.** In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

BROSSEAU, Marc. **Geografia e Literatura.**; CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BROSSEAU, Marc. **O romance: outro sujeito para a Geografia.**; CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidades**. Volume II. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. Coleção Visão do Brasil. São Paulo: Editora EDART, 1961.

CASTELLO, José Aderaldo. **Origens e significado de Menino de Engenho**. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. 2º Ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. **Fome: um tema proibido**. Últimos escritos de Josué de Castro/Anna Maria de Castro (org.). Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. São Paulo: editora Brasiliense, 1967.

CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In.: NOVAES, Adauto [et al.] O olhar. São Paulo: editora Companhia das letras, 1995.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. **As Abordagens da Geografia Cultural**. In: CASTRO, Iná Elias De; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Explorações Geográficas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.89-117.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O urbano e a cultura: alguns estudos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Cultura, espaço e o urbano. Rio de Janeiro: editora UERJ, 2006.

COSGROVE, Denis E; JACKSON, Peter. **Novos Rumos da Geografia Cultural**. In.: CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4º Ed. São Paulo: editora da UNESP, 1998.

COUTINHO, Afrânio (org.) **José Lins do Rêgo**. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

COUTINHO, Odilon Ribeiro. **José Lins do Rego**, menino de engenho da várzea do Paraíba. In: Ciência & Trópico, Recife, Vol. 10, n.2, Jul./Dez, pp. 149-160, 1982.

D'ANDREA, Moelma Selma. **A tradição re(des)coberta**: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas. 2º Ed. Campinas(SP): Editora Unicamp, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. 4ª Ed. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: editora Companhia das Letras, 1996.

DUARTE, José Lins. **Recife no tempo da maxambomba**: o primeiro trem urbano do Brasil (1867-1889). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Recife-PE, UFPE, 2005.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

FERNÁNDEZ, Gabriela Rodríguez. **A cidade como foco da imaginação distópica**: literatura, espaço e controle. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). Cultura, espaço e o urbano. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2006.

FIGUEIREDO JR, Nestor Pinto de. **Pela Mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho**. João Pessoa: Editora Idéia, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Recordando José Lins do Rego**. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 4ª Ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Em torno da recifensização de José Lins do Rego**. In: Ciência & Trópico, Recife, Vol. 10, n.2, Jul./Dez, pp. 175-188, 1982.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 2º Ed. Recife: Editora Artenova, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste rural do Brasil**. 4º Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. 4º Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Ferro e Civilização no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil**. 5º Ed. São Paulo: Editora Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Oh de Casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem**. Recife: Editora Artenova s.a, 1979.

FREYRE, Fernando de Mello. **Gilberto Freyre: ontem e hoje, além do apenas moderno**. In.: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.) **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Coleção ciências sociais. Bauru, SP: Editora EDUSC, 2003.

FONSECA, Edson Nery da. **Recepção de Casa-Grande & Senzala no Recife dos anos 30 e 40**. In.: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.) **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Coleção ciências sociais. Bauru, SP: Editora EDUSC, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 4ªEd. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Por entre becos e versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 6ªEd. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2007.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Olhar e memória**. In.: NOVAES, Adauto [et al.] **O olhar**. São Paulo: editora Companhia das letras, 1995.

GUSMÃO, Clóvis de. **A Terra é quem manda em meus romances**. In: COUTINHO, Afrânio (org.) **José Lins do Rêgo**. Coleção: **Fortuna Crítica**, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: centauro, 2004.

- HALLEY, Bruno Maia. **Da Encruzilhada a Água Fria**: Revisitando o bairro para repensar a identidade do lugar na cidade do Recife-PE. In: MACIEL, Caio Augusto Amorim Maciel. *Entre Geografia e Geosofia: Abordagens culturais do espaço*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: editora Brasiliense, 2004.
- IVO, Ledo. **Como a relva cresce**. In: *Ciência & Trópico*, Recife, Vol. 10, n.2, Jul./Dez, pp. 189-191, 1982.
- JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In.: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito Antropológico. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 4ª Ed. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ªEd. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Solange Terezinha de. **Geografia e Literatura**: Alguns Pontos sobre a Percepção da Paisagem. *Geosul*. Florianópolis, v.15, n.30, p. 07 – 33, Jul./Dez. 2000.
- LOPES, J. S. L. **Relações de parentesco e de propriedade nos romances do ‘ciclo da cana’ de José Lins do Rego**. In: *Revista Ciências Sociais*, volume IV, n.2, s/d.
- MACHADO NETO, Zahidé. **Estrutura social dos dois Nordeste na obra literária de José Lins do Rego**. Editora Universidade Federal da Bahia. Bahia, 1971.
- MAIA, Doralice Sátyro. **Uma leitura geográfica da obra de José Lins do Rego**: aproximando a literatura do ensino de geografia.: In: REGO, Nelson (orgs). *Geografia*. São Paulo: editora Artmed, 2011.
- MAIA, Doralice Sátyro. **A vaquejada**: De festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda de & Ratts, Alecssandro JP. *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, p.159-184.
- MAIA, Doralice Sátyro. **O campo na cidade**: necessidade e desejo. Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Florianópolis-SC, 1994.
- MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs). **Geografia e Literatura, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.
- MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Do sonho à memória**: Livia de Oliveira e a Geografia humanista no Brasil. *Geografia*, Londrina, v.12, n.2, p.5-19, jul/dez. 2003.

MARANDOLA Jr, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. Geografia, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009

MARQUES JÚNIOR, Milton; MARINHEIRO, Elizabeth. **O ser o e o fazer na obra ficcional de Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.

MARQUES JÚNIOR, Milton. **Quem Manda no Engenho?** (José Lins do Rego na Sala de Aula). João Pessoa: Manufatura, 2002.

MARANDOLA, Janaína de Alencar Mota e Silva. **Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (UNESP), Rio Claro/SP, 2007.

MARANDOLA, Janaína de Alencar Mota e Silva. **O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade**. Geografia, Rio Claro, v.31, n.1, p.61-81, jan./abr. 2006

MELO, Virgínius da Gama. **O romance político do Recife**. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Descortinando e (RE) Pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan.**; CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MINUZZI, Ivi Helena. **Elos da memória: O discurso dos avós sobre a cultura**. dissertação de mestrado. Programa de mestrado em letras e cultura regional. Universidade de Caxias do Sul, 2007.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. 5º Ed. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e história do Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

MOREIRA, Carlos Eduardo (*et al.*). **Cidades Negras: Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2006.

MOREIRA, Carlos Eduardo (*et al.*). **Cidades Negras: Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2006.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações sociais:** elemento para uma história. In.: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura:** uma reflexão. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n.46, p 7-32, jul./dez.2008.

PEREGRINO JR. **Língua e estilo de José Lins do Rego**. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier. **A história da escravidão**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: editora Boitempo, 2009.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **O negro tinha caráter como o diabo!**. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

RAMOS, Graciliano. **Zelins** (Carta). In.: COUTINHO, Afrânio (org.) José Lins do Rêgo. Coleção: Fortuna Crítica, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999a.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 75ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999b.

REGO, José Lins do. **Usina**. 35ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

REGO, José Lins do. **Meus verdes anos**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2002.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **A natureza e o Lunário Perpétuo no imaginário setanejo**. In: ALMEIDA, Maria Geralda de & RATTTS, Alecssandro JP. *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 89-112.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço:** Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: Editora USP, 2009.

SANTOS, Robson dos. **Cultura e Tradição em Gilberto Freyre:** esboço de interpretação do Manifesto regionalista. *Revista Soc. e Cult.*, Goiânia, v.14, n.2, p.399-408, jul/dez. 2011.

SEGISMUNDO, Fernando. **Literatura e Geografia**. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n.76, p.327-332, jul.1949.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: editora Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e Literatura**: A representação de Goiânia em fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (UFG), Goiânia, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SUZUKI, Júlio Cezar. **O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade**: uma leitura de A rosa do Povo. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 15ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2010.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O Moleque Ricardo**. In: REGO, José Lins. *O Moleque Ricardo*. 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

VILLAÇA, A. C. **Menino de Engenho**. In: REGO, J. L. Menino de Engenho. Rio de Janeiro: José Olympio, 75ª Edição, 1999.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento filosófico-religioso de José Lins do Rego**. In: Ciência & Trópico, Recife, Vol. 10, n.2, Jul./Dez, pp. 203-209, 1982.

VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Geografia e Literatura**: Decifrando paisagens dos mocambos do Recife. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005.

VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Representações literárias da metrópole**: uma contribuição ao estudo do urbano em geografia cultural. Espaço e Cultura (UERJ). Rio de Janeiro, nº.25, p. 85 - 96, Jan/Jun. 2009.

WAGNER, Phiplip L.; MIKESELL, Marvin W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In.: CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 4º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.